convergência
NOV • 1996 • ANO XXXI Nº 297

A VIDA RELIGIOSA NO SERVIÇO À VIDA: NOVAS DIMENSÕES DO PROFETISMO

Fr. Antonio Mozer

convergência

SUMÁRIO

EDITORIAL 521
Maria Carmelita de Freitas, FJ

PALAVRA DO PAPA
MENSAGEM DO SANTO PADRE PARA A
CELEBRAÇÃO DO XII DIA MUNDIAL
DA JUVENTUDE 524

INFORME CRB 528

A VR NO SERVIÇO À VIDA: NOVAS
DIMENSÕES DO PROFETISMO 533
Frei Antônio Moser, OFM

A POBREZA HOJE E A OPÇÃO PREFERENCIAL
PELOS POBRES NA VIDA RELIGIOSA ATUAL 540
Roberto Oliveros Maqueo, SI

DEUS É AMOR 550
Pe. Johan Konings, SJ

"DEBAIXO DESTE ANGU TEM CARNE.
REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE DEUS
NA SABEDORIA POPULAR E VIDA RELIGIOSA. 555
Frei Luiz Fernando Peixoto, OFM

CORPO COMO EPIFANIA DA PESSOA,
METÁFORA DA SOCIEDADE E
ÍCONE DE DEUS 568
Pe. José Roque Junges, SJ

ELEMENTOS PARA A ANÁLISE DE CONJUNTURA
O QUADRO MIGRATÓRIO ATUAL NO BRASIL 582
Pe. Luiz Bassegio, CS

NOSSA CAPA

Detalhe-arremate do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, de autoria dos artistas populares Anderson Sousa Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Mostra a caminhada ou, melhor, a marcha confiante da Igreja de hoje. O segredo é a fé. O seu Deus-Libertador é Jesus de Nazaré. Os pobres sustentam a cruz da Evangelização. Solidária com eles, segundo e seguindo o Evangelho, a Igreja participa de suas lutas na cidade e no campo. A Mãe de Deus, a Virgem Maria, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, indica a direção do amanhã. Vai à frente. Religiosos, mulheres e homens, se misturam. Somos um povo que alegre vai. O caminho é a nossa casa. Sempre estamos indo. Peregrinos no campo, na cidade, na favela e muito mais. Nos olhos, muita luz. Lá, bem dentro, a esperança que conduz (**Pe. Marcos de Lima, SDB**).

ASSINATURA PARA 1996:

BRASIL: taxa única
Terrestre ou aérea ..... R$ 50,00

EXTERIOR: taxa única
Terrestre ou aérea ..... R$ 85,00
Número avulso (Brasil) ..... R$ 5,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

convergência
Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:
Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:
Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:
Coordenadora:
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:
Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS
Pe. Francisco Taborda, SJ • Pe. Jaldemir Vitório, SJ
Frei Luiz Fernando Peixoto, OFM
Frei Prudente Nery, OFM Cap.

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:
Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4° andar
Cinelândia • Tel.: (021) 240-7299
20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:
Edições Loyola
Rua 1822 n. 347 • Ipiranga
04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 6914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

EDITORIAL

Maria Carmelita de Freitas, FJ
Belo Horizonte — MG

Na sociedade atual, a vida encontra-se ameaçada e negada de diferentes formas e em proporções alarmantes. A "lógica da exclusão" do sistema vigente, a violência inerente a esse sistema ou dele decorrente, a competitividade erigida em norma fundamental, a visão tecnicista e economicista da pessoa e da realidade, a crise ética sem precedentes são alguns dos fatores determinantes dessa situação. Viver vai se tornando quase um privilégio inatingível para porções cada vez mais consideráveis da população mundial, particularmente do Terceiro Mundo. É a lei do mais forte comandando a dinâmica das relações na sociedade. A vida fica subordinada, ou mesmo sacrificada, aos interesses do capital e do mercado.

Tal situação constitui um desafio para a consciência ética e política da humanidade. Para o cristianismo, prestes a entrar no seu terceiro milênio, o desafio assume contornos de particular gravidade. Como afirmar a fé no Deus da Vida revelado em Jesus Cristo num contexto que, em escala mundial, vai se caracterizando cada vez mais como um contexto de exclusão e de morte? Como anunciar que a "glória de Deus é que o homem viva" (Sto. Irineu) e ter de conviver com o sacrifício de incontáveis vidas humanas para que o sistema viva?

De fato, o Deus revelado em Jesus Cristo é, antes de tudo, o Deus da Vida. Já no Antigo Testamento esta Verdade emerge com vigor, seja nos relatos da criação, seja nas confissões de fé do povo, seja na ordenação da vida e das relações na sociedade. O relato do Êxodo deixa bem claro que Javé não quer a opressão, mas intervém na história em defesa da vida ameaçada. Ele é aquele que age na história; que age a partir de situações históricas de opressão e de negação da vida; que age a partir das "coisas fracas".

A partir dos textos do Deuteronômio, fica evidente que a vida social de Israel se regulava pela vontade de Javé e que essa vontade se inclina decididamente em favor da vida, especialmente dos pequenos e dos indefesos. Três categorias de pessoas ou três situações humanas são como o símbolo dessa priorização da vida na organização social do povo: o órfão, a viúva e o estrangeiro. Os textos unem sempre as duas primeiras categorias – o órfão e a viúva. Sua condição social é a carência, a vulnerabilidade, a dependência total; numa palavra, a espoliação. Para o estrangeiro, a vida está exposta à insegurança e ao risco. Tudo isso dá lugar a prescrições que retratam a vontade de Javé e que definem os deveres do povo em relação a essas situações humanas: o dízimo da colheita trienal é para o órfão e a viúva (Dt 14,29); as festas só serão verdadeiramente alegres com a inclusão do órfão e da viúva (Dt 16,11-14); o direito do órfão e da viúva deve ser respeitado porque essa é a vontade de Javé (Dt 24,17-22); todo aquele que perverte o direito do órfão e da viúva recebe a maldição (Dt 27,19). A defesa da vida do estrangeiro é também garantida por prescrições que lhe asseguram as condições de sobrevivência e convivência na sociedade (Dt 24,19-21).

No Novo Testamento, a revelação do Deus da Vida em Jesus de Nazaré alcança sua plenitude: "Eu vim para que todos tenham vida abundante" (Jo 10,10). As práticas de Jesus são uma tradução das práticas dessa afirmação programática. Nessa perspectiva, a parábola do Bom Samaritano alcança toda a sua densidade anunciadora e denunciadora: o viajante anônimo agredido e espoliado, deixado semimorto à beira do caminho é o símbolo da vida exposta e ameaçada que clama por defesa e por justiça e que se erige em critério de julgamento para todos aqueles que se defrontam com ela. O levita e o sacerdote que passam de largo não escapam a esse juízo. Só o samaritano que se debruça sobre a vida para resgatá-la é declarado discípulo do Reino: "Vai e faz o mesmo" (Lc 10,37).

Situar-se no mundo de hoje como seguidores e seguidoras de Jesus, servidores e servidoras do Reino, implica necessariamente colocar-se do lado da Vida contra todas as instâncias e forças de morte. Significa caminhar "com Jesus na contramão" para que todos tenham condições de viver. Significa assumir corajosamente, em frase de Oscar Romero, que "a glória de Deus é que o pobre viva".

O artigo de Fr. Antônio Moser – "A Vida Religiosa no serviço à Vida: Novas dimensões do profetismo" – oferece excelente conteúdo de reflexão sobre o serviço à vida no seguimento de Jesus em meio às ambigüidades e contradições do contexto neoliberal de hoje. Para o autor, serviço à vida nesse contexto "não se reduz à sobrevivência: aponta para novas exigências nas direções da educação, da saúde... Aponta sobretudo para a busca de um sentido de vida, justamente quando milhões conhecem o desespero do desemprego, juntando-se a outros milhões de desiludidos com todas as utopias. Reanimar os desanimados, não deixar que apague a mecha que ainda fumega é o imperativo que o profeta Isaías deixa sobretudo para os que abraçam a Vida Religiosa".

Pe. Roberto Oliveros, em seu artigo "A pobreza hoje e a opção preferencial pelos pobres na Vida Religiosa atual", faz uma acurada análise da atual situação da Vida Religiosa no continente face aos novos desafios que emergem da opção pelos pobres nas transformações por que passa a sociedade. Para o autor, a Vida Religiosa latino-americana apresenta hoje, a partir desse ponto de vista, um rosto plural. "Mas a relevância ou irrelevância humanizadora e, portanto, salvífica da Igreja católica e da nossa Vida Religiosa tem sua pedra de toque no assumir e colocar em prática a evangélica opção pelos pobres... Os pobres da Terra já nos julgam favorável ou desfavoravelmente nesse tema vital" (Mt 25,31-46).

"O que o evangelista João quis dizer com sua lapidar afirmação 'Deus é amor' (1Jo 4,8.16)?" A essa pergunta, fundamental na experiência cristã de todos os tempos, trata de responder o artigo do Pe. Johan Konings. Numa leitura inspirada e profundamente inspiradora da tradição joanina, o autor procura desentranhar o núcleo fundamental e as implicações práticas do "mandamento maior" do cristianismo: o amor. A comunidade cristã, afirma o texto, "deve ser não apenas uma organização, uma base sociológica, e sim o âmbito em que acontece o dom da vida no qual Jesus manifestou Deus como seu Pai, que ama. Só então essa comunidade se tornará fonte de amor encarnado em justiça também para os que estão fora".

"Debaixo deste angu tem carne" é o sugestivo título do artigo de Fr. Luiz Fernando Peixoto sobre a experiência de Deus na sabedoria popular. No tratamento do tema, o autor ressalta a importância da articulação entre culturas populares e Vida Religiosa. Nesse aspecto, como em tudo, é preciso fazer-se diuturnamente discípulo de Jesus que "sabia reconhecer os traços de

Deus ocultos e presentes em sua realidade cotidiana e simples".

Pe. José Roque Junges, em seu artigo "Corpo como epifania da pessoa, metáfora da sociedade e ícone de Deus", propõe uma interessante matéria de reflexão sobre o tema: "a cultura atual, impregnada de individualismo e narcisismo, pode verdadeiramente valorizar o corpo e destacar o seu significado e papel essenciais para a experiência humana?" É a pergunta que o autor se faz e a partir da qual tece considerações pertinentes e questionadoras.

O texto do Pe. Luiz Bassegio sobre o quadro migratório atual no Brasil apresenta elementos valiosos para a análise de conjuntura, ajudando a captar a gravidade dessa problemática que afeta diretamente a vida de milhões de brasileiros.

PALAVRA DO PAPA

MENSAGEM DO SANTO PADRE PARA A CELEBRAÇÃO DO XII DIA MUNDIAL DA JUVENTUDE

O ENCONTRO REALIZAR-SE-Á EM PARIS EM AGOSTO DE 1997

"Mestre, onde moras? Vinde e vereis" (cf. Jo 1,38-39)

1. É com alegria que, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, me dirijo a vós, prosseguindo o já longo diálogo que juntos temos feito. Em comunhão com todo o povo de Deus que caminha para o Grande Jubileu do Ano 2000, gostaria de convidar-vos este ano a fixar o olhar em Jesus, Mestre e Senhor da nossa vida, por meio das palavras do Evangelho de João: "Mestre, onde moras? Vinde e vereis" (cf. Jo 1,38-39).

Em todas as Igrejas locais encontrar-vos-eis nos próximos meses à volta dos vossos pastores para refletir sobre estas palavras evangélicas. Depois, em agosto de 1997, viveremos, juntamente com muitos de vós, a celebração da XII Jornada Mundial da Juventude em nível internacional, em Paris, no coração do continente europeu. Naquela metrópole, há séculos encruzilhada de povos, arte e cultura, os jovens da França já estão se preparando com grande entusiasmo para acolher os outros jovens provenientes de todos os cantos do planeta. Seguindo a Cruz do Ano Santo, o povo das jovens gerações que acreditam em Cristo tornar-se-á mais uma vez o ícone vivo da Igreja peregrina pelas estradas do mundo e, nos encontros de oração e de reflexão, no diálogo que une para lá das diferenças de língua e de raça, na partilha dos ideais, dos problemas e das esperanças, fará uma experiência viva da realidade prometida por Jesus: "Onde estão dois ou três reunidos em Meu nome, Eu estou no meio deles" (Mt 18,20).

2. Jovens do mundo inteiro, é dentro dos caminhos da existência cotidiana que podeis encontrar o Senhor! Lembrai-vos dos discípulos que, acorrendo sobre as margens do Jordão para ouvir as palavras do último dos grandes profetas, João Baptista, vêem-no indicar em Jesus de Nàzaré o Messias, o Cordeiro de Deus? Eles, cheios de curiosidade, decidiram segui-o à distância, quase tímidos e embaraçados, até que o próprio Jesus, voltando-se, perguntou: "Que procurais?", suscitando aquele diálogo que daria início à aventura de João, de André, de Simão "Pedro" e dos outros apóstolos (cf. Jo 1,29-51).

No concreto daquele encontro surpreendente, descrito com poucas e essenciais palavras, descobrimos a origem de cada percurso de fé. É Jesus que toma a iniciativa. Quando tratamos algo com Ele, a pergunta é sempre invertida: de interrogantes tornamo-nos interrogados, de "procuradores" passamos a "procurados"; é Ele, de fato, o primeiro que desde sempre nos ama primeiro (cf. 1Jo 4,10). Esta é a dimensão fundamental do encontro: não se está diante de uma

coisa, mas de Alguém, do "Vivo". Os cristãos não são discípulos de um sistema filosófico: são os homens e as mulheres que fizeram, na fé, a experiência do encontro com Cristo (cf. 1Jo 1,1-4).

Vivemos numa época de grandes transformações em que as ideologias que pareciam ter grande resistência ao desgaste do tempo têm um rápido declínio, e no mundo vão-se desenhando novos limites e fronteiras. A humanidade descobre-se muitas vezes incerta, confusa e preocupada (cf. Mt 9,36), mas a Palavra de Deus não desaparece; percorre a história e, na mudança dos acontecimentos, permanece estável e luminosa (cf. Mt 24,35). *A fé da Igreja é fundada sobre Jesus Cristo, único salvador do mundo; ontem, hoje e sempre* (cf. Hb 13,8). Ela aponta para Ele, para que as perguntas que brotam do coração humano, diante do mistério da vida e da morte, sejam dirigidas a Ele. De fato, só d'Ele se podem receber respostas que nem iludem nem desiludem.

Voltando com o pensamento às vossas palavras nos inesquecíveis encontros que tive a alegria de viver convosco durante as minhas viagens apostólicas a todas as partes do mundo, parece-me ler nelas, de forma premente e viva, a mesma pergunta dos discípulos: "Mestre, onde moras?". Aprendi a ouvir, no silêncio da oração, a resposta de Jesus: "Vinde e vereis".

3. Caríssimos jovens, como os primeiros discípulos, *segui Jesus*! Não tenhais medo de aproximar-vos d'Ele, de passar à entrada da sua casa, de falar com Ele face a face como se convive com um amigo (cf. Ex 33,11). Não tenhais medo da "vida nova" que Ele vos oferece: Ele mesmo vos dá a possibilidade de acolhê-la e de pô-la em prática, com a ajuda da sua graça e com o dom do seu Espírito.

É verdade: *Jesus é um amigo exigente* que indica metas altas, que pede para sair de vós mesmos e ir ao Seu encontro, confiando-Lhe toda a vida: "Quem perder a sua vida por minha causa e por causa do Evangelho, salvá-la-á" (Mc 8,35). Esta proposta pode parecer difícil e, em alguns momentos, pode mesmo meter medo. Mas – pergunto-vos – será melhor resignar-vos a uma vida sem ideais, a um mundo construído à vossa própria imagem e semelhança ou, antes, procurar generosamente a verdade, o bem, a justiça, trabalhar por um mundo que espelhe a beleza de Deus, mesmo que com o custo de se ter de enfrentar as provas que isso comporta?

Derrubai as barreiras da superficialidade e do medo, reconhecendo-vos como homens e mulheres "novos", regenerados pela graça batismal. Conversai com Jesus na oração e na escuta da palavra; saboreai a alegria da reconciliação no sacramento da Penitência; recebei o Corpo e o Sangue de Cristo na Eucaristia; acolhei-O e servi-O nos irmãos. Descobrireis o "Tu" que cura das angústias, dos pesadelos, daquele subjetivismo selvagem que não deixa ninguém em paz.

4. "Vinde e vereis". *Encontrareis Jesus aí onde os homens sofrem e esperam:* nas pequenas aldeias espalhadas pelos continentes, aparentemente à margem da história, como era Nazaré quando Deus enviou seu Anjo a Maria; nas imensas metrópoles onde milhões de seres humanos vivem muitas vezes como estranhos. Cada homem, na realidade é "concidadão" de Cristo.

Jesus vive ao vosso lado, nos irmãos com quem partilhais a existência cotidiana. O Seu rosto é aquele dos *mais pobres*, dos marginalizados, vítimas não raro dum injusto modelo de desenvolvimento que põe o lucro em primeiro lugar e faz do homem um meio em vez de um fim. A casa de Jesus está aí em todo sítio onde um homem sofre pelos seus direitos negados, pelas suas esperanças traídas, pelas suas angústias ignoradas. Aí, entre os homens, está a casa de Cristo, que vos pede para enxugar, em Seu nome, cada lágrima e de recordar, a quem se sente só, que ninguém está só se puser n'Ele a sua própria esperança (cf. Mt 25,31-46).

5. *Jesus mora no meio daqueles que O invocam sem O terem conhecido*; no meio de tantos que, tendo começado a conhecê-Lo, sem própria culpa, O perderam; no meio de tantos que *O procuram de coração sincero*, mesmo que pertencendo a situações culturais e religiosas diferentes (cf. *Lumen gentium*, 16). Discípulos e amigos de Jesus, tornai-vos artífices de diálogo e de colaboração com quantos acreditam num Deus que governa com infinito amor o universo; tornai-vos embaixadores daquele Messias que encontrastes e conhecestes na sua "casa", a Igreja, de modo que muitos outros da vossa idade possam seguir esse caminho, iluminados pela vossa caridade fraterna e pela alegria dos vossos olhares que contemplaram Cristo.

Jesus mora entre os homens e as mulheres "marcados pelo nome cristão" (cf. *Lumen gentium*, 15). Todos podem encontrá-lo nas Escrituras, na Oração e no serviço ao próximo. Na véspera do terceiro milênio, cada vez se torna mais urgente o dever de *reparar o escândalo da divisão entre os cristãos*, reforçando a unidade por meio do diálogo, da oração comum e do testemunho. Não se trata de ignorar as divergências e os problemas contentando-se com um relativismo morno; isso seria como tapar a ferida sem a curar, com o risco de interromper o caminho antes de se ter chegado à meta da plena comunhão. Trata-se, pelo contrário, de agir – guiados pelo Espírito Santo – em vista de uma *real reconciliação*, confiando na eficácia da oração pronunciada por Jesus na vigília da Sua paixão: "Pai, que eles sejam um só como Nós somos um" (cf. Jo 17, 22). Quanto mais vos agarrais a Jesus, tanto mais sereis capazes de estar próximos uns dos outros; e à medida que cumpríreis gestos concretos de reconciliação, é que entrareis na intimidade do Seu amor.

Jesus mora particularmente nas vossas paróquias, nas comunidades em que viveis, nas associações e nos movimentos eclesiais de que fazeis parte, tal como em tantas outras formas contemporâneas de agregação e de apostolado ao serviço de nova evangelização. A riqueza de tanta variedade de carismas beneficia toda a Igreja e incita cada crente a pôr as próprias potencialidades ao serviço do único Senhor, fonte de salvação para a humanidade inteira.

6. Jesus é "a Palavra do Pai" (cf. Jo 1, 1) oferecida aos homens para revelar o rosto de Deus e dar sentido e meta aos seus passos incertos. Deus, "que nos tempos antigos muitas vezes e de muitos modos tinha falado aos pais pelos profetas, agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Seu Filho, a Quem constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo Qual fez o mundo" (Hb 1,1-2). A Sua palavra não é imposição que arromba as portas das consciências; é uma voz persuasiva, dom gratuito que, para se tornar salvífico no concreto da vida de cada um, pede uma atitude disponível e responsável, um coração puro e uma mente livre.

Nos vossos grupos, caríssimos jovens, multiplicai as ocasiões de escuta e de estudo da Palavra do Senhor, sobretudo por meio da *lectio divina*: aí descobrireis os segredos do coração de Deus e daí tirareis fruto para o discernimento das situações e para a transformação da realidade. Guiados pela Sagrada Escritura podereis reconhecer na vossa vida a presença do Senhor, e então também o "deserto" poderá tornar-se um "jardim", no qual é possível à criatura falar com o seu Criador familiarmente: "Quando leio a divina Escritura, Deus torna a passear no Paraíso terrestre" (Santo Ambrósio, *Epístola* 49,3).

7. *Jesus vive no meio de nós na Eucaristia*, na qual se realiza de forma suprema a sua presença real e a sua contemporaneidade com a história da humanidade. Entre as incertezas e distrações da vida cotidiana, imitai os discípulos a caminho de Emaús e, como eles, dizei ao Ressuscitado que se revela no ato de partir o pão: "Fica conosco, pois faz-se tarde e o dia já finda" (Lc 24,29). Invocai Jesus para que ao longo das estradas de tantas Emaús do nosso tempo fique sempre convosco. Seja Ele a vossa força, o vosso

ponto de referência, a vossa perene esperança. Nunca falte, caros jovens, o Pão eucarístico sobre as mesas da vossa existência. É deste Pão que podereis tirar força para testemunhar a fé!

À volta da mesa eucarística realiza-se e manifesta-se a harmoniosa unidade da Igreja, mistério de comunhão missionária, na qual *todos se sentem filhos e irmãos,* sem exclusão ou diferenças de raça, língua, idade, grupo social ou cultura. Caros jovens, dai o vosso contributo generoso e responsável para edificar continuamente a Igreja como família, lugar de diálogo e de recíproco acolhimento, espaço de paz, de misericórdia e de perdão.

8. Iluminados pela palavra e fortificados com o pão da Eucaristia, caríssimos jovens, *sois chamados a ser testemunhas credíveis* do Evangelho de Cristo, que faz novas todas as coisas.

Mas como se reconhecerá que sois discípulos de Cristo? Porque "tereis amor uns pelos outros" (Jo 13,35), a partir do exemplo do Seu amor: um amor gratuito, infinitamente paciente, que não se nega a ninguém (cf. 1Cor 13,4-7). Será *a fidelidade ao mandamento novo* que certificará a vossa coerência com o anúncio que proclamais. Esta é a grande "novidade" que pode espantar um mundo infelizmente ainda dilacerado e dividido por violentos conflitos, por vezes evidentes e manifestos, outras vezes sutis e escondidos. Neste mundo vós sois chamados a *viver a fraternidade* não como utopia, mas como possibilidade real; nesta sociedade sois chamados a construir, como verdadeiros missionários de Cristo, a civilização do amor.

9. No dia 30 de setembro de 1997 celebra-se o centenário da morte de *Santa Teresa de Lisieux.* Sua figura não poderá deixar de chamar, na sua pátria, a atenção de tantos jovens peregrinos, exatamente porque Teresa é uma santa jovem, que repropõe hoje este simples e sugestivo anúncio, cheio de espanto e de gratidão: Deus é Amor; todas as pessoas são amadas por Deus, que espera ser acolhido e amado por cada um. Uma mensagem que vós, jovens de hoje, sois chamados a acolher e a gritar aos outros jovens: "O homem é amado por Deus! Este é o simplicíssimo e o mais comovente anúncio de que a Igreja é devedora ao homem" (*Christifideles laici*, 34).

Da juventude de Santa Teresa do Menino Jesus sai o seu entusiasmo pelo Senhor, a forte sensibilidade com que viveu o amor, a audácia não-ilusória dos seus grandes projetos. Com o fascínio da sua santidade, ela confirma que Deus concede também aos jovens, em abundância, os tesouros da Sua sabedoria.

Percorrei com ela a via humilde e simples da maturidade cristã na escola do Evangelho. Permanecei com ela no "coração" da Igreja, vivendo de modo radical a escolha por Cristo.

10. Caros jovens, na casa onde mora Jesus encontrais *a presença dulcíssima da Mãe.* Foi no seio de Maria que Jesus Se fez carne. Aceitando o papel que o desígnio da salvação lhe atribuía, a Virgem tornou-se modelo de cada discípulo de Cristo.

A Ela confio a preparação da celebração da XII Jornada Mundial da Juventude, assim como as esperanças e expectativas dos jovens que, em cada canto da terra, repetem com Ela: "Eis-me, sou a serva do Senhor, faça-se em mim a tua palavra" (cf. Lc 1,38), e vão ao encontro de Jesus para viver na sua casa, prontos a anunciar depois aos outros jovens, como os Apóstolos: "Encontramos o Messias!" (Jo 1,41).

É com estes sentimentos que envio a cada um de vós minha cordial saudação, ao mesmo tempo que, acompanhando-vos com a oração, vos abençôo.

Castel Gandolfo, 15 de agosto de 1996, Solenidade da Assunção da Santíssima Virgem Maria do Céu.

INFORME CRB

DESAFIOS DO MERCOSUL À VIDA RELIGIOSA

SEMINÁRIO CLAR - CONE SUL
URUGUAI - JUNHO - 1996

Os delegados e delegadas da Conferência de Religiosos e Religiosas do Cone Sul (Argentina, Brasil, Chile e Uruguai), reunimo-nos para refletir e considerar juntos os desafios que coloca para a Vida Religiosa a nova realidade do processo de integração econômiça que significa o Mercosul. Contamos com a presença e companhia de D. Luiz Demétrio Valentini, Bispo de Jales-SP (Brasil), responsável pela Pastoral Social da CNBB.

Queremos fazer chegar nossa saudação a todos os membros das Conferências Nacionais, a todos os Religiosos e Religiosas de nossos países. Ao mesmo tempo, queremos fazê-los participantes dos importantes aspectos que descobrimos na reflexão sobre esta problemática, o que refletimos juntos, o que é material básico para continuar essa reflexão em nossas realidades. Ao ver a importância dos desafios, está presente em nós o interesse de fazer chegar essa reflexão a todo o Povo de Deus, bem como o desejo de prosseguir juntamente com aqueles que já refletem e são protagonistas desse processo na perspectiva do Reino de Deus.

Dr. Sérgio Abreu fez uma apresentação histórico-político-econômica do processo que ele mesmo viveu, num protagonismo muito ativo. Na perspectiva de um processo mundial de globalização, os países do Cone Sul, na aplicação de uma proposta macroeconômica, organizam-se para poder sobreviver nesse contexto dominado pelos interesses dos sete grandes países e por novos modos de associação nos três blocos (Japão, CEE, Estados Unidos). Esse caminho iniciou-se a partir de uma grande disparidade entre as partes integrantes, dada a extensão territorial, população e recursos técnico-econômicos de cada uma delas. Isso evidencia a dimensão ética de todo tipo de negociação ou transação econômica que não pode ser reduzida somente a questões de interesse subordinadas ao domínio de cada parte integrante.

A integração mundial – um processo denominado globalização – é indubitavelmente um dos sinais de nossos tempos. Em si mesmo todo processo de integração é positivo. Contudo, a globalização neoliberal gera, simultaneamente, uma nova categoria de excluídos. Isso traduzido no contexto mais próximo do projeto do Mercosul permite-nos constatar que este esforço tal como está formulado centrou-se na dimensão econômica. Além de ser limitado em sua proposta e parcial quanto às possibilidades de integração, esse processo gera novos e importantes desafios e desequilíbrios nas dimensões não só econômicas, mas também sociais, culturais e políticas e, de maneira especial para nós, eclesiais.

Jesus nos diz "Eu vim para que todos tenham Vida e Vida plena" (Jo 10,10). Para nós é fundamental rejeitar visões que parcializam o ser humano, neste caso reduzindo-o a mero consumidor de produtos econômicos.

Estamos convencidos de que a "integração" deve respeitar a diversidade social, política, e econômica, já que os povos ao longo do tempo foram criando

modos de produzir e intercambiar que não podem ser ignorados.

A experiência da Igreja e, em concreto, da Vida Religiosa, de integrar uniformizando, abstraindo das peculiaridades de cada cultura e realidade histórica, não é julgada hoje como algo positivo. A partir dessa experiência histórica vemos os limites e o lado negativo de todo projeto de integração que não respeite nem valorize cada identidade.

Um grande desafio imediato para a Vida Religiosa institucionalizada nesta parte do continente é fortalecer e dinamizar a integração do Cone Sul para garantir a inter-relação dos religiosos por meio de projetos e programas que respondam à necessidade da região.

Nossa Senhora de Guadalupe — Mãe dos pobres e dos peregrinos — nos proteja e nos anime a levar adiante nossos compromissos no serviço de seus filhos mais desprotegidos.

Fraternalmente, os participantes do Encontro do Cone Sul.

DESAFIOS DO MERCOSUL À VIDA RELIGIOSA

INTRODUÇÃO

De acordo com o "Preâmbulo" do Tratado de Assunção de 1991, o Mercosul estabelece como objetivo abrir mercados mediante a integração para acelerar o desenvolvimento com justiça social. Deve-se destacar que a expressão *"justiça social"* faz referência à *"competitividade com eqiiidade"*.

Esta finalidade, exclusivamente econômica, estabelece a diferença mais evidente em relação a outros tratados similares de outras regiões.

Como não poderia ser de outra maneira, sua estruturação hierárquica, seja consultiva ou decisória, visa estritamente dar alcance ao objetivo proposto, com exclusão de todo tipo de estruturas que pudesse contemplar diferentes aspectos da realidade regional. Basta recordar que o Foro Consultivo Econômico-Social com que conta o Mercosul só integra empresários e sindicalistas, ficando muito alheio ao resto das preocupações que compõem a agenda social.

Sem querer pormenorizar, algumas das suas características mais típicas podem situar o Mercosul dentro da realidade mundial que se está vivendo.

O conceito de globalização da economia do mundo faz com que cada região trate de formar blocos como meio de sobrevivência. No caso do Mercosul, a sobrevivência trata de abarcar parte do continente, e ainda assim, só parte dos países envolvidos.

Outro traço que se deve ter em conta, devido às implicações que tem, é definido pelo convencimento de ser a *"virtude do único"*, isto é, intencionalmente apresentado como o único caminho possível; ao menos isso é o que trata de se impor pelo discurso dos promotores da *"nova ordem"*.

1 - O MERCOSUL E A REALIDADE ECONÔMICA

1.1 Nossa tomada de posição

Na visão que se pode ter do Mercosul a partir da Vida Religiosa, destacam-se os pontos seguintes:

Aspectos positivos

Assim como no Gênesis lemos que o Espírito do Senhor pairava sobre o caos das águas, também diante desta nova si-

tuação, bastante incerta e de final inseguro, encontram-se "sementes do Verbo" que bem podem tornar-se "sinais dos tempos" e que não devem ser desaproveitadas.

Um elemento positivo é a integração dos povos envolvidos. Contudo, essa integração não deve ser considerada única e exclusivamente do ponto de vista econômico; teria de ser considerada em vista de uma melhor qualidade de vida para todos os indivíduos, contemplando, além disso, os aspectos cultural, social, político, ético e eclesial.

Atitude crítica

Ao conceito economicista da competitividade, a Vida Religiosa deve responder com a solidariedade. Desde sua atitude profética, a Vida Religiosa deve ser fermento de utopia provocando um grupo de *"resistência"* evangélica dentro do próprio sistema e fora dele. Sua ação de anunciar e denunciar deve oferecer esperança, enfrentando as situações de injustiça.

1.2 Nossa contribuição nesta situação

Diversos campos esperam a contribuição da Vida Religiosa.

- A formação. A partir da educação formal oferecida nos colégios, escolas, universidades, na educação não-formal ("popular"), com base numa educação de qualidade, atualizada, solidária, fundamentada numa ética de valores nascida do Evangelho.
- Continua sendo não só válido mas mais urgente ainda o desafio da opção preferencial pelos pobres, empobrecidos, marginalizados, e excluídos. A Vida Religiosa está chamada a acompanhar os preferidos do Senhor.
- A partir da sua reflexão, intensificar a busca de alternativas a essa *"virtude do único"* que afirma o sistema. A energia do Evangelho manifesta-se por meio da solidariedade, da fraternidade, do diálogo e da comunhão. São *"sementes do Verbo"* espalhadas na realidade.

1.3 Desafios à Vida Religiosa

- Partir da avaliação do nosso estilo de vida consagrada como contribuição a um modelo alternativo de sociedade, baseado na sobriedade, na solidariedade e no ter os bens a serviço da vida.
- Crescer em solidariedade, simplicidade e qualidade de comunhão entre nossas famílias religiosas, com os pastores e leigos, e também com a criação.
- Contemplar nos planos de formação, especialmente a formação social, política, ética, cuidando sempre da própria identidade.

2 - O MERCOSUL E A REALIDADE SOCIOPOLÍTICA

2.1 Nossa tomada de posição

Este caráter meramente econômico do Tratado ignora as conseqüências sociais que a nova situação produz. Elas são evidentes pois estimulam a competitividade de uma produção altamente tecnificada, em grande escala e para ser comercializada em enormes quantidades.

Assim fica excluído um grande número de pessoas que não poderão capacitar-se tecnologicamente, ou não conseguirão produzir na escala prevista e/ou entrar no circuito de comercialização.

Por outro lado, estarão incluídos aqueles que tentarão capacitar-se qualitativamente a todo custo, com o risco de desumanizar-se por motivações exclusivamente econômicas.

À luz de tudo isso, julgamos que a proposta Mercosul é reducionista e que esquece outros valores que, como povos, nos podem fortalecer na convivência.

2.2 Desafios à Vida Religiosa

- Promover as dimensões sociais – que não estão incluídas na agenda do Mercosul –, pois constituem valores essenciais que nos permitirão enfrentar os problemas que já estão aparecendo.
- Cultivar a solidariedade com os grupos e povos mais frágeis.
- Incentivar o intercâmbio de valores culturais, educativos e religiosos, assim como favorecer o acesso aos recursos disponíveis para colocar a tecnologia a serviço e ao alcance de todos.
- Iluminar as novas situações com os ensinamentos sociais da Igreja que se considerem mais adequados a estas realidades do Mercosul.
- Fomentar a consciência dessas urgências na Vida Religiosa.

3 - O MERCOSUL E A REALIDADE CULTURAL

3.1 Nossa tomada de posição

Assistimos a uma verdadeira encruzilhada que surge da "*cultura individualista possessiva*", que está muito relacionada com o processo de globalização que estamos vivendo.

3.2 Desafios à Vida Religiosa

Como Vida Religiosa, sentimo-nos especialmente desafiados a:

- Resgatar e valorizar a identidade cultural diversificada de nossos povos, protegendo os valores tradicionais, tais como a solidariedade, a gratuidade, a reciprocidade, as experiências religiosas, contando com que a dimensão cultural é a mais resistente às mudanças impostas pela globalização. Este aspecto está em estreita relação com o fenômeno da inculturação que devemos continuar aprofundando e atualizando na Vida Religiosa.
- Reconhecer e acompanhar as diferentes etnias e grupos presentes em nossa região especialmente ameaçados de uniformidade cultural.
- Considerar com realismo o fenômeno cultural apresentado pelos novos movimentos religiosos que, de modo geral, potenciam unilateralmente a dimensão dos sentimentos. Mas este é um aspecto que devemos ter em conta na hora de expressar a experiência de Deus, já que é algo característico da cultura latino-americana e, por isso, de nossa região.
- Atender com especial solicitude a situação dos jovens que são um grupo social muito exposto à manipulação por parte da proposta individualista possessiva. Isso traz como conseqüência uma considerável perda da força transformadora que a sociedade recebe do setor juvenil.
- Estar atentos também aos grupos que, espontaneamente, emergem no espaço social sem maior estruturação, mas que marcam pautas de conduta diante de situações conflitivas.
- Assumir uma atitude autocrítica que nos fortaleça em nossa capacidade profética. Isso faz-se realmente necessário se nos consideramos, também nós, fracos e vulneráveis diante de realidades como o individualismo e o consumismo.
- Testemunhar a partir do valores próprios da Vida Religiosa (vida comunitária, castidade, obediência, pobreza) uma crítica vivencial a toda proposta que desqualifique o valor da pessoa humana.

4 - O MERCOSUL E A REALIDADE ECLESIAL

4.1 Constatamos que

- O Mercosul produz uma integração econômica que pode favorecer uma integração regional da Igreja, que até agora era continental ou nacional.
- Surgem novos grupos populacionais de novas manifestações culturais, religiosas, e novos grupos de excluídos.
- Por parte da Igreja, parece faltar uma tomada de consciência do que significa o Mercosul e a exclusão que este projeto acarreta.

4.2 Desafios à Vida Religiosa

- Animar e apoiar os nossos Pastores na busca de uma melhor articulação entre os bispos dos diferentes países da região e entre bispos, religiosos e leigos.
- Promover o intercâmbio entre todos os estamentos eclesiais.
- Sensibilizar para uma solidariedade em relação aos novos excluídos.
- Buscar novas respostas às novas situações problemáticas.
- Incentivar a reflexão e a busca de caminhos para uma educação coordenada regionalmente que responda às novas necessidades.
- Apoiar e animar linhas pastorais regionais que respondam às novas situações.
- Fomentar uma presença qualificada da Igreja nos MCS e uma maior inter-relação entre os MCS que a Igreja já possui.
- Insistir na busca intercongregacional, no tema da formação: formação eclesial latino-americana diante das novas culturas e formação na interdependência e tolerância.

Diante de panorama tão complexo e dinâmico propomos:

FORTALECER E DINAMIZAR A REGIONAL CONE SUL PARA ASSEGURAR A INTER-RELAÇÃO DOS RELIGIOSOS/AS POR MEIO DA REALIZAÇÃO DE PROJETOS E PROGRAMAS QUE RESPONDAM ÀS NECESSIDADES DA REGIÃO.

CONCLUSÃO

O mundo foi criado por Deus Pai-Mãe para a vida em plenitude de todos.

"A verdadeira profecia nasce de Deus, da amizade com Ele; nosso testemunho profético exige a busca apaixonada e constante da vontade de Deus, a generosa comunhão eclesial, o discernimento espiritual e o amor à verdade. Manifesta-se também na denúncia de tudo aquilo que contradiz a vontade de Deus e na busca de caminhos de atuação do Evangelho para a construção do Reino de Deus" (V.C. nº 84).

A VR NO SERVIÇO À VIDA: NOVAS DIMENSÕES DO PROFETISMO

Frei Antônio Moser, OFM

O futuro prometido por Deus não deve nos afastar do presente. O Religioso precisa saber unir o céu e a terra vivenciando profundamente o mistério da Encarnação.

INTRODUÇÃO

No auge das ditaduras latino-americanas seus mais lídimos representantes aceitavam qualquer acusação, menos a de estarem violando os direitos humanos. Hoje, com o neoliberalismo imperante no continente, seus dirigentes também aceitam qualquer acusação, desde que não seja a de não estarem agindo em favor da vida de todos. Os césares da economia, orgulhosos, erguem a mesma bandeira, pois conseguiram relativa estabilidade da moeda e da cesta básica, "favorecendo os mais pobres". Até mesmo os donos da indústria farmacêutica, comandando a "máfia dos remédios", dizem abraçar a mesma causa, pois contribuem para "a saúde de todos".

Acontece que a realidade vai se tornando cada vez mais complexa e, por isso mesmo, vai exigindo novos paradigmas e novas posturas para qualquer bandeira que se abrace. Numa época em que o holismo vai se impondo com uma força inusitada, torna-se mais claro que a vida não só se apresenta com uma multiplicidade de aspectos, como também ela mesma resulta de um encadeamento de fatores indissociavelmente interligados. Colocar-se ao serviço da vida de todos, hoje significa muito mais do que poderia significar há algumas décadas. Sem falar do crescente número de excluídos de qualquer benesse da sociedade, é preciso ter claro que só se coloca verdadeiramente a serviço da vida quem compreende que para uma pessoa "viver" hoje já não é suficiente garantir-lhe uma cesta básica, por mais importante que esta seja, como passo prévio. Como também um governo não pode ficar com a consciência tranqüila só pelo fato de ter conseguido o inegável êxito de uma certa estabilidade da moeda. Só pode ser considerado êxito enquanto for indício de mudanças mais amplas e profundas, particularmente no sentido da distribuição de renda e outros requisitos para que todos possam viver dignamente.

Dentro deste contexto pode parecer que, passados os anos de repressão, o profetismo da VR, que marcou aquela época, tenha perdido seu sentido. Com certeza, deverá assumir novas tonalidades ou, até mesmo, mudar um pouco de direção. Mas isso não significa que a VR possa prescindir dele: é um elemento constitutivo de toda a vida cristã e, mais ainda, da VR. Assim, a bandeira da espiritualidade continua válida, mas agora com novo rosto, impresso pelos novos desafios, sobretudo os provindos de um

misticismo vago e descomprometido. Da mesma forma, a atitude de serviço em favor dos excluídos torna-se mais urgente do que nunca. Como também, numa época de desilusões crescentes, sem utopias empolgantes ao alcance da mão, cabe à VR resgatar a utopia fundada na fé, que não acena para a facilidade, mas para a certeza de que, com muito trabalho, um futuro melhor é possível. Eis aqui três imperativos que parecem apontar para a VR no momento atual: espiritualidade, serviço, utopia.

1. Testemunhar a verdadeira espiritualidade

Se quiséssemos caracterizar, de modo paradoxal e com apenas duas palavras, nosso momento atual, talvez pudéssemos escolher estas duas: "materialismo" e "espiritualidade". Neste século, o materialismo oficial encontrou sua expressão mais nítida no marxismo implantado no ex-bloco socialista. Entretanto, ao lado do materialismo professado sempre existiu outro, o prático, que nada ficava devendo ao primeiro. Assim, mesmo após o esfacelamento do bloco socialista, o materialismo prático continua sua caminhada de modo impressionante. Ele mostra toda sua força, por exemplo, no consumismo, que atrai, antes de mais nada, os que possuem recursos. Contudo, ele não afeta apenas a estes; mesmo os mais pobres sentem-se envolvidos pela onda de necessidades artificialmente cultivadas. Ainda que nem sempre consigam satisfazê-las, são mordidos pelos seus atrativos. Da mesma forma, o materialismo revela-se num desligamento crescente em relação ao que não é palpável de imediato. Tudo o que se refere a Deus passa para um segundo plano. Neste sentido, o materialismo é uma tentação que afeta a todos, embora se apóie em razões diferentes e adquira fisionomias diferentes.

Entretanto, também não se pode deixar de perceber que um extremo atrai o outro. Nunca se viu tamanha e tão generalizada fome de espiritualidade. Uma onda de misticismo percorre todas as camadas sociais. Há um tempo a onda vinha do Oriente. O extraordinário sucesso dos livros de Paulo Coelho e, de modo geral, tudo o que lembra o esoterismo testemunham que hoje existem novas fontes.

Talvez também poucas vezes na história se falou tanto da atuação do Espírito Santo, uma espécie de Deus desconhecido até há pouco. Para confirmar tudo isso basta pensar no sucesso de vários movimentos espiritualistas, dentro e fora da Igreja católica, e que já não conhecem nenhum tipo de fronteira. Eles se intercomunicam e se reforçam mutuamente com uma rapidez incrível. Fascinam multidões que não apenas vibram, mas se sentem compelidas a conquistar novos adeptos para a mesma causa. Quem hoje não adere a algum tipo de espiritualismo "está por fora".

Contudo, não é preciso ser muito crítico para perceber que, ao lado de autênticas descobertas da força atuante do Espírito, há uma mistura de tendências com contornos pouco definidos. É uma espécie de fluidez em que é difícil traçar uma linha entre o que deve ser saudado como sinal dos tempos e o que aponta mais para uma espécie de amálgama que retrata a falta de clareza no que se refere a dados fundamentais da vida cristã. Dentro deste caldeirão de sentimentos parece caber tudo ao mesmo tempo. É um holismo no sentido mais amplo e mais confuso da palavra.

É neste contexto que se percebe melhor o papel insubstituível da VR. Em primeiro lugar, atuando com lucidez para que grupos quase sempre muito bem intencionados não percam seus vínculos com os irmãos e irmãs na fé. Em segundo lugar, para que, embalados pelo misticismo, não acabem dissociando fé e prática. São Tiago já advertia que só acreditava na fé que se traduzia em obras. Em terceiro lugar, para ajudar a todos estes movimentos no dis-

cernimento entre aquilo que se constitui num ganho inegável e aquilo que não passa de expressão religiosa de carências de outra natureza. O termo alienação caiu um pouco de moda, mas nem por isso deixa de traduzir uma realidade. Viver "nas nuvens" é uma espécie de fuga do mundo real que não se é capaz de enfrentar.

O credenciamento da VR para exercer esta tarefa se funda em suas primeiras raízes históricas. Desde seus primórdios a VR encontrou certas resistências. E ao longo da história é difícil de se encontrar um fundador ou uma fundadora que não tenha parecido elemento perigoso ao menos num primeiro momento. Este ponto de partida pode ser interessante, no sentido de credenciar a VR para um diálogo acolhedor com aquilo que, de fato, pode representa, por meio do cultivo de uma autêntica espiritualidade um passo importante na superação do já acenado materialismo. Saudar como, em princípio, benfazeja a sede de Deus, é proceder de acordo com as recomendações de São Paulo de que não se deve extinguir o Espírito. Este, de fato, por vezes sopra de uma maneira inusitada e nem sempre se enquadra nos parâmetros estabelecidos pelo tempo. Toda renovação, no fundo, contém muito de inovação. E toda inovação assusta, ao menos num primeiro momento.

Contudo, há um segundo aspecto a ser considerado: a inovação sempre pede uma análise criteriosa para se perceber melhor se se coaduna ou não com o Evangelhos se se trata de algo autêntico, mas que requer alguns ajustamentos. Tendo já atrás de si séculos de história e de vivência do carisma religioso, a VR também apresenta credenciais privilegiadas para este necessário discernimento. Ela já apreendeu, e por vezes depois de pagar um alto preso, que a verdadeira espiritualidade sempre comporta uma dupla atitude, só aparentemente oposta: a de se fixar ao mesmo tempo no céu e na terra. É com o olhar fixo na eternidade que se pode melhor empreender transformações profundas na terra. Mas é também mantendo os pés firmes na terra que se pode melhor mergulhar nos desígnios eternos. Ao assumir nossa condição humana, Jesus Cristo veio justamente nos assegurar isso. Nada se configura como mais espiritual do que abraçar a terra como o Filho de Deus o fez. O futuro prometido por Deus não deve nos afastar do presente; muito pelo contrário, ele nos impele a um empenho sempre maior com o aqui e o agora. Se é verdade que uma das grandes tentações dos movimentos espiritualistas é o escapismo, está aí uma tarefa muito apropriada para a VR: unir a terra e o céu, vivenciando profundamente o mistério da Encarnação. Desde que o Filho de Deus estabeleceu aqui sua morada, nenhuma realidade humana é, por si só, incompatível com o Reino. Tudo contribui para o bem dos que amam a Deus.

2. Servir desinteressadamente

Se quisermos, novamente, caracterizar nosso momento atual com apenas duas palavras que expressam duas realidades aparentemente opostas, poderíamos escolher "trabalho" e "lazer". Praias cheias, turismo cada vez mais organizado, feriadões ansiosamente esperados nos asseguram que ao menos uma certa faixa da população beneficia-se sempre mais do lazer. E se olharmos para o chamado Primeiro Mundo, isso fica ainda mais caracterizado. Por outro lado, porém, justamente diante do crescente desemprego que assola praticamente todos os países, nunca se percebeu tão claramente que vivemos numa "civilização do trabalho": quem tem trabalho é considerado gente, e quem não o tem simplesmente não é considerado como tal. Poder trabalhar é, assim, uma espécie de privilégio que não é dado a todos. Não poder trabalhar é uma exclusão que encabeça uma série de outras exclusões, isolando progressivamente os desempregados de tudo e de todos.

Reconhecidamente, o trabalho é um caminho privilegiado do processo de humanização. É pelo trabalho que saímos de nós mesmos, nos confrontamos com os outros e com tudo o que existe e, assim, nos descobrimos ao mesmo tempo como semelhantes e diferentes. É pelo trabalho que transformamos o meio ambiente e nos transformamos ao mesmo tempo. Por isso mesmo, todo trabalho, quando exercido em liberdade, dignifica. Sob o ângulo teológico deveríamos ir mais longe: o trabalho é um dos caminhos privilegiados para o ser humano participar da obra do próprio Criador. Segundo o livro do Gênesis, o próprio Deus nos dá as coordenadas: seis dias de trabalho e um de descanso.

Sucede, porém, que por circunstâncias várias, não é propriamente o trabalho que fascina, mas a sua remuneração. Por mais irrisória que esta possa ser, quase ninguém gosta de trabalhar de graça, muito menos para os outros. E, de novo por circunstâncias históricas ligadas ao sistema de trabalho, poucas vezes vem ressaltada a dimensão de serviço.

É neste contexto que entra novamente em cena uma missão intimamente ligada à VR. Não somente São Bento consagrou o conhecido "*ora et labora*" como grande pauta básica para seus monges. Basta analisar os vários carismas congregacionais para se perceber que o trabalho sempre se constitui numa das alavancas da VR. É que todos os fundadores e fundadoras, canonizados ou não, sabiam que o ser humano encontra no ócio um dos seus grandes inimigos, e no trabalho livre, um dos grandes aliados. É bom lembrar que o edito do Imperador Constantino (325), decretando o "dia do Sol" como dia de repouso obrigatório, trouxe mais preocupações pastorais do que propriamente júbilo para o seio da incipiente VR e para toda a Igreja. Era preciso encontrar formas para "ocupar" adequadamente o tempo livre. Assim se acentuaram ao mesmo tempo as expressões litúrgicas e o trabalho manual, mas este com a finalidade explícita de ajudar os pobres.

Junto com uma espécie de febre de trabalho, constatada em algumas civilizações atuais, encontra-se uma verdadeira febre de lazer. Os fundadores de Congregações intuíram que também neste particular é preciso buscar um equilíbrio. Assim como pode existir uma neurose do trabalho, também pode existir uma neurose do lazer. Em ambos os casos, estamos diante de mecanismos de fuga de quem não tem coragem de encontrar-se consigo mesmo.

O trabalho, na perspectiva de fé, é antes de tudo um modo honesto de ganhar e de construir a própria vida. Como se recorda, São Paulo já advertia que quem não quisesse trabalhar que também não comesse. E São Francisco de Assis não deixa por menos: "Quero que todos os irmãos e irmãs trabalhem". É à luz desses exemplos que fica mais claro o sentido primeiro do trabalho como testemunho de fé no serviço aos outros e da obra criadora. À luz do Evangelho o trabalho é, antes de tudo, um serviço em favor da vida em suas múltiplas manifestações. Deve-se trabalhar para viver e para que tudo e todos também possam viver.

E é nesta altura que se abre um vasto campo para um testemunho inequívoco da VR: hoje, como no passado, trabalha-se muito, mas nem sempre nesta perspectiva. Os religiosos e religiosas, por sua própria condição, deverão manifestar, por meio trabalho, sobretudo um serviço desinteressado à vida. Isso, evidentemente, não exclui o denominado trabalho profissional, mesmo com a recompensa devida. Tudo depende do espírito que movimenta este trabalho e do destino dado à remuneração. Ainda que São Francisco, por exemplo, mostre uma resistência total ao dinheiro, não há dúvida de que o problema não se localiza propriamente no dinheiro, que é um mero símbolo. O problema localiza-se mais no sentido e no destino que se dá a ele.

Sabidamente a VR sempre manteve obras ao serviço da vida e, justamente, dos mais pobres. Com certeza estas não deverão, sem mais, ser abandonadas. Só que diante da nova compreensão mais abrangente das necessidades vitais do ser humano, os empreendimentos tradicionais deverão assumir uma nova fisionomia e novas frentes deverão ser abertas. Sobretudo um novo espírito deve perpassar todas as nossas atividades de tal forma que não pairem dúvidas no que se refere à originalidade das nossas motivações. Não podemos, sem mais, vestir a camisa empresarial, particularmente no que se constitui na sua conhecida motivação primeira. Não somos empresários de Deus, mas servidores Dele, servindo justamente aos mais pequeninos. Este é um critério decisivo para testar a veracidade das nossas obras e dos nossos recursos.

3. Alimentar a utopia que brota da fé

Ainda que vulgarmente a palavra "utopia" carregue consigo um quê de ilusão, sabidamente as utopias sempre exerceram um papel importante nos movimentos religiosos e sociais de todos os tempos. Elas são uma espécie de motor de arranque que canaliza todas as energias em torno de certos objetivos. Ainda que estes nunca sejam plenamente atingidos, a verdadeira utopia é uma espécie de mística que, ao empolgar, leva o ser humano o mais próximo possível dos seus objetivos. Por isso mesmo, sem grandes utopias não existem grandes realizações, nem pessoais, nem sociais.

As décadas de 60-90 foram marcadas por grandes utopias sociais que trouxeram novas esperanças para as massas empobrecidas. De um ponto de vista socioeconômico, a grande tônica era dada pela utopia socialista. A perspectiva de uma sociedade mais justa e fraterna parecia já não estar muito distante. Uma série de fatores, bem conhecidos, fizeram com que uma grande utopia não só desacredisse a si mesma, mas lançasse descrédito sobre todas as outras.

Algo de parecido ocorreu também no seio da Igreja latino-americana, em geral, e da VR, em particular. Do ponto de vista religioso, visualizava-se uma Igreja e uma VR mais participativas nos seus mecanismos internos e mais efetivas na sua contribuição social para a implantação de uma nova realidade. Foi neste contexto que as CEBs atingiram seu ápice e organismos como CRB e CLAR tiveram seu dinamismo reconhecido por todos. Religiosos e religiosas não só se movimentavam com entusiasmo, assumindo ao mesmo tempo um compromisso eclesial e histórico, como conseguiam, também, contagiar e assustar outros setores da Igreja e mesmo da sociedade.

Por coincidência ou não, ao mesmo tempo que a utopia socialista desmoronara, arrefeceram, em muito, os ânimos dentro dos quadros eclesiais e da VR do continente. Com certeza, trata-se de uma oportunidade histórica de discernimento sobre a identidade dos que buscam sua inspiração e força no Evangelho. Mas certamente trata-se também de uma oportunidade histórica de resgatar outras dimensões do profetismo. As cores podem ter mudado, mas a bandeira continua idêntica: reanimar os desanimados e não deixar que se apague a mecha que ainda fumega.

É nesta altura que convém lembrar Jesus Cristo como aquele que se comprometeu com a mais plena e mais empolgante utopia que jamais existiu na história da humanidade. Ele simplesmente identificou sua missão com a utopia de uma nova humanidade, reconciliada com Deus, consigo própria e com toda a criação. Acreditou e fez acreditar que o que é impossível para os seres humanos torna-se possível com a ajuda de Deus. A utopia de Jesus Cristo apresenta-se ao menos com uma característica paradoxal: coloca simultaneamente o acento no poder decisivo de Deus e na

imprescindível colaboração humana. Numa perspectiva evangélica, é preciso fazer como se tudo dependesse de nós e esperar como se tudo dependesse de Deus.

Mas existem ainda outros traços característicos da utopia fundada no Evangelho. O primeiro deles é que, ao contrário de outras utopias, Cristo nunca acena para um caminho de facilidade, mas para uma felicidade conquistada a duras penas. Nada cai pronto do céu. Na perspectiva cristã, nunca se vence sem fazer força. Um segundo traço característico, ao contrário de outros messianismos, é que a utopia fundada no Evangelho nunca é concretizada por esta ou aquela figura carismática, isoladamente. Certas figuras podem desempenhar um papel importante na concretização de uma utopia. Ela mesma, porém, sempre resulta do trabalho de muitas mãos conjugadas.

E aqui novamente desponta um papel significativo a ser exercido pela VR: o seguimento de Jesus ao mesmo tempo que, no vazio das utopias, levanta uma bandeira empolgante, não deixa de alertar para as ilusões de um caminho rápido e fácil. É o realismo da cruz iluminado pela Ressurreição. Este tipo de utopia jamais perderá sua atualidade.

CONCLUSÃO

Durante duas décadas a América Latina viveu na tensão entre ditaduras e sonho socialista. Hoje ela vive sob o signo do neoliberalismo, mas já sem grandes sonhos. Não vem ao caso transformar o neoliberalismo num espantalho. Sabidamente nenhum sistema funciona como uma máquina de precisão, pois é mais fácil descrever teoricamente o que o caracteriza do que aplicá-lo na prática, quando uma multiplicidade de fatores tende a relativizá-lo. E, afinal, na prática não se tem muita escolha. E é justamente quando não há outra opção que importa evitar os dois extremos, o do conformismo e o do negativismo estéril. O discernimento nos ajudará a recobrar ânimo e a trabalhar no sentido de maximizar os benefícios e minorar os males.

Em poucas palavras, o neoliberalismo traz algumas características antigas e outras mais novas que abrandam aquelas, mas sem substituí-las. O liberalismo firmou-se contra a prepotência do Estado, entronizando o espírito de iniciativa e a concorrência comandada pelos mais fortes. O neoliberalismo guarda esses pressupostos, mas sem abdicar da mediação, ao menos teórica, do Estado. Em termos mais latino-americanos, o neoliberalismo apresenta sobretudo uma receita monetária, praticamente idêntica em todos os países. Com uma relativa estabilidade da moeda garante o estritamente necessário para a sobrevivência dos que trabalham. Em compensação, não consegue conter a recessão, e o desemprego aumenta.

Parece-nos que é à luz desta compreensão que a VR deverá reorientar seu profetismo. Em primeira linha coloca-se o reenfoque de uma espiritualidade evangélica, por isso mesmo encarnada no espaço e no tempo. Um olhar mais atento à onda de misticismo, de várias cores, não deixará de mostrar que esta onda "casa" muito bem com a inspiração primeira do neoliberalismo, ou seja, cada um, ou cada grupo, vai abrindo os seus próprios caminhos, sem muita atenção às grandes coordenadas pastorais das igrejas particulares. Alguns movimentos se estabelecem como transnacionais. Mas é sobretudo no escapismo que reside o perigo. Assim como o neoliberalismo fica de consciência tranqüila porque garante o mínimo necessário aos que trabalham, esses movimentos ficam mais tranqüilos ainda, porque agora as exigências sociais já estariam praticamente garantidas.

Por outro lado, a recessão e a pressão econômica vão assentar ainda mais o apego ao dinheiro escasso. Todos precisam

arranjar trabalhos suplementares e, conseqüentemente, ninguém mais está disposto a "perder tempo" trabalhando gratuitamente, sobretudo com uma mentalidade de serviço. Com isso, hoje mais do que nunca as antigas e novas necessidades vitais dos pobres vão ficando esquecidas. Ademais, como foi observado no início, o serviço à vida não se reduz à sobrevivência: aponta para novas exigências, nas já conhecidas direções de educação, saúde etc. Aponta sobretudo para a busca de um sentido de vida, justamente quando milhões conhecem o desespero do desemprego, juntando-se a outros milhões de desiludidos com todas as utopias. Reanimar os desanimados, não deixar que se apague a mecha que ainda fumega é o imperativo que o profeta Isaías deixa, sobretudo, para os que abraçam a VR.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Para o primeiro item da Espiritualidade:

SOBRINO, J., "Espiritualidad y seguimiento de Jesús", in *Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*, II, Editora Trotta, Madrid, 1990, 449-476.

Sobre o neoliberalismo:

AGOSTINI, N., *Teologia Moral. Entre o pessoal e o social*, Vozes, Petrópolis, 1995, 134s; JUNG MO SUNG, **A** *idolatria do capital e a morte dos pobres. Uma reflexão teológica a partir da dívida externa*, Paulinas, São Paulo, 1989; Id., *Se Deus existisse, por que há pobreza, A fé cristã e os excluídos*, Paulinas, São Paulo, 1995; ASSMANN, H.- HINKELAMMERT, F., *As armas ideológicas da morte*, Paulinas, São Paulo, 1983; *A idolatria do Mercado*, Vozes, Petrópolis, 1989; *Sacrifícios humanos e sociedade ocidental: Lúcifer e a besta*, Paulus, São Paulo, 1995; HASSMANN, H., *Clamor dos pobres e "racionalidade" econômica*, Paulinas, São Paulo, 1990; THAI HOP, P. N., *Pobres e excluídos. Neoliberalismo e Libertação dos pobres*, Santuário, Aparecida, 1995.

Sobre utopia:

ELLACURIA, I., "Utopia y profetismo", in *Conceptos fundamentales de Teología*, op. cit., 393-442.

QUESTÕES PARA A JUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

O autor estrutura seu texto em torno de três grandes eixos: espiritualidade, utopia, serviço. Após uma leitura atenta do artigo, procure aprofundar e partilhar na comunidade estas questões:

1. Como a Vida Religiosa pode testemunhar a verdadeira espiritualidade no mundo de hoje marcado, ao mesmo tempo e paradoxalmente, pelo materialismo e por um generalizado anseio de espiritualidade?
2. Quais são, para a sua comunidade, as exigências de ordem concreta e prática da seguinte afirmação do autor: "À luz do Evangelho, o trabalho é antes de tudo um serviço em favor da vida em suas múltiplas manisfestações"?
3. Como responder ao desafio lançado pelo texto a respeito da crise de utopias no momento atual?

A POBREZA HOJE E A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES NA VIDA RELIGIOSA ATUAL

Roberto Oliveros Maqueo, SI

Setores de Religiosos e Religiosas que trabalham em educação formal manifestam-se, na prática, distantes da opção preferencial pelos pobres.

O Deus da Bíblia é um Deus de vida e, por isso, quer que tenhamos vida e vida em abundância (Jo 10,10). A plenitude da Revelação chegou-nos em Jesus Cristo (Hb 1,1) que nasceu, viveu e morreu pobre (DP, 190), não por casualidade, mas por opção (Fl 2,5-11) e cujo conteúdo fundamental expressou nas Bem-aventuranças. Toda dádiva de Deus é em Cristo e nestes anos estamos sentindo o imenso dom que tem significado para a humanidade e para a Igreja desempoeirar e impulsionar a evangélica opção pelos pobres.

Há entre os pobres e a Vida Religiosa uma relação substancial que, como a de Jesus Cristo com eles, não é resultado de condicionamentos históricos, e muito menos de casualidade, mas é uma opção que brota do prosseguimento da missão de Jesus. Mas como indicou Santo Agostinho: "Deus que te criou sem ti, não te salvará sem ti". Nesse contexto, desejo situar esta aproximação à nossa vida religiosa latino-americana e a como vai acolhendo a vivência da opção pelos pobres. Faço minha aproximação a partir de meu breve conhecimento de vários esforços que se realizam para vivê-la em alguns países da América Latina e da minha limitada experiência pessoal.

Em primeiro lugar, indicarei alguns rasgos que me parecem fundamentais para ter um suficiente marco socioeclesial que nos facilite abordar o tema dos pobres e sua justiça. Em seguida, apresento alguns elementos que me parece caracterizam o momento que atravessa a vivência da evangélica opção pelos pobres na Vida Religiosa latino-americana.

I. RASGOS SIGNIFICATIVOS DO MARCO SOCIAL E ECLESIAL ATUAL

Se vamos tratar da opção preferencial pelos pobres, é necessário observar com atenção o momento que guardam os pobres e a pobreza na presente sociedade e sua possível projeção ao futuro imediato.

1. Fatos significativos na realidade da América Latina

Existem fatos maciços que cotidianamente nos interpelam e sacodem nossa consciência cristã. Destaco alguns significativos:

1º. Na América Latina aumentou o número de pobres e estes com uma pior qualidade de vida.

A CEPAL mostra este trágico crescimento ao destacar que, em 1980, 24,2% da população latino-americana estava sob os limites da pobreza; em 1986, esse número cresceu para 37% e, em 1995, já alcançou 46% (170 milhões de pessoas entre, aproximadamente, 370 milhões). E seus estudos mostram que essa situação continua se agravando, tanto em número de pobres, como na diminuição de sua já precária qualidade de vida. Esse empobrecimento agrava-se pelo crescente desemprego e contínua diminuição do poder aquisitivo dos salários reais, tornando-se o mais grave problema de nosso continente e do mundo. Basta recordar que, *a cada ano, morrem 17 milhões de pessoas em nosso planeta por deficiências alimentares*, ou seja, por causa da pobreza (diariamente, 50.000; entre elas, 8.000 crianças). É o assassino mais eficaz na história da humanidade.

2º. Do mesmo modo, uma reduzida elite incrementou poderosamente suas fortunas.

Basta destacar que, no México, onde 17 milhões de pessoas vivem em "extrema pobreza" (miséria), em 1993, a revista *Forbes* do mês de julho publicou que depois de EUA, Alemanha e Japão, situava-se o México com 24 supermilionários (mais de um bilhão de dólares). Na América Latina, o Brasil é o mais desigual da região: 10% da população mais rica fica com 51,3% da renda nacional, ao passo que os 10% pobres repartem 0,6% da riqueza.

3º. Dependência de nossos governos do capital transnacional (FMI e potências hegemônicas).

Isto leva consigo uma real incapacidade das democracias formais de superar a crise econômica em nossos países terceiro-mundistas. Alimenta, também, o desânimo de setores sociais que esperavam da democratização formal a solução de nossos problemas sociais. Em consonância com essa dependência e supervalorização do econômico sobre o ético, agrava-se e estende-se a corrupção dos dirigentes políticos. Perante o mal-estar popular e suas manifestações, responde-se com o fortalecimento do aparato repressivo.

4º. Extensa presença dos meios de comunicação massiva e sua crescente influência na mentalidade e comportamento de amplos setores sociais.

A TV chega hoje a lugares bem isolados de nossa América Latina. Muito mais ainda, o rádio. Imagens e realidades vividas no outro extremo da Terra são agora facilmente acessíveis à maior parte da população. Propaga-se, nesses meios, a impossibilidade de alguma alternativa diferente e exemplificam-no com casos como o do Peru e o da Nicarágua.

5º. Pós-modernismo prático de amplos setores juvenis.

Não têm esperança coletiva. São-lhes injetadas fortes doses de individualismo pelos meios de comunicação. Desejam prosperar isoladamente. Esses mesmos meios apresentam-lhes como modelos de povo e nação a vida dos países dominantes e, em nível pessoal, os artistas, desportistas e pessoas enriquecidas e famosas. Não se capta um tipo atrativo de sociedade alternativa.

6º. Diminuição do profetismo em setores da hierarquia.

Uma causa que influi fortemente é o tipo de bispo a que se tem dado preferência nos últimos anos. São favorecidas pessoas de cor-

te conservador e dependentes da autoridade central. Do mesmo modo, a recente reforma nos seminários diocesanos latino-americanos teve como preocupação deixar de lado o método e a teologia latino-americanos da libertação. Isso explica, pelo menos em parte, que um conjunto de novos sacerdotes diocesanos apareçam com mentalidade neoconservadora e torna-se difícil um trabalho pastoral renovador com eles.

7º. Nessa situação, coletivos variados que dão rosto à sociedade civil lutam afanosamente e buscam sinais de esperança para impulsionar a utopia de uma sociedade fraterna.

Em cada país tomam rosto e nome particular, mas unem-se em espírito e esforço comuns. Atualmente, destaca-se o levantamento indígena realizado no México em favor da justiça social e da dignidade, com presença eclesial significativa.

2. Um esforço de compreensão: o projeto hegemônico neoliberal e suas conseqüências

O capitalismo em sua fase neoliberal consolida-se e assume o perfil atual principalmente a partir do fim da guerra fria. O triunfo do capitalismo simbolizou-se na queda do muro de Berlim. Isso implicou que grupos importantes, em diversas partes do mundo, que se esforçavam por levar adiante os valores humanos próprios do socialismo — justiça, igualdade, poder do povo —, ficassem, pelo menos geograficamente, em orfandade.

A queda do muro desencadeou a chamada *crise das utopias*. Implicado com a queda do socialismo realmente existente, em poucos meses *desmascarou-se o fim do capitalismo como utopia*. Já não se procura, no presente neoliberal, um mundo com abundância para todos, como escreveram Adam Smith e Ricardo. Mais: constata-se que, ecologicamente, isso é impossível.

Esses fatos coincidem no tempo com um espetacular avanço tecnológico, especialmente, na cibernética e na biogenética.

Esses fatores levam alguns sociólogos a considerar que estamos numa mudança de época, isto é, não numa época de mudanças, mas numa mudança de época.

Já não existe o mundo bipolar característico dos 45 anos de guerra fria. Hoje, dá-se a dominação mundial do capitalismo neoliberal com breves ilhas que se conservam para que façam o papel de fetiches (por exemplo, Cuba, Coréia do Norte, Iraque, Irã). Destaco algumas características deste capitalismo:

1ª. O pragmatismo.

Já não existe, no capitalismo, o caráter utópico que lançou os empobrecidos contra as enriquecidas aristocracias européias. Agora, sua essência é o pragmatismo. *Já não se impulsiona por ideais, mas pelos resultados práticos*. E isso também no religioso e no modo de usar as igrejas.

2ª. Luta de blocos, em seu interior, pelo poder econômico-político.

Essa luta não é para mudar o sistema, mas para marcar a dominação de seu grupo no interior do mesmo sistema. Atualmente, destacam-se a União Européia, o Japão e os tigres do Oriente, os EUA e o Canadá. Obviamente, o reitor atual são os EUA. Em conflitos regionais, é o dono do exército com capacidade de dissuasão, como manifestou no caso do Iraque e, mais recentemente, no da Bósnia.

3ª. A relação Norte-Sul é ainda mais brutal.

Dá-se uma exploração mais selvagem da mão-de-obra barata e dos recursos naturais dos países do chamado Sul, os quais pare-

cem não ter qualquer outra alternativa a não ser aceitar a nova divisão internacional da riqueza e do poder. Por diversos meios, entre os quais sobressai o da "dívida externa", exerce-se uma cotidiana extração de recursos de nossos países em direção aos países desenvolvidos. Por meio de programas assistenciais, trazem-nos de volta algumas migalhas, pelas quais temos de lhes agradecer.

4ª. Dentro de nossos povos, analogamente, dá-se a divisão Norte-Sul.

É patente a injusta repartição da riqueza e do poder em nossos países. Mostram-no os seguintes dados, que destaco como exemplos:

— *Vai aumentando a desigualdade na América Latina*: segundo o coeficiente de Gini, a desigualdade na América Latina é a mais alta do mundo. Essa desigualdade acelerou-se nos últimos dez anos.

— *Na América Latina, cresce a democracia em votos, mas não em oportunidades*: nos últimos dez anos, avançou-se na democracia formal. Nossos países podem eleger seus representantes. No entanto, esse benéfico crescimento nos direitos políticos não significa crescimento em liberdades civis. Pode-se votar, mas não há igualdade nas oportunidades econômicas. Para as maiorias, os anos noventa representam uma diminuição real na qualidade de vida.

5ª. As relações Sul-Sul são muito mais frágeis.

É óbvio que se reduziram as relações econômico-políticas entre América Latina, África e Ásia. Na própria América Latina, a fragilidade das relações entre nossos países é patente. Na atual luta pela sobrevivência, subir um pouco é à custa de outros pobres. Uma parte da indústria dos países de desenvolvimento intermediário da região, como Brasil, Argentina, Chile e México, neste aspecto que estamos tratando, busca lucrar com exportações a países ainda mais dependentes.

6ª. O sistema neoliberal também busca legitimar-se usando até mesmo do religioso.

No caso da América Latina, pretende-se fazer isso com a Igreja católica e com o estímulo à penetração das seitas fundamentalistas. Da Igreja católica, por seu caráter majoritário, aceita-se que sugira reformas no interior do sistema. Não se lhe aceita que, a partir de sua ação evangelizadora, impulsione a esperança ativa numa sociedade alternativa.

3. É possível hoje trabalhar em favor de uma sociedade alternativa?

As evidências pareceriam demonstrar o contrário. A chamada "década perdida" agravou a situação de empobrecimento das maiorias latino-americanas. Por isso, hoje mais ainda que na Conferência de Puebla (DP 28-30), esse é o maior desafio para a Igreja e sua missão evangelizadora.

Numa perspectiva de fé, essa situação de pecado social é "mortal" em seus efeitos objetivos e subjetivos (Dom Romero). E esse pecado social continua acentuando-se, de maneira impressionante, em nossos povos.

Mais do que nunca faz-se necessária a profecia que nos abra esperançosamente para uma sociedade alternativa. É nesse horizonte profético que se movem todos aqueles que não se rendem diante das estruturas perversas do neoliberalismo, mas lutam em favor de uma nova sociedade. No presente, destacam-se:

1°. Continua a utopia por uma sociedade justa e fraterna na história.

As estratégias mudam. Estamos em busca de mediações que aproximem e, de fato, se ordenem ao Reino de Deus.

2º. Requerem-se novos paradigmas.

Encontramo-nos numa situação análoga à vivida pelas massas excluídas na Europa dos séculos XVII e XVIII, diante das hegemônicas monarquias absolutas e das iniciativas utópicas dos setores inquietos da burguesia, nas quais se foram construindo os novos paradigmas.

3º. É possível, em pequenas proporções, ir vivendo e abrindo caminhos para a sociedade alternativa.

Como os cristãos dos três primeiros séculos de nossa era, encontramo-nos diante do hegemônico Império Romano: com muitos sofrimentos e repletos de esperança. Construíram, no interior da ditadura imperial, espaços de liberdade e fraternidade que foram fermento de transformação positiva.

II. A OPÇÃO PELOS POBRES E A VIDA RELIGIOSA LATINO-AMERICANA DIANTE DESSA REALIDADE

Como mostra a história da Igreja em São Bento, São Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Charles de Foucold, *toda conversão evangélica é uma volta aos pobres e sua dignificação.*

A denominada "opção preferencial pelos pobres" sintetiza o desejo da Igreja de conversão e fidelidade a Deus nosso Pai que nos mostrou o caminho da evangélica opção pelos pobres em Jesus (DP, 1134-1165; DSD, 178). De formas variadas, a Vida Religiosa latino-americana e caribenha aprofundou e colocou em prática tal opção. Nesse esforço, destaca-se particularmente a vida religiosa inserida.

No entanto, faz-se necessário analisar: em que situação anda a atualidade da Vida Religiosa e qual é a prospectiva de tal opção frente ao novo milênio? Procurarei responder à substância dessa pergunta ao recolher e apresentar os fatos significativos que a caracterizam, as tendências, as contradições, as perspectivas e sugestões sobre ela.

1. Fatos e tendências significativos nestes anos

1º. Um amplo conjunto de ordens e congregações religiosas missionárias foram assumindo a opção preferencial pelos pobres como eixo de sua renovação e missão apostólica.

Nessas congregações, em seus capítulos provinciais ou regionais, sublinha-se — entre as prioridades apostólicas e fonte de renovação religiosa — a opção preferencial pelos pobres. Os diversos debates e tensões, característicos dos anos setenta, sobre o tema, foram levando-as a assumi-la oficialmente, como aconteceu na Conferência de Puebla.

2º. As congregações que assumiram essa opção a partir de Medellín, ou pouco depois, vão readquirindo uma renovada unidade tanto em sua missão como em sua própria vida.

O comum em nossa Vida Religiosa pré-conciliar era a unidade interna no modo de conceber e expressar o carisma numa regra e em costumes. A chamada do Concílio e de Medellín para "*aggiornar-nos*" suscitou que emergissem diversas correntes no interior de muitas congregações. Nos anos setenta, as pessoas e as comunidades com maior clareza e decisão em relação à evangélica opção pelos pobres eram minoria em sua congregação. Pelo contrário, no presente, já aparecem regiões e províncias nas quais a maioria de seus membros busca fundamentalmente servir aos pobres e sua justiça, embora apresente-se variedade nos modos e ênfase de fazê-lo.

Um conjunto de congregações que recentemente assumiu, de maneira oficial, em seus capítulos a evangélica opção pelos pobres vai aproveitando os caminhos abertos por congregações que iniciaram a caminhada.

3º. Continua o surgimento e a difusão das comunidades inseridas nos meios populares.

Certamente, ao longo de toda a história da vida religiosa deu-se a presença de religiosas e religiosos em lugares ou situações empobrecidas. Mas a renovada consciência do pobre como lugar teológico e sujeito de sua própria libertação, que qualificam a relação e o modo de serviço aos empobrecidos, é a característica das comunidades inseridas. Grupos fervorosos de religiosas e religiosos lutaram e conseguiram em suas congregações, ao final dos anos setenta e início dos oitenta, que lhes fosse permitido viver seu carisma nessas comunidades solidárias com os pobres. Tal fato deu-lhes uma forte e decidida palavra profética no conjunto da Vida Religiosa.

No entanto, é óbvio que nos últimos cinco anos tenha diminuído o volume de novas comunidades inseridas e sua força profética. Apresenta-se certo cansaço naqueles que foram pioneiros, além de crescentes dificuldades para sua participação, nos níveis paroquiais e da Igreja local. A vida religiosa inserida é um dom do Espírito a toda a vida religiosa do continente. Ela é clara e fiel expressão da opção fundamental do amor a Jesus pobre e do amor aos empobrecidos, definição fundamental de nossa vida consagrada.

4º. Um setor da Vida Religiosa latino-americana está em busca de novos caminhos para aprofundar e operacionalizar a opção.

Nestes últimos anos, foi-se esclarecendo melhor que as comunidades inseridas não são a única maneira de viver a opção pelos pobres, como afirmou-se desde seu próprio surgimento. Os recentes mártires de instituições educativas na América Latina mostram que se pode viver a profética opção pelos pobres de formas variadas.

5º. Setores de religiosos e religiosas que trabalham em educação formal manifestam-se, na prática, distantes da opção preferencial pelos pobres.

Um setor da Vida Religiosa latino-americana vive seu carisma no serviço que prestam os colégios católicos. Desses, um número significativo trabalha com a classe média (alta-média-baixa). Por diferentes circunstâncias, captaram e captam o chamado a assumir a evangélica opção pelos pobres mais como um ataque do que como um desafio. Mais: promovem, como alternativas, as opções pelos jovens e pela família, que captam como não questionadores de seu modo de serviço e de vida.

Consideram que seu carisma educativo em colégios não está compreendido na opção preferencial pelos pobres. Nessa posição, sentem-se confirmados pela evolução atual dos acontecimentos sociais e por algumas expressões de grupos da Hierarquia Eclesiástica. Mais: atualmente, alguns lançam um forte chamado àqueles irmãos e irmãs da própria congregação que vão tentando novos modos de serviço educativo aos empobrecidos, por exemplo, em educação informal e pastoral, para que voltem ao Institucional tradicional.

6º. Dificulta-se a um setor da Vida Religiosa Feminina, em que existe pouca formação, o assumir a opção.

Um grande número de congregações femininas autóctones não tem acesso a uma suficiente formação para responder ao desafio da Nova Evangelização e, conseqüen-

temente, para o redimensionamento necessário sobre sua vida e missão à luz da opção pelos pobres. Isso explica o porquê se sujeitam tão acrítica e submissamente a costumes e normas pré-conciliares. Obviamente, observa-se entre algumas delas, particularmente nas jovens, desejos de avançar em seu "*aggiornamento*".

7º. Na Vida Religiosa vai generalizando-se o assumir "a evangélica opção preferencial pelos pobres" como parte do léxico da vida religiosa.

Nos anos setenta, de modo geral, e nos 80, ainda em parte, palavras como "pobres", "justiça social", "libertação" suscitavam discussões e não pequenas distâncias na própria congregação. Esses debates continuam perdendo energia, pelo fato de já ter sido assumido e esclarecido o uso de tais termos pelas recentes Conferências Gerais do Episcopado latino-americano.

No entanto, *a colocação em prática* de tais expressões marca fortes descompassos, aos quais são particularmente sensíveis os jovens que exigem coerência. Não é infreqüente que como resposta recebam apenas medidas de autoridade. Do mesmo modo, depois de 25 anos, observa-se já claramente na América Latina distâncias não reduzidas entre congregações com o profetismo da opção pelos pobres e outras que, por vários motivos, ainda não a assumem em sua prática. A tendência entre elas é um afastamento ainda maior.

2. Contradições e desafios relevantes

1º. A nova situação mundial procura esfriar a paixão pela busca de alternativas sociais para nossos povos, e opõe-se a ela com violência.

O fim da guerra fria com o triunfo do capitalismo faz aparecer como inúteis os esforços pela mudança social em favor dos pobres e sua justiça. Mais: divulga-se que depois de tantos esforços por nossa libertação, estamos pior que há 25 anos. Proclama-se que o único caminho é o capitalismo.

Uma das motivações secundárias no impulso à opção pelos pobres na renovação da Vida Religiosa, particularmente nas comunidades religiosas inseridas, foi o considerar ***como próxima*** uma mudança estrutural da sociedade. Mas essa tão desejada e necessária mudança estrutural observa-se cada vez mais longínqua no horizonte. O modelo bíblico que a inspirava e animava era o Êxodo com a consecutiva libertação das garras do Faraó e de seu império inumano.

Encontramo-nos frente ao desafio de como manter e reviver a motivação pela opção pelos pobres, sem cair na tentação do conformismo dos pratos cheios da grande disciplina do Egito.

2º. Uma tendência neoconservadora vai alcançando hegemonia na Igreja.

Ordens e congregações, que se vão distinguindo por seu serviço aos pobres e sua busca profética de respostas no campo social, são consideradas como suspeitas por um setor da Hierarquia. Nesse horizonte situam-se os atritos observados, em alguns países, entre uma porção da Hierarquia e a Vida Religiosa comprometida com os pobres. Mais: essas tensões reproduzem-se no interior de algumas congregações.

3º. Normas e costumes pré-conciliares com o colocar-se em dia de nossa missão e espiritualidade.

As necessidades sentidas e sofridas pelas maiorias empobrecidas de nossos países e o impulso recentemente dado por nossos bispos ao discurso sobre a nova evangelização e o evangélico da opção preferencial pelos pobres merecem diploma na maior parte de nossa vida religiosa

latino-americana. Pois bem, ao mesmo tempo, tem-se normas e estruturas próprias da *espiritualidade conventual pré-conciliar* que não se quer deixar. Por exemplo, freqüentemente convida-se ao compromisso solidário com os pobres e, ao mesmo tempo, urge-se à fidelidade às horas de oração de manhã, à tarde e à noite, suscitando tal fato contínuos atritos. Pareceria que se coloca um passarinho numa gaiola e o convidam a voar "livremente".

Mais: um número não reduzido de pobres vive mais autenticamente o Evangelho do que muitos de nós que professamos a Vida Religiosa. O desafio é claro: como viver a radicalidade do Evangelho no meio dos pobres? Do mesmo modo, o que representamos e o que é que esperam de nós os empobrecidos, na atual situação? Somente uma renovada e mais profunda experiência do Deus dos pobres poderá ajudar-nos a superar nossas inércias e medos. Como estamos impulsionando esse encontro renovado com Deus e a espiritualidade que surge daí?

4°. Os projetos pastorais concretos de párocos e Igrejas locais entram, algumas vezes, em contradição com comunidades religiosas orientadas pela opção preferencial pelos pobres.

Esforços de comunidades de religiosas em inserção — até de vários anos — são bloqueados ou deixados de lado por párocos ou bispos que não as aceitam. Isso fica especialmente patenteado quando se muda o pároco ou o bispo e os novos trazem outros projetos com propósitos pastorais que entram em contradição com a vivência profética da opção preferencial pelos pobres.

5°. Uma formação encaminhada à opção pelos pobres em congregações cujas Instituições têm outras orientações.

Observa-se num setor da Vida Religiosa, especialmente o feminino, que as equipes de formação são mais sensíveis e organizam seu serviço e carisma na perspectiva da evangélica opção pelos pobres. Pois bem, quando suas jovens formandas entram mais profundamente na vida apostólica da congregação, chocam-se os ideais recebidos na formação com a realidade institucional que lhes é apresentada. Surge aqui o desafio de não quebrar os positivos processos de compromisso que nossas jovens anelam e, ao mesmo tempo, o desafio de consolidar no interior de nossas instituições apostólicas a perspectiva da opção pelos pobres.

Recentemente, incrementaram-se as vocações vindas dos meios populares. Isso apresenta-nos um novo desafio. Como ajudar em sua formação, sem "tirá-las" de seu mundo cultural? Jesus ajudou seus discípulos a aprofundar sua missão de serviço ao Reino, a partir de e em sua condição e cultura de pobres. Em outras palavras, como não "ex-xerdá-las", para depois ter de "en-xertá-las".

6°. Novas preocupações e visões aparecem no horizonte de nossas sociedades que, particularmente, desafiam os jovens de nossas congregações.

As novas formas de pobreza — meninos de rua, drogados, desempregados etc. — e o desafio da inculturação nas culturas populares desafiam o coração e a missão de nossos jovens. Sua sensibilidade positiva, em relação aos direitos humanos em todos os seus níveis e aos desafios suscitados, manifesta uma clara chamada do Espírito. Do mesmo modo, o positivo processo de dignificação da mulher e sua crítica à visão patriarcal de Deus, que também se infiltrou nas estruturas eclesiásticas, faz com que muitas religiosas não se sintam "em casa" em determinados modos de conceber e viver a comunidade eclesial.

Como estamos ajudando para que possam responder a esses desafios?

A preocupação ecológica de preservar a vida em todas as suas formas, em nosso planeta, dispõe a uma nova atitude ecumênica, o que, na prática, procura unir pessoas de diferentes credos e religiões em defesa da vida que Deus criou em todos e para todos. Uma visão holística procura situar a vida — em sua totalidade — na harmonia da natureza e do universo, acima de divisões e preocupações confessionais e doutrinais. Como nos dispomos e ajudamos a responder a esses desafios?

III. PERSPECTIVAS PARA OS PRÓXIMOS ANOS

Dentro do que me é possível observar, não se me oferecem situações que falem de uma mudança profunda num futuro próximo. No entanto, a história mostra-nos que muitas transformações estruturais ocorreram de maneira pouco previsível para os analistas. Pois bem, dadas as circunstâncias sociais e eclesiais atuais, fluem as seguintes perspectivas, que destaco brevemente:

1ª. Proporcionalmente, o número de pobres continuará aumentando e a baixa na sua qualidade de vida aprofundar-se-á.

2ª. A situação socioeclesial variou drasticamente em relação aos anos setenta. Isso implica abrir-nos e procurar novos caminhos para viver a opção de acordo com a situação objetiva e subjetiva presente.

3ª. Na atual situação eclesiástica, continuar-se-á impulsionando e endurecendo a atitude em favor do modelo eclesial neoconservador. Conseqüentemente, o conjunto da Hierarquia da América Latina continuará baixando seu tom profético.

4ª. A Vida Religiosa, em importantes núcleos próprios, continuará aprofundando e impulsionando sua renovação à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres. Nessas congregações, a organicidade das comunidades inseridas com as demais será melhor trabalhada e, assim, aumentará sua presença significativamente eficaz em pontos vitais do organismo social.

5ª. Será ainda mais difícil para as religiosas, em diversas zonas pastorais, formar equipes comprometidas nas paróquias e nas Igrejas locais.

6ª. Os jovens continuarão buscando e encontrando novos caminhos para viver a opção. Continuar-se-á impulsionando a formação, no sentido de responder aos desafios da nova evangelização e, nessa, destacar-se-á — como coluna vertebral — a espiritualidade e a teologia da evangélica opção pelos pobres.

A MODO DE CONCLUSÃO

A aceitação e a vivência da solidariedade com os pobres e sua libertação, em algumas congregações, data de mais de um quarto de século. Nesse lapso de tempo, outras tantas congregações foram colocando-se em caminho, em diferentes tempos e circunstâncias. Outras ainda se mostram distantes. *Por isso, aparece um rosto plural na vida religiosa latino-americana, vista a partir da opção pelos pobres.*

Mas, sobretudo, a relevância ou irrelevância humanizadora e, portanto, salvífica, da Igreja católica e de nossa Vida Religiosa tem sua pedra de toque no assumir e colocar em prática a evangélica opção pelos pobres. Daí a importância e centralidade que tem o tema. *Os pobres da Terra já nos julgam favorável ou desfavoravelmente nesse tema vital* (Mt 25,31-46).

Tradução: Magda Furtado de Queiroz

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A primeira parte do artigo define alguns traços necessários para um marco socioeclesial que permita abordar o tema de forma pertinente. Quais desses traços são mais relevantes na sua realidade? Quais deles se fazem mais desafiadores para a Vida Religiosa no contexto da sua comunidade?

2. Procure confrontar a sua experiência e a de sua comunidade com a segunda parte do texto. Dos aspectos desenvolvidos pelo autor, quais vocês destacariam como mais importantes na sua realidade? Quais deles têm um particular caráter de urgência?

DEUS É AMOR

Pe. Johan Konings, SJ
Belo Horizonte MG

Mandamento mesmo é só o amor ao irmão, não o amor a Deus. Nem no Evangelho, nem nas Cartas, João formula o amor a Deus como mandamento. Dá-o por suposto.

O que João quis dizer com sua lapidar afirmação "Deus é amor" (1Jo 4,8.16)? Constata-se que esta frase deu origem a interpretações muito diversas, inclusive "amorosas". E diga-se também que a teologia latino-americana da libertação pouco se serviu do conceito joanino do amor, talvez por causa das interpretaçõcs amorosas...

Como ponto de partida de nossa reflexão, sirva-nos a tradição neotestamentária sobre o mandamento do amor. Quando interrogamos o Novo Testamento a respeito da regra fundamental para a vida, somos conduzidos para os textos que falam do "maior mandamento". Ora, na sensibilidade bíblica, "mandamento" (*torá/ mitswá*) não significa ordem autoritária, e sim orientação ou instrução, aquilo que é preciso fazer para alcançar um fim ou um bem almejado. Não o "ordem é ordem!" do exército prussiano, e sim: "A Lei do Senhor é perfeita, ela dá vida [...], os preceitos do Senhor alegram o coração" (Sl 19,8-9), ou: "Tuas exigências fazem minhas delícias, são as minhas conselheiras" (Sl 119,24), "Levanto as mãos para teus mandamentos que tanto amo" (Sl 119,48), "Meus olhos se consumiram em procurar tuas ordens, e eu disse: 'Quando me consolarás?'" (Sl 119,82).

Como Jesus propunha um caminho de vida, seus discípulos lhe perguntaram a respeito de um mandamento que os orientasse em todas as circunstâncias, uma "chave-mestra" para a vida. Ora, há diversas tradições acerca da orientação fundamental para a vida segundo o ensinamento de Jesus:

1) A "regra de ouro", no Sermão da Montanha, Mt 7,12 // Lc 6,31.

2) A discussão escolar em que Jesus ensina o duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo, em Mc 12,28-34 // Mt 22,34-40, com uma forma levemente diferente em Lc 10,25-28.

3) Além disso, temos, nos outros escritos do Novo Testamento, textos que fazem do amor fraterno o ensinamento-mestre de Jesus: Rm 13,9; Gl 5,14 e Tg 2,8 (que o chama de "lei régia").

4) Finalmente, temos a tradição joanina que fala do mandamento do amor fraterno como testamento deixado por Jesus aos seus discípulos, nos diálogos da despedida, Jo 13,34-35 e 15,12. Nestes textos, aparece um acréscimo significativo: Jesus, amando os seus "*como* o Pai me amou", ensina a amar os irmãos "*como* eu vos tenho amado". Esse "como" não indica apenas um *modelo* (o que já não seria pouco! Jo 15,13: "Ninguém tem amor maior que aquele que dá a própria vida pelos que ele ama", explicaria neste sentido o "como" de 15,12, o exemplo a

seguir; cf. 1Jo 3,16). O termo "como" aponta também o *fundamento* do ensinamento do amor: o amor de Deus, que chega até nós por meio do amor de Jesus por nós, é o fundamento de nosso amor aos irmãos. A tradição joanina ensina também que o amor ao irmão é condição necessária para se poder falar de amor a Deus: ninguém pode dizer que ama a Deus, que ele não pode ver, se não ama o irmão que enxerga com seus olhos (1Jo 4,20).

Levando em conta que João representa uma fase bastante evoluída da pregação e do pensamento cristão, podemos observar a seguinte evolução: no Antigo Testamento, o amor a Deus, como adesão ao Deus da Aliança, aparece como o fundamento de uma regra que prescreve a solidariedade prática e generosa para com o compatriota israelita (Lv 19,18) e para com o não-israelita associado ao povo (Lv 19,34). No Novo Testamento, o acento cai muito mais no mandamento do amor ao próximo, a tal ponto que Marcos o une inseparavelmente ao amor a Deus, Mateus os igualiza e Lucas os funde em uma só frase. Já em Paulo e Tiago é mencionado só o amor ao próximo como mandamento-chave. O amor ao próximo é considerado expressão e prova decisiva do amor a Deus (cf. Mt 25,31-46).

O AMOR DE DEUS POR NÓS E O MANDAMENTO DO AMOR FRATERNO EM JOÃO

Ora, na tradição joanina, "mandamento" mesmo é só o amor ao irmão, não o amor a Deus. Decerto, 1Jo diz que *não se pode* amar a Deus sem amar ao irmão. Mas não diz que se *deve* amar a Deus. Isso parece pressuposto. Nem no evangelho, nem nas cartas, João formula o amor a Deus como mandamento; dá-o por suposto. O leitor de João — provavelmente o cristão já iniciado — é suposto desejar amar a Deus para encontrar a vida, mas para tanto precisa receber uma orientação prática: que ame seu irmão. E esta orientação parece ter sido necessária, a julgar pelas críticas radicais que a primeira Carta de João exprime a respeito de alguns que não demonstram verdadeira fé em Jesus Messias vivendo a vida humana ("vindo em carne"; 1Jo 4,2-3), nem amor aos irmãos (3,10).

A ausência de um mandamento do amor a Deus cabe totalmente dentro da lógica de João, ou melhor, dentro da sua concepção da dinâmica do amor cristão.

O "novo mandamento" (Jo 13,34), que de fato é antigo (1Jo 2,7), ensina a amar os irmãos (da comunidade) "como e porque" Jesus amou aqueles a quem ele se dirige; a marca de seu discipulado é o amor fraterno na comunidade (Jo 13,35). Em Jo 15,9, Jesus cita o amor do Pai como fundamento e modelo do amor que ele dedica aos discípulos, e estes, por sua vez, "habitando (permanecendo) no seu amor" (15,9-11), devem amar-se mutuamente "como e porque" Jesus os amou, dando sua vida por eles. A "meditação" que é a 1Jo evoca o mesmo percurso do amor que vem de Deus, em palavras diferentes: Deus é amor, e isso se mostra no fato de ele ter enviado seu Filho, que deu sua vida por nós; por isso, devemos amar-nos mutuamente (1Jo 4,8-11; 3,16). O amor sai de Deus não para lhe ser devolvido; se lhe fosse devolvido, não seria o amor característico do Pai de Jesus Cristo, mas apenas um benefício mútuo como se proporcionam também aqueles que não conhecem a manifestação do Deus de Israel e de Jesus Cristo (Mt 5,46 // Lc 6,32). O amor que sai de Deus não pode voltar a ele sem produzir aquilo para que foi enviado (cf. Is 55,10-11). O fruto que ele deve produzir é o amor fraterno: esse é o "mandamento" de Jesus na hora de sua despedida (Jo 15,17-18).

Não é que João negue o amor *a* Deus, mas o que ocupa seu pensamento é outra

coisa: o amor que sai *de* Deus e se manifesta para nós no dom da vida de Jesus, entendido como testemunho do amor do Pai para nós — pois o próprio Pai nos ama (Jo 14,23; 16,27). Deus não manifesta esse amor a fim de que nós lhe retribuamos seu amor, mas a fim de que façamos frutificar seu amor por nós no amor fraterno, que é o fruto do amor que Deus nos testemunha. A *gratuidade* é fundamental no amor de Deus por nós e, portanto, também no amor que dedicamos uns aos outros, que tem por *fundamento e modelo* o amor de Deus para com Cristo e de Cristo para conosco ("... *como* o Pai me amou ... *como* eu vos amei"; Jo 15,9-12).

AMAR DEUS E/OU O PRÓXIMO?

Nesta altura podemos encarar uma pergunta que, implícita ou explicitamente, ocupa o espírito moderno ocidental: será preciso amar a Deus para amar ao próximo?

A pergunta não existe apenas no humanismo secularizante que, desde o século XVIII, influencia os círculos que se consideram "esclarecidos". Estes chegam ao ponto de considerar o amor a Deus como estando em concorrência com a solidariedade humana — concorrência desleal, porque o amor a Deus estaria sendo exigido sob pena de morte eterna. Ora, sem nos dirigir a estes esclarecidos do Iluminismo ou do Existencialismo, podemos encontrar uma atitude semelhante — embora talvez silenciosa e sem palavras — em muitos cristãos, inclusive atuantes no setor político, social e cultural. Ela se manifesta no abandono ou na extrema redução da prática religiosa enquanto dirigida a Deus: a oração, o culto. Ou na horizontalização da celebração, fazendo da referência a Deus apenas um pretexto para celebrar a vida, a luta. Os que participamos das comunidades eclesiais engajadas nas lutas pela justiça concreta e material, conhecemos de perto um cristianismo reduzido à prática do amor social, da justiça e da solidariedade. E tal solidariedade não é pouca coisa! Tiago diz que a verdadeira religião é isso aí (Tg 1,27), realçando a praticidade da caridade fraterna como o faz também 1Jo 3,18. Mas será que o Novo Testamento e, especificamente, a meditação joanina não nos ensinam algo mais que isso?

Em resposta à pergunta levantada, poderíamos fazer um raciocínio filosófico transcendental, à maneira de Emanuel Kant, mostrando que para amar o próximo como sujeito, por si mesmo, e não como objeto de nossa auto-afirmação (a caridade sufocante!), é preciso ter e respeitar uma referência transcendente, que podemos chamar de Deus; quem não se confronta continuamente com uma exigência superior vai amar o outro em função de seus próprios interesses.

Está certo, mas a meditação dos escritos joaninos nos ensina uma compreensão bem mais profunda desta questão. Se Deus não é "objeto" de um mandamento de amor, não é porque o amor *dirigido a ele* não teria sentido, mas porque o amor *que vem dele* até nós é comunicativo. É na comunicação de seu amor por meio de nós que ele é amado do modo como convém. Existe, com relação ao amor a Deus, algo semelhante à dinâmica da manifestação de Deus em geral: ninguém jamais viu Deus, mas seu Filho no-lo deu a conhecer (Jo 1,18). Ninguém jamais amou Deus (diretamente), mas seu Filho no-lo deu a conhecer e nos deu o amor que vem de Deus. Unidos a seu Filho e observando o mandamento do amor fraterno que nos caracteriza como discípulos seus, estamos em comunhão de amor com o Pai, assim como escutando e contemplando Jesus conhecemos e vemos o Pai (Jo 14,9).

A questão, portanto, não é escolher entre o amor a Deus e o amor ao próximo,

como sugere o pensamento que opõe a dedicação a Deus à dedicação às pessoas humanas, ou como de fato acontece num ativismo voltado só para a realização prática da solidariedade etc. Nossa visão deve ser inclusiva. Só podemos amar, no sentido de "aderir", àquele que é a referência última, invisível, transcendente de nossa existência e de nossa história, se dedicamos a nossa vida a seus filhos, a quem ele dedicou seu amor que se encarnou em Jesus de Nazaré: "Quem ama aquele que gerou, ama também aqueles que por ele foram gerados" (1Jo 5,1).

DEUS É AMOR

Podemos agora arriscar uma interpretação da frase de João que constitui o foco de nossa reflexão. Deus não é antes de tudo objeto ou destinatário de amor, como se devêssemos agradar-lhe com nossa adesão, para, em piedoso temor (e medo de castigo), receber seus benefícios. Desde que conhecemos Jesus e acreditamos nele, sabemos que Deus é fonte de amor. Ele é o amor que vem até nós e que se dá a conhecer em Jesus, seu Enviado vindo em carne (portanto, não apenas no Cristo glorioso). Este é certamente o primeiro sentido da frase.

Mas o texto de 1Jo 4,7-21 nos envolve no movimento que vem desta "fonte". Jesus nos amou como-e-porque o Pai o amou, e nós devemos amar — como-e-porque ele nos amou — àqueles que estão perto de nós para receberem a nossa adesão solidária e eficaz que se chama amor no sentido da Bíblia: os nossos próximos, em primeiro lugar os "irmãos". Este termo tem, para João, um sentido intracomunitário. O amor começa na própria casa. A comunidade cristã deve ser não apenas uma organização, uma base sociológica, e sim o âmbito em que acontece o dom da vida no qual Jesus manifestou Deus como seu Pai, que ama. Só então, essa comunidade, primeiro ambiente do amor cristão, se tornará fonte de amor encarnado em justiça também para os que estão fora. Quando isso se realizar, conheceremos o amor de Deus por "prática própria", comunicando-o. Então, Deus será também o amor que nós comunicarmos, já que este será a transmissão de Deus que veio a nós como Amor em Jesus Cristo. Ou seja: viveremos Deus. Deus é o que vivemos no amor concebido e vivido conforme Sua manifestação que é a "carne", a vida humana de Jesus. Ou ainda: nosso amor verdadeiro, vivido em Cristo e segundo Cristo, é, por sua vez, manifestação de Deus ao mundo.

*

Queria realçar aqui a dinâmica do amor "fontal" de Deus, que, na ótica joanina, não exige ser amado, e sim, se alegra quando seu amor é comunicado, como o dono da vinha se alegra com a colheita (Jo 15,8). Oxalá nosso amor fraterno tenha essa gratuidade com que nos amou aquele que é Amor e Fonte do nosso amor. "Nisto está o amor: não em nós termos amado a Deus, mas em ele nos ter amado e ter enviado a nós o seu Filho [...]. Amados, se Deus assim nos amou, nós também devemos amar-nos uns aos outros" (1Jo 4,10-11).

A resposta à pergunta do sentido da vida, à busca da referência última que chamamos Deus, se encontra quando nos deixamos envolver no amor de Deus manifestado a nós na vida e morte de Jesus, a ponto de realizá-lo na própria vida em relação aos nossos irmãos. A referência última de nossa vida se deixa perceber em nosso amar — amar não em palavras, mas em ações e na verdade. Então Deus não será apenas Amor como fonte, ele estará também em nosso amar.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

Após uma leitura meditativa do texto, procure partilhar em comunidade:

1. Quais as interpelações maiores que o texto provocou em você?
2. Como a Vida Religiosa, nas suas práticas e opções concretas, pode e deve testemunhar essa verdade maior do cristianismo: "Deus é amor"?
3. Que passos concretos a sua comunidade precisa dar para ser de fato o espaço da experiência do amor aos irmãos, especialmente do amor/serviço aos pequenos e excluídos?

seguir; cf. 1Jo 3,16). O termo "como" aponta também o *fundamento* do ensinamento do amor: o amor de Deus, que chega até nós por meio do amor de Jesus por nós, é o fundamento de nosso amor aos irmãos. A tradição joanina ensina também que o amor ao irmão é condição necessária para se poder falar de amor a Deus: ninguém pode dizer que ama a Deus, que ele não pode ver, se não ama o irmão que enxerga com seus olhos (1Jo 4,20).

Levando em conta que João representa uma fase bastante evoluída da pregação e do pensamento cristão, podemos observar a seguinte evolução: no Antigo Testamento, o amor a Deus, como adesão ao Deus da Aliança, aparece como o fundamento de uma regra que prescreve a solidariedade prática e generosa para com o compatriota israelita (Lv 19,18) e para com o não-israelita associado ao povo (Lv 19,34). No Novo Testamento, o acento cai muito mais no mandamento do amor ao próximo, a tal ponto que Marcos o une inseparavelmente ao amor a Deus, Mateus os igualiza e Lucas os funde em uma só frase. Já em Paulo e Tiago é mencionado só o amor ao próximo como mandamento-chave. O amor ao próximo é considerado expressão e prova decisiva do amor a Deus (cf. Mt 25,31-46).

O AMOR DE DEUS POR NÓS E O MANDAMENTO DO AMOR FRATERNO EM JOÃO

Ora, na tradição joanina, "mandamento" mesmo é só o amor ao irmão, não o amor a Deus. Decerto, 1Jo diz que *não se pode* amar a Deus sem amar ao irmão. Mas não diz que se *deve* amar a Deus. Isso parece pressuposto. Nem no evangelho, nem nas cartas, João formula o amor a Deus como mandamento; dá-o por suposto. O leitor de João — provavelmente o cristão já iniciado — é suposto desejar amar a Deus para encontrar a vida, mas para tanto precisa receber uma orientação prática: que ame seu irmão. E esta orientação parece ter sido necessária, a julgar pelas críticas radicais que a primeira Carta de João exprime a respeito de alguns que não demonstram verdadeira fé em Jesus Messias vivendo a vida humana ("vindo em carne"; 1Jo 4,2-3), nem amor aos irmãos (3,10).

A ausência de um mandamento do amor a Deus cabe totalmente dentro da lógica de João, ou melhor, dentro da sua concepção da dinâmica do amor cristão.

O "novo mandamento" (Jo 13,34), que de fato é antigo (1Jo 2,7), ensina a amar os irmãos (da comunidade) "como e porque" Jesus amou aqueles a quem ele se dirige; a marca de seu discipulado é o amor fraterno na comunidade (Jo 13,35). Em Jo 15,9, Jesus cita o amor do Pai como fundamento e modelo do amor que ele dedica aos discípulos, e estes, por sua vez, "habitando (permanecendo) no seu amor" (15,9-11), devem amar-se mutuamente "como e porque" Jesus os amou, dando sua vida por eles. A "meditação" que é a 1Jo evoca o mesmo percurso do amor que vem de Deus, em palavras diferentes: Deus é amor, e isso se mostra no fato de ele ter enviado seu Filho, que deu sua vida por nós; por isso, devemos amar-nos mutuamente (1Jo 4,8-11; 3,16). O amor sai de Deus não para lhe ser devolvido; se lhe fosse devolvido, não seria o amor característico do Pai de Jesus Cristo, mas apenas um benefício mútuo como se proporcionam também aqueles que não conhecem a manifestação do Deus de Israel e de Jesus Cristo (Mt 5,46 // Lc 6,32). O amor que sai de Deus não pode voltar a ele sem produzir aquilo para que foi enviado (cf. Is 55,10-11). O fruto que ele deve produzir é o amor fraterno: esse é o "mandamento" de Jesus na hora de sua despedida (Jo 15,17-18).

Não é que João negue o amor *a* Deus, mas o que ocupa seu pensamento é outra

pações religiosas confessionais. Buscando a comunicação com Deus e as realidades sociais, a linguagem popular expressa intuitivamente a tentativa de integrar os aspectos da vida. Nem todas as coisas são claras e definidas.

Como tudo na vida, o mundo do povo manifesta suas ambivalências. Um bom exemplo disso é a chamada contradição nos provérbios. Por indicarem um modo de proceder numa situação concreta, os provérbios podem tornar-se provérbios de oportunidade com uma redação contraditória. Sua aplicação está subordinada à ocasião. Assim podemos encontrar:

– Quem cala consente.
– Quem cala protesta.
– Silêncio também é resposta.

Ou ainda:

– Cobra que não anda, não engole sapo.
– Pé que não anda, não dá topada.

A mesma característica encontra-se nestes dois outros grupos de provérbios:

– Deus ajuda quem cedo madruga.
– Mais vale quem Deus ajuda
do que quem cedo madruga.
– Quem cedo madruga fica com sono o dia inteiro.
– Quem ri por último, ri melhor.
– Quem ri por último é retardado.

Esta reserva de espontaneidade, flexibilidade, bom humor e criatividade encontrou uma bela expressão na música "Bom Conselho" de Chico Buarque de Holanda (1972):

"Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança.

Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar.

Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio o vento
Na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade.

1.1. Os provérbios na sabedoria popular

Em muitas culturas encontramos os provérbios. Se os chamamos de brasileiros é porque foram registrados no Brasil. Jocy Rodrigues na sua obra *Sabenças do Povo de Deus* fez uma versão popular do livro bíblico dos provérbios e elencou alguns provérbios e expressões do nosso povo com o seu correspondente na Sagrada Escritura (cf. p. 7-8).

Os provérbios[4] traduzem uma descoberta originada na observação da realidade e especialmente do comportamento das pessoas. Anônimos e sem dono, circulam nas conversas, nos caminhões, nas notas de dinheiro, nos "grafites", nas músicas populares, nas igrejas. Ouvindo um deles, a pessoa reconhece aí a formulação da sua experiência de vida e a de seu grupo.

Respondendo aos desafios da vida, os provérbios tratam dos grandes problemas existenciais: doença, morte, exploração, sofrimento, injustiça. Aí se encontra também "o que dá pra rir e pra chorar" no cotidiano de todos: amor, casamento, família, amizade, educação, saúde, trabalho, organização, governo. São um esforço humano para organizar e tornar mais fácil a vida sempre ameaçada. Para isso buscam descobrir as leis que regem a vida na natureza, na sociedade e encontrar para elas uma expressão espontânea, simples e cheia de imagens e comparações.

Padre Raul Ruiz de Asúa Altuna escreveu sobre os numerosos provérbios angolanos: "*Para o negro, o provérbio tem a mesma força que o silogismo para o europeu. Os provérbios servem para reforçar um argumento, resolver um litígio, sancionar instituições e apoiar uma advertência ou admoestação. Muitos são jocosos, cheios de humor e até ridículos. A variedade de imagens comunica-lhes encanto poético. O provérbio moraliza, realça o valor sagrado e inflexível que a **ética** tradicional encerra*[5]."

1.2. Tipos de provérbios

Geralmente, os provérbios apresentam-se sob duas formas: provérbios de constatação e provérbios de ordem. Os provérbios de constatação buscam descrever a realidade, especialmente naquilo que tem de inusitado ou curioso. São genéricos, aplicáveis a muitas circunstâncias. Sua linguagem é mais informativa, visando fazer surgir a percepção, a admiração ou até mesmo o riso. São partilhados principalmente entre interlocutores que se encontram em nível de igualdade e que têm uma experiência comum de vida[6]. Alguns exemplos de provérbios de constatação:

– Vizinho é o parente mais próximo.
– Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.
– Pé de galinha não mata pinto.
– Pobreza não é vergonha; riqueza não é virtude.
– Muito vento, pouca chuva.
– Nada como um dia depois do outro.
– O melhor tempero é a fome.
– Mais fere a palavra que a espada afiada.
– De grão em grão, a galinha enche o papo.
– Os incomodados é que se retiram.
– Um homem prevenido vale por dois.
– Pimenta nos olhos dos outros é refresco.
– Casa de ferreiro, espeto de pau.
– O uso do cachimbo deixa a boca torta.
– A ocasião é que faz o ladrão.
– Roupa suja se lava em casa.
– Ninguém é juiz em causa própria.
– Ladrão que rouba de ladrão,
tem cem anos de perdão.
– Em terra de cego, quem tem um olho é rei.
– Cachorro que late não morde.
– Um dia é da caça, outro é do caçador.
– Para bom entendedor, meia palavra basta.
– Muito riso, pouco siso.
– Passarinho alegre é comer de gato.
– O que é bom dura pouco.

Os provérbios de ordem procuram formar e direcionar a conduta pelas ordens positivas, proibições e conselhos. Sua linguagem mais séria e exortativa busca arrumar a vida e alertar frente aos perigos. São usados sobretudo nas famílias. Expressam a autoridade reconhecida dos pais em seu esforço de educar os filhos.

– Ao rico não devas; ao pobre não prometas.
– Devagar com o andor que o santo é de barro.
– Dinheiro, reza e carinho nunca se despreza.
– Em boca fechada, não entra mosquito.
– Mais vale amigo na praça, do que dinheiro no caixa.
– O seguro morreu de velho.
– Por falta de um grito se perde a boiada.
– Quem com os porcos se mistura, farelos come.
– Na boca de quem não presta, o bom não tem valor.
– Quem dá o que tem, a pedir vem.
– Quem não deve, não teme.
– Quem corre, cansa.
– Quem tudo quer, tudo perde.
– Quem com ferro fere, com ferro será ferido.
– Quem quer, vai; quem não quer, manda.
– Quem não se comunica, se trumbica.
– Quem caça, acha.
– Quem vê cara, não vê coração.
– Quem anda para trás é caranguejo.
– Quem avisa, amigo é.

– Quem canta, seus males espanta.
– Quem nunca comeu melado, quando come se lambuza.
– Quem não tem cachorro, caça com gato.
– Quem diz o que quer, ouve o que não quer.
– Quem tem boca, vai a Roma.
– Quem fala a verdade, não merece castigo.

1.3. As limitações da sabedoria popular

No entanto, este rio da sabedoria popular pode ser envenenado. Assim, em vez de fazer circular águas que trazem o que é bom para a vida do povo, ele pode se tornar apenas um depósito de coisas mortas. Fecha-se, então, no conservadorismo, em que o antigo vale por ser antigo e o novo é recusado por ser novo.

Além disso, por ter a sua origem na experiência da vida e dos ciclos da natureza que sempre voltam e não mudam, a sabedoria popular tende para o fatalismo. Por si, ela não consegue gerar um projeto para a história. Suas águas podem ser desviadas para os interesses do sistema e dos poderosos. Dá-se uma verdadeira desapropriação[7]. O que aconteceu com a sabedoria em Israel, repete-se hoje. Sem os horizontes da história e do sistema, suas águas acabam limitando-se a irrigar o dia-a-dia. Permanecem presas a uma consciência imediatista e ingênua. Introjetam na cultura popular o racismo e o sexismo do sistema, gerando uma postura individualista e moralista. O individualismo só se preocupa com o relacionamento interpessoal dentro do seu mundo. O moralismo focaliza só os erros e torna o mundo sombrio. Por suas generalizações abusivas, alguns provérbios são mais marcados por esta "poluição".

– Se Deus não perdoar os ladrões, ficará sozinho no céu.
– Deus fez o homem com muita cerimônia: coração de pedra e cara de sem vergonha.
– Se mulher fosse coisa boa, Deus tinha uma.
– Negro, quando não suja na entrada, suja na saída.

No entanto, isso não impede que a sabedoria popular apresente-se dinâmica e viva. Originada no meio rural homogêneo e monolítico, dele tira muitas de suas expressões. Ela é perpassada pelo complexo fenômeno da pluralidade das culturas urbanas. Criativamente resiste às agressivas tentativas de desapropriação, transmitindo-se, moldando pessoas na família[8], no trabalho, na comunidade religiosa, na escola, no lazer. Nela podemos descobrir uma riqueza de vida de onde podemos extrair "coisas novas e velhas" (Mt 13,52).

2. "DITADOS VELHOS SÃO EVANGELHOS."

Tentaremos explicitar aqui traços de Deus que se revelam em provérbios e ditados populares. Nossa leitura, unindo-os em blocos temáticos, articulados entre si, destaca aspectos evangélicos que sua formulação sugere. Tentamos nos aproximar do modo como a sabedoria popular experimenta Deus e fala dele por meio de dois temas: Deus poderoso e Deus Pai.

2.1. Deus poderoso

A sabedoria popular, nos provérbios, surpreende pelo lugar que dá a Deus. Ela fala diretamente de Deus e com Deus. Aparecem com menor intensidade todos os intermediários: desde Jesus Cristo e a Virgem Maria, passando pelos santos e orixás até o clero com os seus rituais[9]. Deus aparece sobretudo como poderoso e santo: Senhor da vida e da morte, para quem tudo é possível. Este poder não é experimentado como tirânico, mas sim como um poder benéfico, que faz existir e dá confiança em meio às dificuldades.

– Impossível é Deus pecar.
– Deus pode mais que tudo.
– A bala fura, mas é Deus quem mata.
– Para tudo, Deus dá jeito.
– Com Deus, a morte é vida;
sem Deus, a vida é morte.
– Com Deus adiante, tudo dá certo.
– Acima de Deus, nada; abaixo de Deus, tudo.

Este poder de Deus faz contraponto à fraqueza do diabo. Esta figura se infiltrou poderosamente no imaginário religioso do povo[10]. Na coleção de provérbios aqui estudados, quando se fala dele, o tom é de brincadeira — como se o poder de Deus não deixasse que ele fosse levado tão a sério. Mas a quantidade enorme de nomes que o medo inventou expressa que "o demônio está solto", mas num lugar oposto e inferiorizado frente ao poder de Deus[11].

– Quando Deus dá o toucinho, o capeta tira o girau.
– Quando carro velho anda, é porque Deus puxa ou o capeta empurra.
– Quem deve a Deus, paga ao diabo.
– O diabo quando não vai, manda secretário.
– Mais vale um pão com Deus que dois com o diabo.
– O diabo não é tão feio como se pinta.
– Deus não fica pobre dando, nem o diabo fica rico levando.
– O que é de Deus, o diabo não carrega.
– Antes um "Deus te ajude",
que um "o diabo que te carregue".
– Deus tem mais pra dar, que o diabo pra vender.

O poder de Deus que derrota o demônio manifesta-se principalmente protegendo sempre, ajudando pessoalmente. Trata-se de um poder salvífico que desperta no ser humano uma confiança incondicional. Alguns exemplos:

– Deus ajuda quem cedo madruga.
– Há um só Deus que a todos protege.
– Há um só Deus, sua bondade é para todos.
– Andando com Deus tudo se arranja.
– Com a ajuda de Deus, nada é impossível.
– Quem chora, Deus ouve.
– Quem em Deus confiou, nunca se enganou.
– Quem espera por Deus, não perde tempo.
– Quem encosta em Deus não cai; e, se cair, não machuca.
– Se Deus é por mim, quem será contra mim?

Esta proteção apresenta-se como "providência divina" diante dos males da vida. Acreditar que Deus age salvificamente no mundo não significa necessariamente apelar para o imobilismo nem sacralizar o "*status quo*". A ação de Deus faz do ser humano parceiro que livre e criticamente colabora com Ele construindo sua vida. Superando um possível imobilismo fatalista, alguns ditados traduzem a máxima agostiniana tão conhecida: Trabalhe como se Deus nada fizesse e confie como se Deus fizesse tudo.

– Todo homem tem duas vidas: uma é a que Deus dá; a outra é a que ele faz.
– Enquanto tiver Deus no céu, urubu não come folha.
– Pedi a Deus felicidade. Ele me disse: "Trabalhe, plante e crie".
– Deus cura, o médico manda a conta.

Outro traço do Deus poderoso é sua vontade soberana. Conhecendo o futuro, Deus rege os acontecimentos. Sua soberania é capaz de tirar o bem do mal. No entanto, nem sempre combinam a vontade de Deus e o desejo da pessoa. Deus pode permitir ou até mandar o sofrimento. Porém, o que predomina na vontade soberana de Deus é a sua capacidade de curar, salvar, remediar a vida difícil do ser humano. Os exemplos aqui se multiplicam:

– O homem põe, Deus dispõe.
– Deus aperta, mas não enforca.

– Deus querendo, água fria é remédio.
– A quem Deus fecha uma porta, abre uma janela.
– Deus dá o frio conforme o cobertor.
– Deus, quando atrasa, já está a caminho.
– Deus que dá a ferida, dá o remédio.
– Deus tira os dentes, mas abre a goela.
– Deus tarda, mas não falta.
– Quando Deus tira o chapéu, dá carapuça.

A soberania da vontade de Deus se desdobra na sua justiça. Esta tem como principal característica ser infalível. Não falta um sonho de que a justiça humana ganhe os contornos da gratuidade da justiça divina, que encontramos no Pai misericordioso de Lc 15,11-32 e no dono da vinha de Mt 20,1-16. Alguns exemplos:

– A justiça divina tarda mas não falta.
– A justiça verdadeira é a de Deus.
– Deus escreve certo por linhas tortas.
– Com Deus não se discute.
– A justiça é igual para todos; aí começa a injustiça.

Esta concepção da soberania de Deus que se desdobra em justiça recupera a transcendência de Deus. Isso não impede que Deus seja percebido como "familiar, doméstico, próximo"[12], companheiro. Inúmeras são as frases que introduzem as locuções "com Deus" ou "sem Deus" ao lado dos advérbios "tudo" ou "nada". Viver toda a vida na proximidade de Deus é decisivo para o bem das pessoas. Isso se mostra no conhecido verso popular: "Com Deus me deito / Com Deus me levanto / com a graça de Deus / e do Divino Espírito Santo". Outros exemplos:

– Quem com Deus anda, com Deus acaba.
– Quem está com Deus, está com tudo.
– O pouco com Deus é muito. O muito sem Deus é nada.
– Com Deus e gasolina, vou até a China.
– Com Deus, os trabalhos são menores.
– Se com Deus não vai, sem Ele pior.
– Sem Deus não somos nada.

Tão próximo e disponível está este Deus que serve até mesmo para fins patrióticos. O famoso "Deus é brasileiro" pode ser um jeito de trazê-lo para bem perto, fazendo-o amigo, mesmo sendo autoridade. Tendo um compatriota tão ilustre, está feito o atalho para experimentar a pertença a uma nação[13]. Mas é também um jeito de expressar uma familiaridade que brinca evangelicamente com Deus, como no verso muito espalhado no Brasil: *Fui no céu jogar com Deus / na mesa da comunhão / Deus ganhou a minha alma / e eu ganhei a salvação*[14].

2.2. Deus Pai

Deus Pai é um outro eixo da imagem de Deus nos provérbios. Ligado com o Deus poderoso, expressa mais fortemente sua bondade. Esta aumenta a auto-estima, aproxima fraternalmente as pessoas, faz nascer a vontade de participar superando a exclusão.

– Deus é pai, não padrasto.
– Bem-aventurado aquele cujo Pai é Deus.
– De sorte madrasta enteado,
mas filho de Deus sou amado.
– Não sou rei do mundo, mas filho do dono.
– Filho de Deus não morre pagão.
– Eu também sou filho de Deus.
– Se tu acreditas em Deus, aqui viaja teu irmão.
– Filho de Deus não morre sem ver Jesus.

A paternidade bondosa de Deus encontra uma singular expressão na sua predileção pelos pobres. Deus não só faz os pobres viver, mas também com eles se identifica. Saber disso lhes dá um senso de dignidade. Mais ainda: pela atitude para com os pobres, passa o caminho da salvação.

– Deus mantém a quem nada tem.
– Quem dá aos pobres, empresta a Deus.
– Mais vale um pobre com Deus,
do que um rico sem Ele.

– Sou pobre, mas não da graça de Deus.
– Fora da caridade não há salvação.
– O inimigo de Deus não pode ser amigo do homem.

A bondade paterna de Deus se desdobra generosamente. Isso é percebido como uma bênção pelo povo. Dar a bênção é pedir que o dom generoso de Deus, numa determinada situação, traga o melhor. É dizer o bem que Deus faz. A generosidade no ser humano torna-se sinal divino. O poeta Minelvino Francisco Silva, no seu folheto "A mãe que xingou o filho no ventre e ele nasceu com chifre e rabo, em São Paulo" escreve: "Deus é que dá a saúde / É Deus quem nos dá o pão / Deus é quem nos dá a sorte / Deus é quem dá-nos perdão / É Deus quem nos dá a vida / E ainda dá a salvação". Vejamos alguns exemplos:

– Deus te dê a salvação e o perdão! (despedida de defunto)
– Deus te dê a saúde! (bênção de criança ou de doente)
– Deus te dê boa sorte e felicidade! (bênção de criança recém-nascida)
– Deus que te dê juízo! (bênção de criança)
– O que Deus não dá de manhã, à tarde Ele traz.
– Quem dá, com Deus se parece.

Verifica-se assim, nos provérbios, a presença vigorosa de uma fé num Deus poderoso e Pai. Mas o discurso é genérico e pode ser lido como uma versão tupiniquim do "pensamento positivo" de Norman Vicent Peale ou do Deus comum da Igreja Eletrônica de Rex Humbard. Nesta perspectiva, teria a função social de sustentar o otimismo, favorecer a concórdia e harmonia, unindo fé em Deus e fé na pátria e tentando viver como se não existissem problemas e conflitos[15].

No entanto, podemos ver nestas formulações sapienciais um modo especial de falar de Deus. Nas Escrituras Sagradas, este modo se coloca ao lado da narrativa, da profecia, da prescrição. Sua presença se estende para além dos livros sapienciais. Bastaria lembrar aqui o vasto uso que Jesus faz dele. Diretamente, este modo de falar se volta para o sentido e o sem-sentido da existência. Afirma o sentido, apesar do sem-sentido, do sofrimento injusto que subjaz a quase todas as suas afirmações. Pode parecer menos prático, por dizer menos o que se deve fazer e mais o como sofrer.

Falando sobre Deus, os provérbios nomeiam menos a pessoa de Deus do que a sua incompreensibilidade, o seu silêncio e a sua ocultação no curso inumano e anônimo das coisas. O discurso sapiencial liga se à narrativa, assim como o provérbio une se à parábola. Esta linguagem pede ser ampliada pela visão personalística de Deus da voz profética ou da voz ética da Lei. Pede também ser interiorizada com os hinos de súplica e de ação de graças[16].

Ditados velhos são evangelhos, diz o povo. Expressa assim sua consciência de que na construção e no uso de sua sabedoria faz uma experiência humana evangelicamente significativa: experimenta a Palavra de Deus lhe falando em suas palavras humanas. Como a VR poderia escutar mais esta boa nova?

3. "A CARNE DEBAIXO DO ANGU".

O quarto volume da *coleção* "Tua Palavra é vida", intitulado: *Sabedoria e poesia do povo de Deus*, em sua introdução geral, observa: "Por que será que os livros sapienciais são tão pouco usados hoje em dia? Talvez seja pelo seguinte: nós, intérpretes, agentes de pastoral e religiosos estamos mais do lado do clero e dos profetas. Por isso mesmo, sentimo-nos mais à vontade nos livros do clero e dos profetas (históricos e proféticos), onde tudo é mais claro e definido... Aos poucos, porém, gra-

ças a Deus está renascendo uma atenção maior para com os livros sapienciais"[17].

Como a Vida Religiosa pode participar mais ainda neste renascimento? Como aumentar esta tentativa de "dar mais sabor" às expressões da VR? Este novo jeito de ser, que vai sendo pacientemente gestado com a participação do povo, recebe impulsos, vê-se frente a armadilhas, encontra os seus caminhos.

3.1. Impulsos para a escuta

Um impulso vem da chamada "pós-modernidade". Caracteriza-se esta pelo "desencanto da razão ilustrada, a aceitação da perda do fundamento, a rejeição dos grandes relatos de compreensão globalizantes, o fim da crença positiva na 'história' como autoconstrução humana e a estetização geral da vida como da política. O religioso, que parece retornar triunfante..., serve para consolar as angústias do indivíduo desesperançado e ameaçado pela perda de sentido total. Com a 'desreferencialização' do real, importam pouco a doutrina e a realidade objetiva de determinada religião. Conta, antes de tudo, a sua capacidade de mobilizar sentimentos, de 'tocar' a subjetividade e resolver problemas e necessidades setoriais"[18].

No Brasil, esta postura pós-moderna, encontra-se com as novas perspectivas da sociologia da religião. Abandona-se uma visão da sabedoria religiosa do povo como se ela fosse apenas um resíduo de uma situação agrária miserável, algo que o migrante traz do campo. Dentro do fenômeno atual da "volta do sagrado", com variadas manifestações, a sabedoria popular pode ser lida como expressão de um protesto contra uma realidade estranha (cultural, econômica, política) que é imposta de cima para baixo e que não brotou do próprio povo. Esta sabedoria popular marcadamente religiosa é como "um ato político camuflado, comprimindo como uma mola, à espera do momento para a sua revelação e expressão. O arcaico se transfigura em utópico, a aparente presença do passado se transforma em anúncio do futuro, a memória torna-se profecia"[19].

3.2. As armadilhas

Se a pós-modernidade nos impulsiona a repensar o papel que a experiência religiosa tem na cultura popular, há também armadilhas para este repensamento, especialmente no que se refere à sabedoria popular. A primeira pode ser encontrada no populismo. O populismo caracterizar-se por sua visão romântica, em que o que é bom é somente o que vem do povo. Projeta-se no povo todo características que são de uma minoria em processo de conscientização. Esquece-se de que muitos elementos da religiosidade e da cultura popular estão infestados da ideologia dominante.

Evitar o populismo não pode nos levar ao *"despotismo ilustrado"*. Nesta postura, tudo se faz para o povo, mas sem ele.

Frente ao populismo e ao despotismo ilustrado é perfeitamente cabível que se suspeite de uma possível "força histórica dos pobres". Isso não impede de afirmar teologicamente a força dos pobres e de trabalhar para que se tornem sempre mais sujeitos históricos. Mesmo se manifestam a incompletude própria dos seres humanos e apesar de tantas vezes relevados no processo histórico, evangelicamente, os pobres são os destinatários dos mistérios do Reino (Mt 10,42; 11,25; 13,11 e 1Cor 1,16-19)[20].

Um terceira armadilha pode colocar impecilhos para o desenvolvimento desta dimensão sapiencial: o conservadorismo. A dimensão sapiencial sempre tendeu a acentuar a conservação do experimentado em detrimento da confiança no que surge. É mais capaz de repetir-se do que de abrir-se à busca do novo. Historicamente, foi instrumentalizada para os interesses dos po-

derosos e grandes e, freqüentemente, os pequenos e fracos introjetaram a sua humilhação, deixando-se levar pela passividade ou pelas ilusões oferecidas.

A superação destas armadilhas passa pela integração da dimensão sapiencial com outras dimensões como a profética, a sacerdotal e a apocalíptica. A palavra da profecia denuncia os moralismos paralizantes, as fugas para o passado, oferece uma visão mais global do projeto de Deus que envolve a história e impulsiona o compromisso ético. A dimensão sacerdotal relê as narrativas do passado e celebra as obras de Deus no presente abrindo pistas para o futuro. A atitude apocalíptica fortalece a confiança absoluta em Deus e a resistência. Esta integração com as demais dimensões da VR torna-se ainda mais urgente diante da intolerável situação de exclusão social em que vive o nosso povo, em tempos de pós-modernidade e na atual conjuntura da Igreja[21].

3.3. A via sapiencial

Quais caminhos se abrem para um desenvolvimento integrado desta dimensão sapiencial na VR? Entre outros, o retorno à prática de Jesus e às fontes da VR.

Jesus assimilou a cultura do seu povo. Na sua missão, Jesus mostrava que não se conhece a Deus por meio de estudos e reflexões, mas principalmente pela prática, em que o próximo aparece como critério decisivo (Mt 11,25-30). Não inflacionou a vida com normas e regras, mas principalmente ensinou a aplicar concretamente a lei suprema do amor (1Ts 5,9-22). A expressão máxima de sua sabedoria é a cruz (1 Cor 2,1-5). Mais ainda: Jesus utilizou de modo muito original a linguagem popular. Empregou provérbios para transmitir a sua mensagem e ser compreendido pelo povo (sobre este emprego nas bem-aventuranças, compare-se: Pr 2,21 com Mt 5,5; Pr 12,20 com Mt 5,9; Pr 3,27-29 com Mt 5,43-48). Os provérbios são também ponto de partida para as parábolas de Jesus (compare-se Pr 28,9.13 com a parábola do fariseu e do publicano, Lc 18,9-14). Eles também aparecem como conclusão de uma parábola (cf. "Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça", de Mc 4,9). Jesus realmente sabia reconhecer os traços de Deus ocultos e presentes em sua realidade cotidiana e simples. Isso tornou-se a base do compromisso profético de Jesus.

A VR encontra outra perspectiva para desenvolver a sua dimensão sapiencial no retorno a suas próprias fontes. Os primeiros monges cristãos, mesmo "emigrando" para o deserto, permaneceram "próximos" do povo. Assim, escreveram um verdadeiro evangelho antropológico, tentando resistir ao intelectualismo de uma espiritualidade profundamente marcada pelo platonismo. Na formulação deste evangelho, usaram das mais variadas expressões sapienciais: histórias, máximas, exortações etc. Privilegiaram mais o caminho de ascensão para Deus do que uma doutrina sobre Deus. Insistindo numa teologia negativa, eles desenvolveram principalmente três temas: O conhecimento de Deus por meio do coração, da fidelidade na prática, da petição humilde; a insistência na humanidade de Jesus; e, finalmente, a prioridade do agir fraterno e a insistência nas virtudes da vida em comum. Trata-se de uma mensagem que contém um modo de viver. Apoiados na fé dos pobres, formularam uma espiritualidade que superava a filosofia grega[22].

Esses dois caminhos inspiram e dinamizam nossa busca de novas formas de VR. Pe. Edênio Valle, em 1975, chamava a atenção para o divórcio entre a VR no Brasil e a cultura do nosso povo. Concluía formulando o grande desafio da construção de uma Igreja como "plenitude evangélica" dos valores humanos do nosso povo, pois existe uma continuidade entre a sofrida história deste povo com a sua sa-

bedoria aí desenvolvida e o desígnio salvífico de Deus revelado em Jesus Cristo[23]. De lá para cá, o desafio de buscar a expressão do Evangelho a partir do sujeito de nossas culturas tornou-se sempre mais presente à consciência eclesial. Mas ainda há muito a caminhar.

Este longo processo de inculturação feito pelo povo busca unir duas atitudes: a solidariedade com as culturas e o discernimento crítico à luz do Evangelho. Isso passa por uma enculturação que supere o etnocentrismo colonial e a xenofobia nacionalista. Pela enculturação, cada um, em vez da "*fuga mundi*" no seguimento de Jesus, faz a "*assumptio mundi*" pela assimilação de sua identidade cultural. Isso nos torna capazes de apreender e respeitar outras culturas e de traduzir o Evangelho em mensagem significativa para um grupo humano[24].

4. ANGU COM CARNE.

Novas formas de vida religiosa enculturadas com capacidade de encontrar expressões significativas do Evangelho implicam certamente muitas mudanças no modo de organizar nossa vida, especialmente no campo da formação. Esta seria levada a desenvolver continuamente nossa capacidade de ler a presença de Deus na vida cotidiana, na história a partir de nossas culturas e do Evangelho, de articular os dados descobertos, e estimular-nos a estar mais comprometidos com o povo.

A linguagem sapiencial que tem nos provérbios e ditados populares sua expressão privilegiada, não diz tudo. Requer o enriquecimento da linguagem desinstaladora dos profetas e da linguagem narrativa e celebrativa dos sacerdotes com seus gestos litúrgicos, a linguagem da perseverança e da fidelidade da apocalíptica. Sua experiência de Deus pode ser ampliada com a explicitação teológica do Deus Tri-Uno.

Mas também não podemos nos esquecer de que os(as) religiosos(as), principalmente os provenientes dos meios populares, têm na sabedoria popular um elemento estruturante de si mesmos(as). Ela faz parte de sua "agenda oculta" ou de sua "personalidade de base"[25] mais profunda e original que inspira muitos de seus comportamentos. Conscientizar-se, assumir criticamente a própria cultura, pode transformar-se num caminho de fazer da dimensão sapiencial de toda vida humana um evangélico e libertador alimento da VR. Sua experiência de um Deus poderoso, despertando a autoconfiança, abre mais espaço para a gratuidade, a leveza, a jovialidade, a espontaneidade, o bom humor, a criatividade. Fundados na experiência de um Deus Pai, solidário com os pobres, seríamos capazes de ensaiar, entre nós, formas de vida mais participativas, igualitárias e ecumênicas e, ao mesmo tempo, solidárias com os pobres na busca da libertação.

Angu com carne é um prato comum na mesa do povo. Experimentando este prato, o povo afirmou: "Debaixo deste angu tem carne". Exprime assim sua confiança/desconfiança de que algo saboroso subjaz a uma realidade banal e corriqueira. Quem é a carne? Quem é o angu? Quem é extraordinário? Quem é mais comum? Nossas culturas populares? Sua evangélica experiência de Deus? A VR? Sua experiência fundante?

Várias combinações são possíveis. Cito algumas. Sob as culturas populares flui uma evangélica experiência de Deus. Debaixo da VR subjaz uma experiência fundante de Deus. Debaixo da experiência fundante que cada religioso faz, encontramos muito da experiência sapiencial de Deus do povo. Sob a busca de novas formas de VR está uma experiência de Deus nos pobres e em sua cultura. Indispensável é a articulação entre culturas populares e VR. Angu com carne pode ser um prato muito gostoso, especialmente nos dias frios de inverno.

Para acreditar que isso é possível e para dar os passos necessários neste momento da história, a sabedoria do povo nos alimenta com a lógica da fé, que R. Alves poeticamente descreveu:

"Dirão que isto não dá certo.

Não dá certo virar criança.

Não dá certo assentarmo-nos com os pobres e fracos.

Não dá certo fazer fogueira de fardas e armas.

Não dá certo amar o inimigo e oferecer a outra face

Não dá certo deixar tudo por amor ao Reino...

Estas são opções de muito amor e pouca força.

Por serem de muito amor são belas e românticas.

Por serem de pouca força são como filhos que nascem mortos, abortos.

O que dá certo é aquilo que tem muita força e pouco amor: a opressão, a riqueza, a violência, o progresso, a corrida das armas, a indústria da morte... (...)

A questão não é se vai dar certo ou não.

A questão é se o ato é uma expressão transparente e radical de uma visão e de um amor...

Ainda que não dê certo.

Abraão sabia que o sacrifício de seu único filho não daria certo. A despeito disso ele levantou a faca...

Jeremias sabia que a cidade estava sitiada, condenada à desolação. A despeito disso comprou um pedaço de terra para dizer sua esperança: 'Ainda se plantarão vinhas neste lugar'.

Jesus sabia que seu amor pelos fracos e pelos pobres não daria certo. A despeito disso deu-se por eles até a morte (...)

A lógica da fé se fala sempre a despeito de.

Possuídos pelo futuro.

Dançar, no presente, uma esperança. Seus passos?

Desde a canção terna para com a criança, até o gesto último de sacrifício..."[26]

NOTAS

1. Cf. *Sabedoria e Poesia do Povo de Deus*, Col.: *"Tua Palavra é Vida"* 4, São Paulo, Loyola/CRB, 1993 (= *TPV*). Esta também é a perspectiva de A. OTTEN, *"Só Deus é grande". A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*, São Paulo, Loyola, 1990 (= *Deus grande*), 15-91. O autor se propõe a encontrar a espiritualidade de Antônio Conselheiro que seria "a força motriz e modeladora do movimento" de Canudos (86).
2. Para esta ligação bíblica entre imagens de Deus e condutas humanas, cf. A. MURAD, *Este cristianismo inquieto. A fé cristã encarnada em J. L. Segundo*, São Paulo, Loyola, 1994 (=*Cristianismo inquieto*), 23-32. Cf. também J. I. G. FAUS-J. VIVES, *Crer, só se pode em Deus. Em Deus só se pode crer. Ensaios sobre as imagens de Deus no mundo atual*, São Paulo, Loyola, 1988. A mesma temática é aplicada à VR por JOÃO PAULO II, na Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*. Partindo de uma leitura teológico-espiritual da Transfiguração no Cristo no Tabor, coloca o Deus Tri-uno manifestado em Jesus Cristo como fonte da vida consagrada. Cf. também J. B. LIBÂNIO, *Vida Religiosa: sempre a renascer sempre a renascer*, São Paulo, Paulinas, 1995, 41-65, em que a experiência de Deus nos pobres é apresentada como fundante para a VR.
3. S. AUGUSTINUS, *Enarratio II in Psalmum 32, Sermo I, PL* 36, 279. Esta frase é citada por B. LEERS, *Catolicismo Popular e Mundo Rural. Um ensaio Pastoral*, Petrópolis, Vozes, 1977 (=*Catolicismo Popular*), 30, abrindo o capítulo sobre a linguagem religiosa do povo.
4. Cf. *TPV*, 13-34 e ainda, B. Leers, *Catolicismo Popular*, 30-70; N. FEITOSA, *A Sabedoria do povo*, Petrópolis, Vozes, 1984, 9-43. Veja-se também o interessante artigo de A. DROOGERS, "A Religiosidade Mínima Brasileira", em *Reli-*

gião e Sociedade, 14/2, 1987, 62-96 (=*RMB*), em que se forja o conceito "religiosidade mínima brasileira" como uma manifestação pública, secular, veiculada pelos MCS e pela linguagem cotidiana, existente em nível nacional. Nela, a noção de Deus é central. Sendo a-confessional, dispensa a mediação de sacerdotes-tradutores. Trata-se de uma religião alimentada pelas religiões existentes no mercado brasileiro, especialmente o catolicismo popular. É muito usada por políticos, esportistas, artistas de televisão e de rádio, na música popular brasileira, na propaganda, na linguagem cotidiana, nos pára-choques. Para o autor, a RMB tem um grande valor ideológico, por parecer ser natural e não cultural e por favorecer um processo de unificação da sociedade, escamoteando conflitos religiosos e seculares que minam a unidade social.

5. R. R. A. ALTUNA, *Cultura Tradicional Banto*, Luanda, Secr.Arquidioc. de Pastoral, 1985, 39. Esta citação encontra-se no *Dicionário de Religiosidade Popular* em preparação por Francisco van der Poel, que pôs à minha disposição o esboço do verbete *provérbio*.
6. A. DROOGERS, em *RMB*, 78-79 observa que o humor e o tom de brincadeira estão muito presentes nas expressões da chamada "religiosidade mínima brasileira". Para ele, isso poderia ser atribuído ao fato de que os seus portadores são os leigos. Seria uma forma de compensar a sua falta de autoridade no campo da religião. Nesta atitude se veicularia uma crítica à religião oficial. Acrescenta que uma certa "malandragem" na veiculação de noções religiosas pode esconder e justificar os verdadeiros interesses que estão por detrás de uma referência à religião. Na coleção *O pouco com Deus*, encontramos estes ditados: *Devagar com o terço que o padre é velho; Os três pês que sujam a casa: padre, primo, pato; O padre, onde canta, aí janta*. Uma tentativa de leitura bem-humorada das origens de provérbios, expressões e ditos populares brasileiros, encontramos em: M. PRATA, *Mas será o Benedito? Dicionário de provérbios, expressões e ditos populares*, São Paulo, Globo, 1996.
7. A expressão é A. OTTEN, *Deus grande*, 95-120, analisando o que houve no catolicismo rústico brasileiro, gerando sua forte ênfase no culto aos santos e na dimensão penitencial.
8. Neste artigo, utilizei muitos dos provérbios que eram usados no dia-a-dia de minha família, principalmente por minha mãe.
9. A. DROOGERS, *RMB*, 76.
10. Cf. *Religião e Sociedade* 12/10, 1985. Encontramos aí uma série de artigos tratando do tema do diabo na cultura popular. Para o nosso estudo é particularmente útil o artigo de E. D. B. MENEZES, *A quotidianidade do Demônio na cultura popular*, 92-130 (=*Quotidianidade do Demônio*), em que se estuda especificamente a literatura de cordel. Sobre a presença do demônio em todos os recantos da cultura popular, o autor recorda o fato de que Mário Souto Maior, em sua obra *Território da Danação: o diabo na cultura popular do Nordeste*, Rio, Liv. São José, 1975, registrou 105 apelativos do Diabo e 99 locuções em que este termo ou correlatos comparecem na linguagem popular (95).
11. Cf. B. LEERS, *Catolicismo Popular*, 46; A. DROOGERS, *RMB*, 77. Esta familiaridade com o demônio levou Guimarães Rosa a colocar como subtítulo de seu *Grande Sertão: Veredas* – "O Diabo na rua, no meio do redemoinho...", como observa E. D. B. MENEZES, *Quotidianidade do Demônio*, 99. Frei Tito Figueirôa de Medeiros, O. Carm., antropólogo, me chamou a atenção para o fato de que, na cultura popular, nem sempre o diabo é fraco. Às vezes, ele aparece dividindo com Deus o governo do mundo. Esta força do demônio aparece na prática popular de buscar pactos com ele. Quanto aos provérbios de *O pouco com Deus*, eles podem ser classificados dentro da categoria que L. da Câmara Cascudo destacou nos contos populares que tem como tema o "Diabo logrado". Cf. E. D. B. MENEZES, *Quotidianidade do Demônio*, 100.
12. A observação é de SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, em *Raízes do Brasil*, 110, citada por A. DOORGERS, *RMB*, 76.
13. Cf. A. DOORGERS, *RMB*, 76, 93 e 94.
14. Cf. F. POEL, *Poesia Religiosa na Tradição Oral*, pro manuscrito, 3.
15. Cf. A. DOORGERS, *RMB*, 78, 93 E 95.
16. Cf. P. RICŒUR, "Entre filosofia e teologia II: nomear Deus" (1977), em *Nas fronteiras da filosofia*, São Paulo, Loyola, 1996, 191-204, esp. 194-196.
17. CF. *TPV*, 16.
18. J. B. LIBÂNIO–A. MURAD, *Introdução à Teologia*, pro-manuscripto, 156. Veja-se também: K. ARMSTRONG, *Uma história de Deus. Quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994, 377-399, em que a autora tenta responder à pergunta: "Deus tem futuro?".
19. R. ALVES, "A volta do Sagrado. Os caminhos da sociologia da religião no Brasil", em *Religião e Sociedade*, 3,1978 (= *Volta do Sagrado*), 137, Cf. A. OTTEN, *Deus grande*, 77.
20. Sobre o populismo, o despotismo ilustrado e as suspeitas sobre uma possível força histórica dos pobres, cf. A. MURAD, *Cristianismo inquieto*, 190-191. R. ALVES, *Volta do Sagrado*, 137, fala do risco de se romantizar a cultura popular.
21. Uma tentativa de fazer esta integração entre as várias dimensões da VR aparece na III Parte da exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata* de João Paulo II, em que se mostra como a VR colabora na evangelização por meio do amor até

o fim e do testemunho profético, nos areópagos modernos, numa atitude de diálogo com todos. Esta integração é sugerida por J. B. LIBÂNIO, "O Papel profético da VR", em *Convergência*, n.194/1986, 331-335, em que fala dos equilibradores do pólo profético: o sacerdotal, o sapiencial, o apocalíptico. Veja-se ainda C. BOFF, *Uma análise de conjuntura da Igreja católica no final do milênio*, em *REB*, f.221, 3/1996, 125-149. O autor sugere como ação concreta: insistir na idéia de uma Igreja participativa, prosseguir na missão de profetismo social da Igreja, avançar na construção de uma Igreja inculturada e *recuperar as raízes espirituais e místicas do cristianismo, de modo a repor a reserva de sentido para a vida e a ação dos cristãos no mundo.*

22. Cf. J. COMBLIN, *A Força da Palavra*, Petrópolis, Vozes, 1986, 95. O itinerário espiritual dos(as) fundadores(as) reproduz muitos destes elementos. Uma das formas usadas para expressar este legado são os ditados, como, por exemplo: "*ora et labora*", "*ad maiorem Dei Gloriam*", "*pax et bonum*", "*per Mariam ad Iesum*" etc.
23. Cf. E. VALLE, *Religiosidade Popular: Evangelização e Vida Religiosa*, Petrópolis, CRB/Vozes, 1975, (= *Religiosidade popular*), 12-13; 15. Pode ser lembrada aqui a observação do Documento de Santo Domingo sobre os movimentos e associações eclesiais de que é necessário que sejam acompanhados "em um processo de inculturação mais definido" e assim fortalecer a formação de movimentos com um perfil mais latino-americano". (DSD 102).
24. O documento preparatório para o VI Encontro Nacional de Presbíteros do Brasil, 2/1996, com o tema *O presbítero: missionário, profeta e pastor no mundo urbano*, colocava como primeira tarefa do presbítero no mundo urbano "enculturar-se" para "inculturar o Evangelho", 41-43. Enculturação é definida como sendo o processo pelo qual uma pessoa é introduzida em sua própria cultura, assimilando as características fundamentais de sua identidade cultural.
25. As expressões "agenda oculta", "personalidade de base" são usadas por E. VALLE, *Religiosidade popular*, 21.
26. R. ALVES, *Poesia, Profecia, Magia*, Rio de Janeiro, CEDI, 1983, 78-80.

QUESTÕES PARA A JUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O autor afirma, no começo do seu artigo, que "a busca de novas formas de Vida Religiosa passa por dois eixos interligados: uma renovada experiência fundante de Deus e uma inculturação nas culturas populares". Você concorda com essa afirmação? Por quê? Que implicações de ordem prática isso acarreta para a Vida Religiosa em geral e, mais concretamente, para a sua comunidade e província?

2. Você já tentou fazer alguma vez uma leitura teológica dos provérbios que se referem à religião? A partir das colocações do autor, procure fazer e compartilhar na comunidade esse tipo de leitura.

3. O autor destaca a importância da aproximação entre Vida Religiosa e culturas populares, especialmente para a formação. Como você e sua comunidade percebem essa questão?

CORPO COMO EPIFANIA DA PESSOA, METÁFORA DA SOCIEDADE E ÍCONE DE DEUS

Pe. José Roque Junges, SJ
Belo Horizonte – MG

O individualismo moderno pode assignar um lugar autêntico ao corpo? A reapropriação atual do corpo é uma verdadeira redescoberta do corpo? É possível valorizar o corpo no contexto de uma mentalidade individualista?

Esta reflexão tem como ponto de partida uma pergunta: a cultura atual, impregnada de individualismo e narcisismo, pode verdadeiramente valorizar o corpo e destacar o seu significado e papel essenciais para a experiência humana? Parece que um olhar para a história da humanidade revela que o corpo foi autenticamente apreciado e ressaltado em culturas predominantemente comunitárias e que viviam em harmonia com o meio ambiente natural, o que não é o caso da hodierna cultura ocidental. Para desenvolver esta reflexão, parte-se de uma explicitação da experiência atual com o corpo, seguida de uma tentativa de explicar a matriz cultural deste modo moderno de representar o corpo e de um confronto desta representação com o paradigma bíblico-semita, distinto da compreensão grega. Por último, tenta-se uma compreensão cristã do corpo como epifania da pessoa, metáfora da sociedade e ícone de Deus, que evite tanto a representação do dualismo grego quanto a do individualismo moderno.

1. EXPERIÊNCIA ATUAL COM O CORPO

Depois de séculos de repressão corporal, a sociedade atual vive a reconquista e o encantamento com o corpo. Vive-se um culto ao corpo sob as mais diferentes formas: práticas esportivas, medicina alternativa, operações plásticas, ginástica aeróbica (energia fornecida pela respiração) e anaeróbica (energia tirada da reserva muscular), técnicas de relaxamento e de expressão corporal. As pessoas preocupam-se com a beleza e a boa forma do corpo. Busca-se uma modelagem do corpo (*body building*) que corrija as patologias corporais de uma sociedade sedentária: obesidade, reumatismos, posições viciadas, distúrbios psicofísicos etc.[1]

Existe uma reapropriação do corpo. A reivindicação dos direitos do corpo é um postulado indiscutível em que se baseia a atual organização da ordem social. A promessa de uma vida melhor inclui como direito o bem-estar do corpo, o desenvolvimento físico e a felicidade sensual. Esta política do corpo aparece principalmente nas contraculturas. Só para dar dois exemplos: o **feminismo** advoga uma reapropriação do

corpo por parte da mulher, expropriado, como sua propriedade, pelo machismo do homem. Ela exige seus direitos corporais ao autodomínio da reprodução, ao prazer, ao respeito frente à mercantilização comercial e ao assédio sexual; o **movimento pelos direitos do enfermo** luta por uma reapropriação do corpo por parte do doente, expropriado pela onipotência do médico. A saúde como autogestão do corpo inclui o direito à autonomia. O corpo tornou-se um dos eixos fundamentais da cultura atual e pode-se dizer que expressa a feição epocal da nossa civilização[2].

A superação do dualismo antagônico entre corpo e alma levou a uma maior integração entre estas duas dimensões do ser humano. Nada de grande pode acontecer ao nível espiritual se não tem o suporte de uma expressão corporal, e nenhuma manifestação do corpo, por ser humana, pode ser uma pura expressão física sem nenhuma mediação espiritual. A pessoa humana forma uma unidade substancial na qual não é possível separar esta duas realidades. As atividades espirituais usam sempre mais técnicas corporais. A introdução no ocidente do misticismo oriental (Budismo, Ioga, Zen etc.) responde a esta tendência.

No próprio cristianismo aconteceu uma reaproximação do corpo principalmente na **espiritualidade** e na **liturgia**. A tradição cristã não conhece, até a época moderna, a desconfiança a respeito do corpo na oração. São conhecidas as indicações precisas sobre as posições do corpo que Santo Inácio dá nos *Exercícios Espirituais*. A gestualidade corporal é típica da liturgia monacal. O rigorismo jansenista do século XVIII introduziu a desconfiança e o desprezo em relação ao corpo. Nas últimas décadas existe uma recuperação da meditação corpórea e da gestualidade litúrgica. Isso aparece nos movimentos atuais de espiritualidade e de uma maneira mais manifesta nas diferentes formas de pentecostalismo[3].

A reapropriação do corpo aponta para um dos arquétipos fundamentais da experiência humana. A condição corpórea possibilita que o homem seja **um ser situado no mundo**. É o ponto de inserção na realidade que o capacita para a elaboração do conhecimento e o exercício da liberdade. Por meio do corpo, a pessoa está situada e experimenta a realidade, criando a possibilidade de reagir diante dela, elaborá-la e superá-la. O próprio desenvolvimento e maturação pessoal não se realizam senão mediante e com a contribuição determinante da corporeidade. A condição corpórea é **o sinal da identidade pessoal** e a garantia da historicidade da existência humana e, por isso, o motor do seu desenvolvimento. A corporeidade é o meio de interiorizar a realidade exterior e integrar elementos novos na experiência. Por meio do corpo, por fim, é possível **estar presente ao outro**, expressar o amor e testemunhar a convivência comunitária. É o meio de se comunicar com o outro. É o lugar do reconhecimento do outro.

Se o corpo é tão importante para a experiência humana, a sua redescoberta e recuperação aponta para um fenômeno significativo e de transcendental importância. Como foi possível, então, a desconfiança e o desprezo em relação ao corpo?

A cultura atual é definida como uma cultura centrada no corpo. O corpo é um componente central da realização humana e o eixo estruturador da vivência existencial. Qual é a compreensão de corpo presente neste contexto cultural?

2. O CORPO NO PARADIGMA CULTURAL DA MODERNIDADE

As representações do corpo são tributárias de um contexto sociocultural e de uma visão de mundo e, no interior destas,

de uma definição de pessoa. Assim a concepção do corpo é efeito de uma construção social e cultural. A maneira de conceber e representar o corpo é fruto de uma construção simbólica. Nas sociedades ocidentais esta concepção começou com uma visão anatômico-fisiológica e evoluiu sempre mais para uma visão possessiva do corpo na esteira do modelo cultural individualista. O corpo é entendido como "meu corpo" ou como "corpo próprio". O **individualismo** é a estrutura sociocultural na qual é construída a representação atual do corpo. Passou-se de uma visão anatômico-fisiológica a uma maior volta sobre si mesmo na maneira de experienciar o corpo. Esta passagem corresponde a uma mudança no próprio modelo cultural individualista: de um individualismo autonômico a um individualismo narcisista.

O individualismo moderno significou o surgimento do sujeito autônomo diante dos determinismos. A emergência da subjetividade individual foi o fato mais importante e significativo do processo da modernidade. Possibilitou a tomada de consciência da dignidade de toda pessoa humana e a proclamação dos direitos humanos fundamentais. Os tempos pós-modernos apontam para uma fragmentação desta subjetividade. Passou-se do sujeito autônomo ao sujeito solipsista fechado em seu **narcisismo**. Se o sujeito autônomo significou a afirmação da identidade e da independência, o sujeito narcísico aponta para a perda da identidade e da auto-suficiência. *O narcisismo não se identifica com a auto-suficiência, mas com a perda de identidade. Faz referência a um eu ameaçado pela desintegração e por uma sensação de vazio interior*[4].

Hoje assistimos a uma aceleração dos processos sociais que não é acompanhada por um correspondente processo cultural ou simbólico. As vivências mudam com grande rapidez e as pessoas não têm o tempo psicológico, que é mais lento, de construir o sentido das representações. Esta sensação cria um vazio e passa-se de uma experiência a outra em busca de um sentido. A falta de sentido conduz a um fechamento sobre si em busca de segurança, a uma atomização dos atores e a uma sensação de vazio. Buscam-se soluções individuais que não levam em consideração o sentido comunitário. Esta sensação é visível na experiência atual do corpo. Muitas formas atuais de experiência com o corpo são desintegradoras do sujeito devido ao narcisismo que as alimenta. A busca de novas experiências corporais sempre é impulsionada por um vazio interior provocado por esta desintegração. O corpo é forçado e usado a serviço de um modelo físico veiculado pela cultura narcisista[5].

A **concepção anatômico-fisiológica** teve a sua emergência, no século XVI, como fruto das primeiras dissecações de cadáveres e o estudo do corpo. Livros de anatomia representavam os diferentes órgãos e partes corporais. O corpo como algo sagrado e intocável foi aos poucos sendo secularizado e objetivado. Esta concepção deu origem a uma separação entre o sujeito e o seu corpo e uma correspondente objetivação do corpo. Para que fosse possível a manipulação do corpo era necessário distingui-lo e diferenciá-lo da pessoa. Esta postura tornou possível que o sujeito objetivasse e analisasse o corpo.

Nas sociedades tradicionais, regidas por uma **visão holista e comunitária**, o indivíduo é indissociável do seu mundo cósmico e social e o corpo não está cindido em relação ao sujeito. O ser humano está intimamente misturado ao cosmos, à natureza, à comunidade. Nestas sociedades, as representações do corpo são, de fato, representações da pessoa como um todo. A imagem do corpo é uma imagem de si, composta com elementos da natureza e dos cosmos. Existe um sentimento de parentesco ativo do ser humano com a totalidade dos viventes e dos elementos da natureza.

O corpo como elemento isolável e de possessão do ser humano só é pensável em estruturas sociais de tipo individualista em que as pessoas estão separadas umas das outras e são autônomas em suas iniciativas e em seus valores. O corpo funciona como limite fronteiriço que delimita o sujeito frente aos outros. O corpo é fator de individuação. Nas **sociedades tradicionais**, onde o sentido da existência está marcado pela inserção no grupo social, no cosmos, na natureza, o corpo não é um elemento de individuação separativa porque o indivíduo não se distingue do grupo, já que a sua singularidade emerge da harmonia diferencial do grupo. Ao contrário, o isolamento do corpo nas **sociedades ocidentais** testemunha uma trama social em que o ser humano está separado da natureza, dos outros e de si mesmo. Fator de individuação no plano social e no plano das representações, o corpo é dissociado do sujeito e percebido como um de seus atributos. A distinção entre o corpo e o sujeito é a herança de uma concepção da pessoa humana dissociada de sua componente cósmica e comunitária. O corpo da modernidade marca a fronteira de um indivíduo frente ao outro e o fechamento de cada um na sua individualidade. Corpo é aquilo que me diferencia dos outros e do mundo e não o que relaciona e põe em contato. Nas sociedades ocidentais de tipo individualista, o corpo funciona como interruptor de energia social. Nas sociedades tradicionais, ele, ao contrário, é a tomada da energia comunitária.

O sentimento de ser indivíduo antes de ser membro de uma comunidade expressa-se no corpo como fronteira que marca a diferença. O corpo é fator de individuação que determina a fronteira em relação aos outros. O corpo deixa de ser fator de inclusão ou enraizamento comunitário e torna-se princípio de exclusão. A definição moderna de corpo é algo separado do mundo, dos outros e de si mesmo. O corpo é o resto. Ele não é sinal de presença humana, algo indissociável da pessoa, é a sua forma acessória. O corpo deixa de ser expressão do ser e torna-se um objeto do ter. Portanto, na modernidade existe uma objetivação e uma dessocialização do corpo. O corpo é um objeto de possessão (tenho um corpo) e um fator de individuação (corpo como fronteira frente ao outro).

A matriz de pensamento que serviu de base a esta concepção foi o **mecanicismo**. Nesta visão, o universo é uma máquina e a natureza, um conjunto sistemático de leis que regem mecanismos. A compreensão destes mecanismos é geométrica. O relógio é a metáfora privilegiada do modelo mecanicista. O próprio corpo encontra seu princípio de compreensão na metáfora do mecanismo. Esta compreensão está na base das descobertas da anatomia humana que possibilitaram o desenvolvimento da medicina moderna. A redução do corpo a um conjunto de mecanismos, análogos aos de uma máquina, inspirou os estudos de anatomia médica. Descartes é a expressão máxima desta concepção[6].

3. VISÃO CARTESIANA DE CORPO

A visão cartesiana[7] tem como ponto de partida um dualismo entre corpo e alma que reduz o corpo a uma máquina e a alma ao pensamento. São duas substâncias distintas e cada uma com atributos próprios. O atributo principal da alma é o **pensamento** (***res cogitans***), do corpo é a **extensão** (***res extensa***). Todo corpo é necessariamente extenso e, portanto, mensurável e reduzível a um mecanismo.

Descartes reduz o ser humano ao pensamento (***Tenho um corpo mas sou somente algo que pensa***) e autonomiza o corpo em relação ao sujeito. O corpo é algo acessório da pessoa. Aparece sob o registro do ter. A unidade da pessoa foi

rompida e esta fratura designa o corpo como uma realidade acidental e indigna do pensamento. O corpo tornou-se estranho ao homem, dessacralizado em sua dignidade e objeto de pesquisa. Descartes introduz um dualismo que não é mais axiológico-moral como em Platão (em que se trata de libertar a alma da prisão do corpo), mas metodológico-mecanicista (em que se trata de separar alma e corpo como duas substâncias autônomas). O corpo é desimbolizado e reduzido a um mecanismo para que possa ser analisado e pesquisado. Ele é um autômato com suas funções e leis próprias que regem os seus mecanismos.

A visão de Descartes garante o uso instrumental do corpo em diversos setores: não só na anatomia médica, mas também na anatomia política e econômica. O corpo analisado conduziu ao corpo manipulado. A separação entre o homem e o seu corpo possibilita a instrumentalização e domesticação do corpo. Não é o ser humano que é explorado e manipulado, mas algo acessório, o seu corpo. Chaplin faz uma crítica admirável desta instrumentalização no filme *Os tempos modernos.*

A reapropriação atual do corpo é uma reação a esta instrumentalização e domesticação do corpo. Não tenho corpo mas sou corpo. Expressa a identidade pessoal. O problema é que esta reapropriação é feita a partir dos mesmos pressupostos que possibilitaram a própria separação entre o sujeito e seu corpo: o **individualismo**. A matriz de pensamento responsável pela representação moderna e atual do corpo é o individualismo. Hoje este individualismo assume a forma narcisista. A reconquista e o reencantamento da representação atual do corpo, presente em muitas formas desta reapropriação, são devedoras desta visão individualista e narcisista. Como fazer que esta redescoberta do corpo não seja uma nova objetivação e manipulação que reduz o corpo a um instrumento da pessoa? O corpo como algo a ser usado a serviço dos desejos do sujeito? Uma verdadeira reapropriação do corpo só é possível dentro de uma **visão holista e comunitária** que supere o individualismo narcisista e recoloque o corpo em íntima relação com a natureza e os outros. Em outras palavras, conceber o corpo como epifania da pessoa e metáfora comunitária. Isso aparece na concepção hebraica de corpo, presente na Bíblia.

4. ELEMENTOS DE ANTROPOLOGIA BÍBLICA

O cristianismo é fruto de um encontro entre o **mundo hebreu** (Bíblia) e o **mundo helênico** (filosofia grega). Antropologias diversas correspondem a estas duas mundivisões. A visão grega do homem caracteriza-se pelo dualismo entre corpo e alma e pela afirmação da imortalidade da alma e a consideração do corpo como uma prisão da alma. A antropologia semita tem uma visão sintética do homem. Todas as afirmações sobre um elemento ou uma parte do ser humano (por exemplo, coração, rins etc.) são afirmações sobre o homem inteiro. A própria distinção grega entre alma e corpo é desconhecida para a visão semita. Quando a Bíblia fala de **carne** (em hebraico, *basar*, traduzido em grego por *sarx*), de **corpo** (*soma*, conceito grego usado por Paulo), de **alma** (em hebraico, *nefesh*, traduzido em grego por *psyque*) ou de **espírito** (em hebraico, *ruah*, traduzido em grego por *pneuma*) não está se referindo a substâncias ou partes subsistentes do ser humano, mas a diferentes condições ou estados da pessoa, tomada na sua totalidade. O homem inteiro é carne, corpo, alma, espírito. São diversos modos de ser e estar no mundo[8].

Basar-Sarx designa, antes de mais nada, a carne propriamente dita e a visibilidade corpórea do homem. Contudo, não pode ser confundido com o conceito de corpo da visão dualista grega. A antropologia semita

refere-se a um corpo animado e não a uma alma encarnada. *Basar* é um modo de ser. É o homem como ser no mundo em solidariedade com todos os seres vivos e com o cosmo. Em outras palavras, designa a mundanidade do ser humano, ou seja, a solidariedade com a existência criada. *Basar-Sarx* denota a posição do homem diante de Deus como ser criado. Expressa neste sentido a sua condição de criatura limitada e dependente de Deus. Aponta para a fragilidade e caducidade da existência humana. Por isso, engloba igualmente a impotência do homem diante de Deus e manifesta a idéia de natureza corrompida. O homem entregue à carne não é nada.

Nefesh-psyque (alma) designa o eu vivo ou a pessoa viva enquanto tendência. A vida é essencialmente movimento e tendência. Está ligada ao corpo e cessa com a morte. Não se refere a um princípio da natureza humana, como pode dar a entender a tradução por anima-alma. Assinala o ser humano em sua plenitude como eu vivente e consciente. *Nefesh-psyque* não pode servir de apoio para opor corpo mortal e alma imortal e para afirmar a superioridade da alma como princípio indestrutível e distinto do corpo. O corpo não é distinto do princípio que o anima, o *nefesh*. Se *nefesh* (alma) é o princípio animador da vida, é igualmente o centro da atividade emotiva e psíquica. Por isso, é o lugar do apetite físico, dos sentimentos e dos desejos; é a sede do pensar e querer. Toda atividade humana está centrada no *nefesh* (alma). Em cada ato está presente a totalidade do *nefesh*, a totalidade da pessoa. Neste sentido, é centro da personalidade e a sede da moralidade.

Mas *nefesh* (alma) não existe sem *basar* (carne). O ser humano é *basar* em um aspecto e *nefesh* em outro. É necessário fazer um esforço de corrigir o inevitável dualismo da nossa mentalidade. *Basar* é a realidade concreta e carnal da existência humana e *nefesh* é a sua personalidade.

Ruah-pneuma (espírito) expressa a relação dinâmica entre Deus e o ser humano. Designa a pessoa guiada por Deus para as promessas salvíficas. *Ruah* dá consistência ao binômio *basar-nefesh*. Sem *ruah* (espírito) o *nefesh* (alma) não subsistiria. É o sopro vital de Deus. Mostra que o ser humano está numa relação essencial com Deus. Manifesta a força divina que restaura o ser humano e torna-o um ser livre e responsável. É um dom de Deus que, por puro amor, retira o homem da morte. Designa, por isso, o princípio da nossa ressurreição. Trata-se dum princípio divino que Deus infunde no ser humano por meio da comunicação do Espírito Santo e que toma conta dele.

Na língua hebraica do Antigo Testamento não havia uma palavra para designar o corpo como forma global da parte física do ser humano. Fala-se em coração, rins, olhos, mãos, pés, ossos, entranhas, sangue, mas não no corpo como um todo. Em cada uma destas realidades biológicas está presente o homem todo, enquanto manifestação de uma atitude específica. Na vertente semita do pensamento não existe o dualismo e o conseqüente antagonismo entre corpo e alma. Portanto, a Bíblia professa um monismo antropológico. O dualismo entrou no cristianismo por outros caminhos (platonismo, maniqueísmo).

5. LUGAR DO CORPO NA PERSPECTIVA HEBRAICA E HELÊNICA[9]

No **mundo hebreu**, o indivíduo toma consciência de si como membro de um povo. Ele participa de uma esperança coletiva. A morte individual é um fato natural. A morte da nação hebraica é algo impensável porque a aliança de Javé é eterna. O indivíduo integra-se no destino do povo e sua salvação consiste em identificar-se ativamente com ele. Não existe outro

futuro que o futuro coletivo. Quando esta esperança coletiva entra em crise, a própria identidade se quebranta. O indivíduo, privado do sucesso coletivo, retorna às contradições do cotidiano e preocupa-se com a própria sobrevivência.

A Bíblia aponta sempre para uma esperança coletiva. O indivíduo torna-se corpo no povo a ponto de seu destino não ser outro que o destino do povo. Faltando o futuro social e político, o povo é restituído a seus corpos, porque não existe mais esperança. A noção de ressurreição emerge na consciência do hebreu tardiamente (época pós-exílica) como fruto de um pensamento popular que subjetiviza o corpo coletivo, privado da esperança histórica. Privado do futuro terrestre, o povo dá outro futuro aos indivíduos: a ressurreição. Mas esta ressurreição só pode ser um fenômeno coletivo (Ez 17).

Na **mentalidade grega** não existe uma promessa messiânica, mas apenas a indiferença dos deuses. O povo só tem o futuro forjado por sua fragilidade. Não existe esperança coletiva que supera o fracasso individual. O destino individual coloca-se em termos éticos: a morte é uma infelicidade para quem coloca sua esperança neste mundo, mas para quem rompe com os desejos deste mundo, a morte é uma libertação. Não existe nenhuma segurança neste mundo porque não existe esperança. O corpo que me liga a este mundo é votado à destruição. Só quem acredita na imortalidade da alma mediante uma opção ética que transcende a vida empírica pode esperar que além da morte continue a sua opção. Assim, o esquema da imortalidade não está, em primeiro lugar, ligado a uma antropologia dualista, mas à necessidade de superar a angústia que nasce da sorte do ser humano diante da morte quando não existe esperança coletiva. O indivíduo não pode fazer corpo com um povo, por isso o seu corpo não tem sentido e seu destino é a destruição. O desafio da morte recai totalmente sobre o indivíduo e a solução do desafio é ética: aspirar à libertação da alma por meio da destruição do corpo.

Os **hebreus**, ao contrário, têm uma esperança coletiva e não precisam recorrer à imortalidade para responder à morte. A resposta vem da esperança ligada à aliança de Javé com seu povo e deste entre si. Se existe vitória sobre a morte ela só pode ser coletiva. Esta vitória deve ser averiguada corporalmente. O corpo forma o suporte e o lugar da coexistência comunitária. A ética não é mais a solução ao desafio da morte, mas a resposta à interpelação do rosto do outro.

Enquanto o povo não foi ameaçado em sua sobrevivência coletiva, na sua existência fraterna, a questão da morte não se colocava. Quando a sobrevivência, como povo, periclitou, apareceu a pergunta sobre a morte, mas a resposta foi dentro do paradigma da aliança. A aliança não pode falhar mesmo diante da morte. Contudo, é necessário que a vitória sobre a morte seja coletiva para que a aliança continue. Se esta aliança tem, como suporte e lugar, o corpo, é impensável que a realização da promessa não seja corporal. Daí a resposta por meio da ressurreição coletiva dos corpos no final dos tempos.

6. LUGAR DO CORPO NA PERSPECTIVA NEOTESTAMENTÁRIA

Jesus assumiu a esperança coletiva judaica ao anunciar o Reino de Deus. Este não é só tempo de espera, mas tempo de realização. Os sinais que atestam a realização do Reino são corporais: curas, multiplicação de pães, expulsão de demônios etc. Jesus é a presença corporificada de Deus na humanidade. Deus armou a sua tenda entre nós na existência corpórea de Cristo. A partir da ressurreição, começará a construção da Igreja como lugar onde os

corpos serão reunidos pelo Espírito Santo num corpo social e místico até a vinda definitiva e plena do Reino. As relações que ligam as pessoas entre si para a formação deste corpo em vista do Reino definitivo são ligadas ao concreto da vida: dar de comer, vestir etc. O Novo Testamento não rompe a perspectiva messiânica judaica. A antecipação real do Reino no corpo ressuscitado de Cristo, doador do Espírito, reúne as pessoas dispersas num só corpo.

Paulo[10] é o único escritor neotestamentário que faz uma teologia do corpo. Somente ele atribui valor doutrinário a este conceito. Pode-se afirmar que o corpo é a palavra-chave para a compreensão de toda teologia paulina. Emprega uma palavra típica da mentalidade grega, ***soma***, e desconhecida para o Antigo Testamento, mas lhe dá um novo significado dentro da mentalidade hebraica. A salvação de Cristo manifesta seus efeitos no corpo. A ressurreição de Cristo significou a vitória sobre as corporificações do pecado e da morte. Esta vitória acontece no batismo, quando o catecúmeno é inserido no corpo ressuscitado de Cristo e sente-se como nova criatura no seu próprio corpo não mais votado à morte e ao pecado. Esta realidade acontecepor meio de uma vasta solidariedade que forma um **corpo social** que é a **Igreja**. A salvação é fruto de uma **solidariedade soteriológica em Cristo**: formar um só corpo em Cristo. Assim o papel central do corpo na teologia paulina está ligada à sua concepção coletiva e solidária de salvação.

Da perspectiva hebraica e cristã pode-se concluir e afirmar que **só uma esperança coletiva assigna ao corpo o seu verdadeiro lugar.** Lá onde a esperança coletiva falha, brotam as inquietudes individuais. Diante dessas inquietudes, o ser humano retira-se para a serenidade interior e esta só é possível fora do corpo que, por sua vez, é votado à morte. É a **via grega de solução**. A salvação do corpo e a fé na ressurreição são idéias essencialmente ligadas à idéia de um destino coletivo. É a **via bíblica**. Na perspectiva de uma esperança coletiva, o corpo é o vetor e o lugar de comunicação e comunhão. Ele é o mediador da relação e da salvação.

Na medida em que desaba este tipo de esperança, o corpo perde a sua função mediadora na relação com Deus e esta torna-se puramente interior. Onde renascem os messianismos coletivos, luta-se contra representações individuais de salvação. Onde desabam as esperanças coletivas, aparecem formas gnósticas de salvação que excluem o corpo e refugiam-se no espiritual.

A noção de corpo de Cristo fala de salvação coletiva e esta exige o corpo. A afirmação do corpo, como lugar de salvação, só tem sentido no contexto de uma esperança coletiva, ligada à promessa. Fora desta esperança, a questão do corpo, da morte e da salvação recaem sobre o indivíduo e este refugia-se no seu interior solipsista. Diante desta constatação, surge a pergunta: o individualismo moderno pode assignar um lugar autêntico ao corpo? A reapropriação atual do corpo é uma verdadeira redescoberta do corpo? É possível valorizar o corpo no contexto de uma mentalidade individualista que desconhece esperanças coletivas?

7. VISÃO CRISTÃ DO CORPO

O cristianismo não é considerado historicamente como uma religião que tenha valorizado a condição corpórea da pessoa humana, mas, ao contrário, como o promotor de idéias depreciativas do corpo. Contudo, é necessário afirmar que estas idéias são estranhas à genuína mensagem cristã. Fazem parte de uma concepção espúria que entrou no cristianismo e deturpou a sua originalidade. As duas afirmações basilares da fé cristã têm a ver com o corporeidade: **Encarnação do Verbo** e **Ressurreição do corpo**. A salvação cristã

passa necessariamente pelo corpo. Neste sentido, o cristianismo, por conter uma proposta salvífica coletiva, está centrado na realidade corpórea e pode oferecer uma luz para a atual reaproximação e valorização do corpo. Idéias depreciativas do corpo entraram no cristianismo como fruto de uma concepção individualista de salvação, típicas do adágio "Salva a tua alma". Por isso, é preciso superar o **dualismo axiológico grego** que nega o corpo como expressão da pessoa e o **dualismo metodológico moderno** que separa corpo e espírito como duas realidades subsistentes em si mesmas e que deu origem à representação individualista do corpo. Frente ao dualismo grego afirmar o **corpo como epifania da pessoa** e frente ao invidualismo moderno afirmar o **corpo como metáfora comunitária**.

7.1. Corpo como epifania da pessoa

Na língua alemã existem dois termos para referir-se ao corpo: ***Körper*** designa o corpo como "objeto" ou "coisa" ao qual o médico se refere e ***Leib***, o corpo como "próprio" ou "vivo". O segundo diz respeito à experiência humana da condição corpórea. Compreende o modo de ser espácio-temporal, o estar situado no mundo e a experiência propriamente humana do corpo que engloba a dimensão psíquica e espiritual. A experiência do corpo próprio não se identifica simplesmente com o corpo físico. O exemplo para confirmar esta afirmação é o "**membro fantasma**". A pessoa que perdeu algum membro continua a sentir a sua presença ou, o contrário, quando alguém por distúrbios psicológicos deixa de sentir algum membro, temos o caso de um "membro fantasma". Esta sensação está ligada ao "esquema corporal", formado a partir da experiência com o próprio corpo e não identificado com o corpo físico[11]. Este esquema aponta para esta realidade corporal que depende mas transcende a pura materialidade biológica e está impregnada do psíquico e do espiritual. A esta corporeidade está referida a afirmação do "corpo como epifania da pessoa".

O dualismo, tanto o **axiológico** do platonismo quanto o **metodológico** do cartesianismo moderno, não considera o corpo como o lugar de manifestação e atuação da pessoa, porque separam radicalmente a pessoa do seu corpo transformado em objeto de desprezo ou de possessão. Tanto a mentalidade órfico-platônica depreciativa do corpo quanto aquela moderna que o reduz a algo exterior a ser usado, referem-se ao corpo físico e não conferem o devido lugar à dimensão corpórea do ser humano. Muitas técnicas atuais de construção do corpo respondem a um modelo físico estereotipado que o instrumentaliza. Submete-se o corpo a uma malhação exterior para que responda a este estereótipo e não se considera a corporeidade humana, isto é, é expressão da pessoa. As técnicas de relaxamento e integração corporal devem ajudar a este objetivo: tomar consciência da corporeidade, tornar o corpo expressão da pessoa.

O corpo participa, em tudo, da realização da pessoa como um todo. O corpo é o primeiro âmbito no qual o ser humano experimenta e realiza a sua existência. Neste sentido é a epifania da pessoa. O corpo não é simplesmente algo que se tem, mas existe-se nele e não se concebe outra maneira de existir.

O desenvolvimento ou maturação pessoal não se realiza senão mediante e areavés da contribuição determinante da corporeidade. A condição corpórea é o sinal e a garantia da historicidade da existência humana e, por isso, o motor de todo desenvolvimento pessoal. A corporeidade é o meio de interiorizar a realidade exterior e integrar elementos novos na experiência.

A condição de possibilidade deste significado da corporeidade é que o corpo é o **substrato material da subjetividade humana**. A corporeidade é a modalidade

ontológica pela qual a vida autoconfigura-se como eu pessoal[12]. Existe uma identidade entre o eu que sou e a corporeidade que sou enquanto eu mesmo. Este é o sentido da afirmação de que a pessoa humana não tem corpo, mas é corpo.

Esta íntima relação entre o eu pessoal e a corporeidade é a base antropológica para a afirmação cristã da ressurreição do corpo, necessária para a sobrevivência do sujeito pessoal após a morte. A teoria da reencarnação nega esta relação e reduz o corpo a uma realidade descartável, porque o identifica simplesmente com a materialidade biológica, votada destruição.

Existe uma relação tremendamente complexa e contraditória entre o existente e o seu corpo. O corpo define o *aqui e agora* da presença, no meio de uma malha de múltiplas relações com as outras pessoas e as coisas. O corpo é o ponto de ancoragem do existente no mundo ou, como diz Merleau-Ponty, o lugar do desenrolar de uma história singular na qual a pessoa procura realizar o seu destino ou a sua tarefa a desempenhar[13].

A existência coincide com o corpo na medida em que, por ele, ela é identificável, insere-se na realidade circundante, volta-se ao seu semelhante que é objeto do seu desejo e do qual espera ajuda[14].

Mas, assim como se afirma esta íntima identificação entre a existência particular e o corpo, é necessário apontar ao mesmo tempo a ocorrência de estranhamento entre o eu e o corpo. Isso acontece, por exemplo, na adolescência, quando o ser humano não se encontra ajustado ao seu corpo ainda em contínuo crescimento. Outro caso é a pessoa que não aceita uma anomalia corporal e gostaria de desvencilhar-se do seu corpo. A dor e a doença fazem emergir um distanciamento em relação ao próprio corpo, porque a pessoa começa a desconhecer e a surpreender-se com suas reações. O oprimido que sente os estigmas da exploração estampadas no seu físico pode desenvolver também este estranhamento, porque o corpo manifesta continuamente a opressão.

Estes distúrbios corporais mostram que existe um desajuste entre a pessoa e o seu corpo que provoca o distanciamento. Este desajuste vem justamente reafirmar a íntima relação entre o corpo e o eu pessoal. O desajuste do eu pessoal com o seu corpo aponta para o desajuste com o seu meio, com o mundo como verdadeira causa. Este descompasso com o entorno manifesta-se no corpo, porque este é a base para situar-se e perceber o mundo. Distúrbios psicológicos mostram os seus efeitos na realidade corporal, devido a esta íntima relação entre o eu pessoal, o corpo e o mundo.

7.2. Corpo como metáfora da sociedade

O ser humano tem essencialmente uma estrutura relacional e o corpo é a presença e a linguagem desta estrutura. A corporeidade é a forma visível na qual e mediante a qual a pessoa se faz presente ao outro e se comunica com ele.

O ser humano é corpo mas não o é desvinculado de outros corpos. É corpo em relação à perspectiva de outros corpos. O reconhecimento da própria corporeidade acontece na presença e mirada de outros corpos. A corporeidade é algo que vai além do corpo próprio porque engloba relações com outros corpos. Por isso, pode-se falar de uma **corporeidade comunitária e social**, porque a teia de relações faz parte da experiência do corpo[15].

A corporeidade é exigência de encontro e lugar de sua realização. Por meio do corpo, é possível estar presente ao outro, expressar amor e solidariedade, testemunhar a convivência comunitária. É o meio de se comunicar com o outro. A corporeidade é igualmente reveladora da iden-

tidade e do mistério do outro. É o lugar em que se manifesta o respeito e o cuidado com a dignidade humana. É no corpo que se manifestam as demonstrações de atenção ao outro e os estigmas do seu não--reconhecimento.

A verdadeira experiência da corporeidade humana é feita a partir e dentro de uma corporeidade comunitária, porque a formação do "corpo próprio" é gestada essencialmente dentro de uma teia de relações com o entorno. Por isso, só é possível uma apropriação sadia do corpo onde existe um **destino** e uma **esperança coletiva** que sustenta esta teia de relações.

O cristianismo afirma esta realidade quando proclama que os fiéis, pelo **batismo**, formam um só corpo em Cristo que é a Igreja como vivência antecipada das promessas do Reino definitivo. No batismo existe uma identificação com Cristo na sua morte e ressurreição. O que Cristo realizou, na cruz, com o seu corpo de carne reproduz-se pelo batismo e deve reproduzir-se na conduta e na vida do cristão. Cristo destruiu com a *kénosis* do seu corpo os poderes da morte, do pecado e da lei. Estes poderes mantinham cativo o corpo entregue ao pecado e à morte. Paulo afirma: *Compreendamos bem isto: o nosso homem velho foi crucificado com Cristo para que seja destruído esse corpo de pecado e, assim, não sejamos mais escravos do pecado* (Rm 6,6). Formando um só corpo místico no corpo glorificado de Cristo, o batizado experimenta a vitória sobre estes poderes no seu corpo. O corpo torna--se uma oferenda espiritual de caridade. Esta transformação é possível pela inserção no corpo glorificado de Cristo que se identifica com o corpo comunitário e místico da Igreja como comunidade dos redimidos que vivem a antecipação das promessas do Reino. Para Paulo, existe uma íntima inter-relação e identificação entre o corpo glorificado de Cristo no qual se realizaram as promessas, o corpo místico no qual elas são antecipadas e o corpo eucarístico que as celebra.

A vivência das promessas do Reino acontece corporalmente: matar a sede, dar de comer e de vestir, visitar na prisão, acolher o estrangeiro (Mt 25). A vitória sobre os poderes que impulsionam as obras da carne precisa mostrar-se por meio de uma conduta de **obras espirituais**. Estas são todas de cunho corporal e ligadas à caridade cristã. Os efeitos da ação salvífica, realizada no batismo, precisa mostrarse corporalmente. A mediação para esta ação salvífica é a incorporação numa comunidade salvífica detentora das promessas messiânicas.

Devido a estas implicações comunitárias, o corpo torna-se uma **metáfora da sociedade**. O corpo é um espelho da realidade social. Já que a corporeidade humana é tecida numa teia de relações sociais, ela expressa estas relações. Na maneira de tratar e representar o corpo, a sociedade retrata o seu rosto. O corpo é o indício da sanidade de uma sociedade. Uma sociedade é sadia se ela consegue criar e concretizar esperanças coletivas. O critério para avaliar a existência destas esperanças é a formação de uma corporeidade comunitária e a concretização em realizações corporais. As sociedades individualistas não concebem um destino coletivo e, por isso, não conseguem criar um corpo social organizado e conseqüentemente a corporeidade não recebe o seu devido valor como realidade humana.

7.3. O corpo como ícone de Deus

O corpo humano não pode ser entendido como uma forma inferior de vida e nem um meio para alcançar um objetivo e muito menos como algo a ser superado e negado. A corporeidade é a manifestação da criaturalidade humana e o sacra-

mento da pessoa, feita à imagem e semelhança de Deus.

Para a tradição bíblica, a corporeidade é o **fim de toda obra criativa de Deus**. Ele criou pessoas físicas e corporais à sua imagem e semelhança. A semelhança divina não está na espiritualidade da pessoa e nem naquilo que a diferencia do animal; a corporeidade do ser humano é a imagem de Deus no mundo. Por meio do corpo é que acontece o *crescei e multiplicai-vos e dominai a terra*. O corpo, enquanto epifania, conscientiza a pessoa de que é criatura e imagem de Deus. Tudo o que ela realiza toma forma no seu corpo. A corporeidade é também o **fim da obra salvífica de Deus**: *O Verbo se fez carne e habitou entre nós*. Tornando-se carne, Deus assumiu a carne doente e pecadora da pessoa e a curou. Na forma corporal de Cristo é trazida a reconciliação à humanidade. Em sua encarnação, os corpos sofridos e explorados experimentam salvação e dignidade. Finalmente, a corporeidade é igualmente o **fim da reconciliação escatológica dos últimos tempos**. A nova terra e o novo céu completam a salvação e a nova corporeidade transfigurada é a realização da plenitude no Espírito. A salvação começa com a dádiva do espírito e finaliza com a transfiguração do corpo. Começa com a renovação do coração e termina com um mundo novo e justo[16].

O corpo é presença e linguagem da criatura humana frente a Deus. A experiência de Deus e de sua proximidade tornam-se possíveis pela dimensão corpórea da criatura humana. Esta historicidade corpórea implica duas certezas fundamentais: a **dependência ontológica** e **moral** de Deus. O ser humano não é autocriador de si mesmo. Existe como expressão de um gesto de amor de Deus de quem depende. Esta criaturalidade não é marginal, mas constitutiva da condição corpórea do homem. O ser humano recebe a si mesmo numa relação com Deus. O lugar de experiência desta dependência é a corporeidade. É por meio do corpo que a pessoa capta-se como criatura dependente de um absoluto. A corporeidade não é só sinal da dependência ontológica de Deus, mas também espaço e lugar da opção na qual o ser humano decide-se frente a Deus e aos seus mandatos. Na corporeidade é que o homem diz "sim" ou "não" ao Absoluto que o supera. Por meio do corpo é que responde a este mandato e mostra-se moralmente dependente. Ele não é o critério de definição do bem. Este é o significado do mandato de Gn 2,16s[17].

Neste sentido, o corpo é o ícone de Deus, porque é a memória da criaturalidade e dependência de Deus. Ele continuamente nos lembra que fomos criados por Deus à sua imagem. Por isso, é no corpo que se manifesta a semelhança divina. O corpo não só nos conscientiza de que somos fruto do dom de Deus, mas também possibilita a resposta. É por meio do corpo que voltamos a Deus, respondendo ao seu apelo de comunhão. Paulo diz aos romanos: *Eu vos exorto pois, irmãos, em nome da misericórdia de Deus, a oferecerdes os vossos corpos em sacrifício vivo e agradável a Deus: este será o vosso culto espiritual* (Rm 12,1). Já que o corpo identifica-se com a pessoa toda, oferecer o corpo significa oferecer a si mesmo. É interessante notar que esta oferta da pessoa na sua condição corpórea é um culto espiritual. Numa visão dualista não seria possível esta afirmação. A resposta ao apelo de Deus acontece na condição corpórea. O ser humano presta culto a Deus por meio do corpo. Esta é uma afirmação cheia de conseqüências para o modo de viver a fé. A maturidade espiritual é encontrar a Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus. Ora, o acesso a todas as coisas acontece por meio do corpo. Portanto, é necessário ir a Deus por meio da condição corpórea e, no fundo, encontrar a Deus no e pelo corpo. Este é o caminho, porque o próprio Deus para tornar-se acessível assumiu um corpo.

CONCLUSÃO

O cristianismo, uma religião essencialmente corporal, apropriou-se historicamente de idéias depreciativas do corpo. Esta invasão indevida trouxe conseqüências funestas, a maior delas uma visão redutiva de salvação que não passava pelo corpo. Esta visão depreciativa do corpo manifestou-se mais fortemente na compreensão e na vivência da Vida Religiosa. Hoje, assiste-se, nela, a uma recuperação benéfica da condição corpórea como única mediação de encontrar a Deus e servir os irmãos. Os religiosos, por sua profissão, deveriam ser aqueles que vivem uma harmonia corporal na qual o corpo é a epifania da pessoa, a mediação da solidariedade e o caminho de encontro com Deus. Assim, eles poderão ser um testemunho da verdadeira valorização corporal a partir de esperanças coletivas que supere a representação individualista e narcisista presente na cultura pós-moderna atual.

NOTAS

1. J. Gritti, Le corps aujourd'hui. Approche sociologique. *Études* 361, (1984), pp. 475-482.
2. S. Spinsanti, "Corpo", in *Dicionário de Espiritualidade*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1989, pp. 205-212.
3. Ibidem, pp. 212-218.
4. H. Bejar, *El ámbito íntimo*, Madrid, Alianza, 1988, p. 212 apud: J. Martínez Holgado, En el centro de la burbuja (En tomo al narcisismo), *Sal Terrae*, 77 (1989), p. 814.
5. Ch. Lasch, *La cultura del narcisismo*. L'individuo in fuga dal sociale in un'etá di disillusioni colletive, Milão, Bompiani, 1992; G. Lipovetsky, *La era del vacío*. Ensayos sobre el individualismo contemporáneo, Barcelona Anagrama, 1986.
6. D. Le Breton, *Anthropologie du corps et modernité*, Paris, PUF, 1990, pp. 29-62.
7. Ibidem, pp. 63-82; Ch. Ramond, Sur quelques problèmes posés par la conception mécaniste du corps humain au XVII siècle, in J.-Ch. Goddard — M. Labrune, *Le corps*, Paris, Vrin/Intégrale, 1992, pp. 107-113; J. Marques, *Descartes e sua concepção de homem*, São Paulo, Loyola, 1993.
8. C. Squarise, "Cuerpo", in L. Rossi — A. Valsecchi, *Diccionario enciclopédico de Teología moral*, Madri, Paulinas, 1980, pp. 148-151.
9. Ch. Duquoc, Le salut des corps: de l'immortalité à la résurrection, *Lumière et Vie*, n. 166 (1984), 85-94.
10. J.A. Robinson, *El cuerpo*. Estudio de Teología paulina, Barcelona, Ed. Ariel, 1968.
11. J.J. López Ibor — J.J. López-Ibor Aliño, *El cuerpo y la corporalidad*, Madri, Ed. Gredos, 1974.
12. R. Kühn, Le corps retrouvé. Une phénoménologie subjetive radicale appliquée à une investigation sur la corporéité, *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 72 (1988), p. 563.
13. F. Chirpaz, Ambigüité du corps et identité personelle, *Lumière et Vie*, n. 166 (1984), p. 45.
14. Ibidem, p. 46.
15. Ph. Ngumba, Vida y corporalidad, *Christus*, 52 (1987), n. 605, pp. 20-21.
16. J. Moltmann, *Doutrina ecológica da criação*. Deus na criação. Petrópolis, Ed. Vozes, 1993, pp. 351-353.
17. C. Ronchetta, *Hacia una Teología de la corporeidad*, Madri, San Pablo, 1993, pp. 142-143.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

Ao longo do seu artigo, o autor faz algumas perguntas particulamente importantes na temática abordada. Após uma leitura atenta do texto, procure responder em comunidade a estas perguntas:

1. Se o corpo é tão importante para a experiência humana, a sua redescoberta e recuperação aponta para um fenômeno significativo e de transcendental importância. Como foi possível, então, a desconfiança e o desprezo em relação ao corpo?

2. A cultura atual é definida como uma cultura centrada no corpo. O corpo é um componente central da realização humana e o eixo estruturador da vivência existencial. Qual é a compreensão de corpo presente nesse contexto cultural?

3. O individualismo moderno pode assignar um lugar autêntico ao corpo?

4. A reapropriação atual do corpo é uma verdadeira redescoberta do corpo?

5. É possível valorizar o corpo no contexto de uma mentalidade individualista que desconhece esperanças coletivas?

ELEMENTOS PARA A ANÁLISE DE CONJUNTURA

O QUADRO MIGRATÓRIO ATUAL NO BRASIL

Transcrito do encarte do boletim de notícias da CNBB nº 323

INTRODUÇÃO

O fenômeno migratório, hoje, no Brasil, apresenta algumas novas características que tendem a se acentuar, na medida em que avança o processo de globalização da economia e é exigida mão-de-obra cada vez mais qualificada. O desemprego, tendência crescente em todo o mundo, faz com que surjam novos fluxos migratórios e em volume cada vez maior. É o caso dos brasileiros no exterior, cerca de 1,5 milhão, do aumento das migrações temporárias no Brasil e da volta ao campo de muitos migrantes que se encontram desempregados na cidade. Segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio, dos 4,5 milhões de novos empregos criados no Brasil entre 1990 e 1993, 4,07 milhões foram criados no campo. Pela primeira vez houve um retorno de trabalhadores da cidade para o campo.

Historicamente, as migrações têm sido um fenômeno controvertido. Tolerados quando representam um estoque de mão-de-obra, os migrantes ganham a conotação de emergência social se essa oferta se torna exorbitante em relação à demanda do mercado. Atualmente, podemos constatar que o chamado processo de globalização econômica conforma um movimento que visa facilitar a livre circulação de mercadorias e de capitais e, ao mesmo tempo, crescem as manifestações de racismo e de xenofobia e a preocupação com os "indesejados" ocupa cada vez mais as agendas políticas.

O medo que se alastra nos países ricos expressa uma flagrante contradição entre as políticas de demolição de fronteiras pleiteadas pelas corporações econômicas transnacionais e as restrições impostas à liberdade de circulação das pessoas. Políticas restritivas aplicadas à imigração estrangeira, a pretexto de proteger os trabalhadores nacionais, servem, muitas vezes, como canais para a circulação de mão-de-obra clandestina.

DO TERCEIRO PARA O PRIMEIRO MUNDO

No atual período, os movimentos migratórios internacionais predominantes ocorrem dos países pobres em direção aos países desenvolvidos e inserem-se no contexto do processo de globalização econômica, de flexibilização da produção e circulação das mercadorias e capitais. O mercado de trabalho seletivo e em processo de retração sedimenta cada vez menos o trabalhador e a migração clandestina constitui hoje, no cenário mundial, o tipo de movimento específico. Até a década de 70, as migrações eram necessárias e bem-vindas. De lá pra cá, tornaram-se competitivas e passaram a ser discriminadas.

Temos a precarização dos contratos de trabalho e o crescente desemprego faz com que os trabalhos "sujos e pesados", até então realizados por migrantes do terceiro mundo, passem a ser cada vez mais demandados pelos trabalhadores nativos, ou seja, dos países que absorviam migrantes. Podemos dizer que a clandestinização da migração é uma tendência crescente no mundo hoje. É o que enfrentam grande parte dos 610 mil brasileiros no Estados Unidos e os mais de 170 mil no Japão.

AS MIGRAÇÕES LIMÍTROFES

Entre o Brasil e os países limítrofes, há fluxos migratórios recíprocos. Um dos já conhecidos é o dos brasileiros no Paraguai. Calcula-se que sãq cerca de 400 mil brasileiros que emigraram para aquele país. Entretanto, a partir da década de 80, começou um processo de retorno; são os chamados brasiguaios. Existem também cerca de 15 mil brasileiros que emigraram para a Bolívia. São migrantes internos que buscaram melhores condições de vida no Acre e que foram trabalhar nos seringais bolivianos.

No sentido inverso, ou seja, saindo dos países fronteiriços e/ou sul-americanos, temos importantes fluxos migratórios que chegam ao Brasil. São bolivianos, paraguaios, chilenos e peruanos, entre outros. Essa imigração inicia-se de forma expressiva ainda nos anos 70 e constitui um contigente marcado pela clandestinidade. Sabe-se que a maior concentração desses imigrantes está nas cidades de São Paulo e Porto Alegre, além de Curitiba, Foz do Iguaçu, Belo Horizonte, Corumbá, Campo Grande, Caxias do Sul e nos estados do Acre e Rondônia.

A grande maioria dos hispano-americanos que migram para o Brasil, atualmente, o fazem por questões econômicas. Em busca de melhores condições de vida, cruzam a fronteira como turistas e como clandestinos. No primeiro caso, ao vencer o visto de turistas tornam-se irregulares e, no segundo, são clandestinos. Ambos, como indocumentados, não podem usufruir dos direitos garantidos aos cidadãos brasileiros natos, ou naturalizados. No Brasil, esses imigrantes enfrentam cultura e língua diferentes e a rigidez da Lei dos Estrangeiros que os impede de ter acesso à documentação. Social e culturalmente silenciados, experimentam a solidão de estar em um país estranho e vivem sob o medo de serem delatados e deportados. São obrigados, muitas vezes, a negar a própria nacionalidade como expediente de defesa.

A Lei dos Estrangeiros, datada de 1980, dificulta o processo de documentação, limitando o acesso a serviços públicos, tais como escola, assistência médica e outros. Crianças estrangeiras continuam proibidas de matricular-se nas escolas públicas de algumas cidades do Brasil. Em São Paulo, com a suspensão da Resolução Estadual SE-09/90, em 02 de fevereiro de 95, pelo Governador do Estado, permitiu-se às crianças o ingresso nas escolas públicas. Porém, ainda há resistência em algumas escolas que ameaçam não entregar o histórico escolar e negar a renovação de matrícula, caso os pais não regularizem a documentação.

Há uma grande inquietação no sentido de que o Mercosul venha a integrar os mercados e barrar os migrantes. Discursos sobre a integração, destacando a cultura e o estudo da língua espanhola nas escolas, não expressam a real situação dos migrantes que sequer podem dar aula de espanhol, uma vez que não conseguem ter seus diplomas reconhecidos. Para esses migrantes, o impacto da recessão e desemprego está sendo ainda mais violento.

MIGRANTES INTERNOS

A rejeição dos migrantes não ocorre somente em relação aos estrangeiros, dá-se também com os migrantes internos, embo-

ra o fluxo migratório não seja tão intenso como nos anos 60 e 70, quando cerca de 28,5 milhões de pessoas migraram do campo para a cidade. Por outro lado, verifica-se hoje uma intensa circulação de migrantes. A atual dinâmica migratória interna apresenta uma diminuição dos fluxos de longa distância. Acentuam-se os movimentos intrametropolitanos do centro para a periferia.

Há que se ressalvar, porém, que os instrumentos tradicionais de coleta de dados não captam, ou o fazem precariamente, o ir e vir intermitente dos migrantes temporários, categoria crescente no Brasil. O aprofundamento da crise econômica está provocando, via tecnificação da produção, um processo estrutural de desemprego. A eliminação de postos de trabalho compele as pessoas a se deslocarem. Aumentam, portanto, as causas que levam as pessoas a migrar e diminuem as perspectivas de se encontrar trabalho. Com o aumento do desemprego e sem a alternativa das frentes de colonização agrícola, desfez-se o binômio origem-destino que demarcava a orientação dos fluxos migratórios pelo menos até o início dos anos 80.

A este cenário, acrescente-se que para muitos migrantes está sendo proibida ou dificultada a permanência onde são indesejados. Os jornais têm noticiado, freqüentemente, as tentativas de barrar a entrada de migrantes em diferentes cidades brasileiras. Já se fala, atualmente, de uma nova categoria migratória: os itinerantes, migrantes provenientes dos estratos mais pobres da população que, desempregados e sem poder fixar raízes, tendem a se transformar em "andarilhos", sem qualquer referência estável, seja de trabalho, moradia e até familiar.

Na região da agroindústria de Ribeirão Preto, trabalham hoje cerca de 130 mil pessoas. Estudos indicam que num prazo de cinco anos este número será de apenas 35 mil. Um exemplo pode ilustrar isso. O transporte era feito por simples caminhões. Recentemente, foi acoplado a este um outro carretão, conhecido como "Romeu e Julieta". Neste caso, temos um emprego de um motorista a menos. Atualmente, existem os "treminhões", são dois carretões acoplados a um caminhão. Está em fase de estudos o "foorminhão", ou seja, são acoplados a um caminhão, mais três carretões. Este sistema, além de desempregar 03 motoristas, atrapalha o trânsito e destrói a camada de asfalto das estrada devido ao peso excessivo.

Pelo processo de terceirização, a Usina Santa Elisa, em Sertãozinho, SP, vem diminuindo gradativamente o número de seus empregados. Há dois anos, ela possuía 6.300 funcionários. Demitiu 1,5 mil e, em apenas um ano, aumentou a produtividade em 15% e o custo da produção do açúcar é 20% menor do que há cinco anos. Para o próximo ano, prevê que permanecerão trabalhando cerca de 3 mil, ou seja, mais 1,5 mil serão demitidos. Tudo em nome da eficiência e da produtividade. Substituídos pelas máquinas, estes migrantes temporários, provenientes em sua grande maioria de Minas Gerais, dirigem-se ao Mato Grosso, onde a mecanização ainda não é intensa.

Do ponto de vista dos empresários e usineiros, é uma ótima iniciativa, pois diminui custos e aumenta a produtividade. Do ponto de vista social e ético, porém, não é assim. Além de milhares de pais de família perderem o seu emprego, essa modernização traz sérios problemas sociais como conseqüência do desemprego.

Do Nordeste brasileiro continuam saindo migrantes: para a região canavieira ou zona da mata dos estados do Nordeste; para o Centro-Sul, especialmente Rio de Janeiro, São Paulo e Distrito Federal.

Do norte do Paraná partem milhares de migrantes em direção aos cerrados do oeste mineiro para a colheita de café. Reali-

CONFERÊNCIA
DOS RELIGIOSOS
DO BRASIL: CRB NACIONAL

Rua Alcindo Guanabara, 24 – 4º andar – Cinelândia – Tel.: (021) 240-7299
20038-900 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1º de novembro de 1996

Como já lhe escrevi em outubro de 1996, está à sua disposição, na CRB Nacional ou na sede de sua CRB Regional, o livro **Para Fazer Bem o Retiro — 4. A Celebração de Abertura.** Você não vai se arrepender de adquiri-lo e usá-lo. É um volume pequeno. Tem apenas 80 páginas no formato 21x14cm. Procure folheá-lo, lê-lo e rezá-lo. Sinalizo aqui alguns traços de seu conteúdo. Mas livro não se resume. O jeito é ler. São cinco capítulos. Ler é um convite ao raciocínio, à seleção de informações, à escolha criteriosa de alternativas. **A ausência do livro em nossa vida é um complicador a mais.** Novos mundos se abrem a quem lê. A leitura sempre encantou e embalou as pessoas ao longo dos séculos. Ler ensina a viver e incide beneficamente no cotidiano vivido.

O capítulo um tem catorze páginas. É a oração da noite de inauguração do Retiro. **O capítulo dois** tem treze páginas. Traz a oração da manhã do primeiro dia do Retiro. Ambas estas orações têm por objeto a invocação do Espírito Santo. Uma dá continuidade à outra. Rezar é o estado de espírito natural do Retirante. **A oração é a base.** O Retiro será mais ou menos bem-feito na medida da ênfase que se der à oração e no compromisso sério e diário de cada um com ela. A respeito destas orações, escreve o Pe. João Roque Rohr, SJ, Presidente da CRB Nacional:

— Duas orações suficientemente interativas, para efetiva participação de todos e de cada um. Há funções para o Celebrante que preside; para Leitores 1, 2, 3 e 4; para Lado 1 e 2 e para a Assembléia que, como um todo, fala, escuta, aclama, silencia, responde, invoca, agradece, louva, exalta, glorifica. Dois textos para saborear e sentir que rezar sempre sem nunca desanimar é impulso íntimo que vem do Espírito.

O capítulo três, intitulado "Útil para todo e qualquer Retiro", tem treze páginas nas quais você lerá vinte e nove perguntas com suas respectivas respostas sobre o Retiro. Saber se sabe. Tudo está dito e repetido. Virado ao avesso. As palavras estão cansadas. Agora é agir em consonância do que se sabe. Esta é dramaticamente a hora da ação. Se ninguém se torna melhor porque sabe, conhece, tem idéias, raciocina bem, é certo, também, que **um saber crítico amadurece a consciência** e ajuda a transformação das pessoas e das estruturas. O descompromisso com as idéias pode levar à superficialidade que esvazia e deforma nossa identidade.

O capítulo quatro tem dezesseis páginas. É uma leitura teológico-espiritual daquele fato: o encontro do moço rico com Jesus. Seu título: "A pedagogia do olhar". Saber ver para aprender a pensar. O olhar tem uma linguagem expressiva que apóia o processo de comunicação interpessoal. **É preciso saber ler pelo olhar**. Ele poupa palavras ou lhes dá sentido mais profundo. No olhar aflora o interior da pessoa. Partindo do coração, o olhar vai até onde o leva o amor. O olhar de Jesus atingiu, com impacto, a consciência tranqüila do moço rico, Pedro arrependido, Zaqueu deslumbrado, e atinge, de modo idêntico, nossa dimensão psicocorporal e nossa estrutura corpóreo-espiritual, ainda hoje.

O capítulo cinco tem quatro páginas. Traz sugestões de textos para ler, meditar, reler, interiorizar e viver a respeito do Espírito Santo. Na Palavra de Deus lida, rezada, ouvida, cantada, assumida, celebrada, transmitida, interiorizada, intuída, contemplada e vivida está a espinha dorsal da espiritualidade de qualquer Retiro. **Na Palavra de Deus: a marca registrada de qualquer Vida Consagrada**. Na Palavra de Deus, a fonte perene e pura da vida espiritual e a verdade que salva. Estudá-la, lê-la, rezá-la, predispõe o Religioso para a contemplação adquirida, para a meditação consciente e voluntária das verdades da fé. Estudar, ler e rezar a Palavra de Deus é parte integrante da experiência cristã de Deus. Que toda a vida fique impregnada da Palavra de Deus sóbria, profunda, forte e iluminadora.

Adquira, leia, divulgue: **Para Fazer Bem o Retiro — 4. A Celebração de Abertura**. Publicações CRB. Ano, 1996. Páginas, 80. Preço: R$ 4,00. Você não vai se arrepender.

Deus esteja PRESENTE em você. O que ele é. E Deus é tudo. Presente e AGINDO. Fazendo o que ele pode. E Deus pode tudo. **Presença e ação de Deus em nós, por meio de nós, apesar de nós**. É a bênção que lhe envio como ardente desejo da fé. Com afeto e estima fraterna, subscrevo-me, ao seu inteiro dispor,

atenciosamente

Pe. MARCOS DE LIMA, SDB